**Coelho Neto**

*...rtão.*
*A Bico de Pena.*
*Agua de Juventa.*
*Romanceiro.*
*Teatro*, vol. I, (*O Relicário, Os Raios X, O Diabo no corpo*).
*Teatro*, vol. II, (*As Estações, Ao Luar, Ironia, A Mulher, Fim de Raça*).
*Teatro*, vol. IV, (*Quebranto*), comédia em 3 actos, e o sainete *Núvem*).
*Teatro*, vol. V, (*O Dinheiro, Bonança, e o Intruso*).
*Fabulário.*
*Jardim das Oliveiras.*
*Esfinge.*
*Miragem.*
*Apólogos*, contos para crianças, com gravuras
*Inverno em Flor.*
*Mistérios do Natal*, contos para crianças, com gravuras.
*Morto (O)*, memórias de um fuzilado.
*Rei Negro (O).*
*Capital Federal.*
*A Conquista.*
*A Tormenta.*
*Tréva.*
*Banzo.*
*Turbilhão.*

**Alves Mendes**

*Orações e discursos*, 1.º vol.
» » 2.º vol.

**Antonio Vieira (Padre)**

*Sermões completos*, edição em 15 volumes, cuidadosamente revista pelo Padre Gonçalo Alves e impressa sôbre a primeira edição compreendendo tôda a obra oratória do genial prégador (211 sermões e discursos).

---

**Preços**, vêr a tabela em vigor.
**Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.**

## Abel Botelho

### Romances de Patologia Social

*I — Barão de Lavos.*
*II — Livro d'Alda.*
*III— Amanhã.*
*IV — Fatal Dilema.*
*V — Próspero Fortuna.*
*Sem remédio*, romance.
*Os Lázaros*, romance.
*Mulheres da Beira*, contos.
*Amor Crioulo*, novela.

## Alfredo Varela

*Revoluções cisplatinas*—A República Riograndense, 2 grossos volumes com gravuras.

## Augusto Casimiro

*Sidónio Pais*, notas sôbre a intervenção de Portugal na grande guerra.

## Basilio Teles

*Problema Agrícola.*
*Estudos históricos e económicos.*
*Carestia da vida nos campos.*
*Problema do trabalho Nacional.*
*Do ultimatum ao 31 de Janeiro;* esbôço de história política.
*O livro de Job.*
*Prometeu Agrilhoado.*
*A guerra*, opinião sôbre o conflito europeu.
*Agricultura e tributo*, no prélo.
*Figuras portuguesas* — Pedro Alvares Cabral; Vasco da Gama; D. Francisco de Almeida; Fernão Magalhães, no prélo.

---

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

# MIRAGEM

COELHO NETTO

COELHO NETTO

# MIRAGEM

EDIÇÃO DEFINITIVA

PORTO

Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, Lim.da, Editores

Rua das Carmelitas, 144

AILLAUD & BERTRAND — LISBOA — PARIS

1921

## OBRAS DO MESMO AUTOR

---

| | |
|---|---|
| *Sertão* | 1 vol. |
| *A bico de penna* | » |
| *Agua da Juventa* | » |
| *Romanceiro* | » |
| *Theatro* | » |
| *Jardim das Oliveiras* | » |
| *Fabulario* | » |
| *Quebranto* (theatro) | » |
| *Esphinge* | » |
| *Capital Federal* | » |
| *O rei Fantasma* | » |
| *Inverno em Flôr* | » |
| *O Morto* | » |
| *O Paraiso* | » |
| *A conquista* | » |
| *Tormenta* | » |
| *Turbilhão* | » |
| *Treva* | » |

---



---

**PORTO — Imprensa Moderna**

Á MEMORIA

DE

AGOSTINHO DO AMARAL

# PRIMEIRA PARTE

# MIRAGEM

---

## I

Maio, em flôr, findara entre lagrimas.

A casa do Madruga, silenciosa e fechada, parecia entregue ao tempo e ás hervas que começavam a cobrir os muros. O jardim murchava á falta de rega e de trato e cabras errantes, atravessando a cerca de espinhos, andavam pelos canteiros, devastadoramente, roendo os brotos das roseiras, arrancando as mudas tenras. Porcos fossavam a terra descobrindo as raízes e os pequenos, de parceria com os animaes, assaltavam o pomar devastando as arvores como uma praga.

A familia emigrara para o Paty, onde a viuva fôra esconder a sua tristeza e o seu luto, não podendo supportar a saudade do marido ali, entre as arvores que elle plantara, esbarrando com os

objectos de que elle se servira. No dia seguinte ao do enterro, á luz bruxoleante da manhan brumosa, sahiu o pequeno grupo num carrejão coberto de palha e, desoladamente, com o agudo chiar das grandes rodas, ao passo grave dos bois, lá se foram os tres — a viuva e os dois filhos: Thadeu e Luiza.

Thadeu, homem feito, mas enfermiço e fraco, sem vigor para o trabalho dos campos, vivia como caixeiro em uma venda no alto do Rio Bonito. Luiza, sadia e graciosa, já pubere, de carnes exuberantes, collo rijo, lindas côres, amadurecia agarrada á mãi, bordando letras em lençarias, fazendo pannos de crochet ou correndo as terras de casa, descalça, os cabelos soltos, á cata de frutos silvestres.

O morto, bello typo de homem, nascido para mourejar, plethorico, de constituição formidavel e primitiva de colosso, soberbos musculos, saude de ferro, vivera em luta constante pela vida. Corria a tudo, de tudo entendia. Ás vezes viam-no passar carreando, vara ao hombro, descalço, amplo chapéu de palha á cabeça, o casaco pendurado num fueiro do carro. Diziam-lhe graças, respondia, sempre de bom humor: «Cá se vai!» E gritava, afalava á junta em voz cheia e reboante. Outras vezes apparecia tangendo tropas de muares, vendia-os, trocava-os, sempre alegre e á bôca pequena dizia-se que elle comprava clandestinamente o café que os negros roubavam ás tu-

lhas das fazendas. Se lhe falavam nisso, dava de hombros, arregalando os olhos:

— Homem, olhem que é negocio! Achasse-o eu...!

E escancellava a bôca em cachinada estrondosa. E os outros riam com elle.

Era um solido másculo, de alma ingenua e meiga. Português, do Ribatejo, criado na leziria, amava o campo. A sua mesa era abundante. Havia sempre um quinto ao torno e a dispensa regorgitava como um celleiro, porque para elle a vida «era o que se comia e bebia.» A familia, se não ostentava, apparecia sem miseria em toda a parte. Ás festas do Rosario e da Conceição, Luiza concorria com a sua prenda e, uma ou outra vez, alumiaram os altares cirios oblativos da familia Fogaça, que o homem era de muita crença e valia-se dos santos para todos os fins: para que os milhos crescessem, para que não lhe viesse o mal do figado, pela saude da mulher, pela asthma do filho, pelo noivado da filha de que já se falava, correndo que certo Manoel do Carmo, de Ferreiros, andava a corresponder-se com ella, mysteriosamente, pelo *Vassourense.*

O filho era o sentimento do velho: sempre doentio e magro. Vinham-lhe, ás vezes, accessos de febre, ancias, e ficava de cama semanas e semanas. Sempre que falava delle contrahia-se-lhe o rosto e, sacudindo a cabeça, cheio de desesperança e de magua, resmungava:

— Não vai longe! E tinha por elle misericordias de affecto, fechava os olhos a muita coisa. Pobre rapaz! É um coitado! Que se ha de fazer? deixal-o. Ha de ser o que Deus quizer.

A mãi, mais rispida, revoltava-se:

— É um preguiçoso, um mollenga, um vadio!

E, se Manoel Fogaça acenava-lhe que deixasse, agourava rezinguenta:

— Que elle havia de dar o pago, o marmanjo. Metade do que elle dizia era manha. Fosse-lhe atraz das lamurias e havia de vêr...

Uma tarde achava-se o velho no jardim, de camisa de meia e tamancos, regando os canteiros, quando o filho appareceu á cancella, sacudido por uma tosse rouca. Fogaça voltou-se e logo, alarmado, exclamou:

— Que é isso?! Já ahi vens deitando a alma pela bôca. Thadeu encolheu os hombros e entrou devagar, cançado, dizendo o que, até então, tentara occultar:

«Noites em claro, com o peito ardendo em fogo e aquella tosse horrivel que lhe rebentava os pulmões em sangue. De manhan estava que nem podia e tinha de ir para o balcão, de servir aos freguezes carregando pesos.»

Fogaça ouviu-o calado, por vezes caramunhando, d'olhos humidos. Por fim tomou-lhe o pulso e, encarado nelle, disse baixinho: — Estás quente, rapaz. Estás com febre. Entra. Vai deitar-te. Não fiques aqui ao relento. Vendo, po-

rém, que o filho hesitava, com olhares á casa, já alumiada:

— Medo da *velha*, hein? e sorriu. Deixa-a lá. Estás doente, que diabo!... Quem sabe se has de ir para a Misericordia se tens a casa de teus pais. Era o que faltava... Trata-te e depois... Maria Augusta ao vêr o filho, estacou de mãos nas cadeiras, olhos carregados, balançando ameaçadoramente o busto:

— Deixa-o, mulher. Não augmentes a afflicção ao afflicto. Está a arder em febre. Basta vêr-lhe a cara. E lá o foi conduzindo, enxugando-lhe a testa com o seu grande lenço vermelho. E interrogava-o: Não tens fome? Pois é preciso comer e ter cuidado comtigo — nada de humidade: É deitar a horas, acordar cedo, apanhar sol nesse corpo e deixar andar o barco. Has de tomar geito. És moço, que diabo!... Na tua idade a natureza ajuda. Com uns chás, bôas sopas e regimen isso vai-se embora e ficas ahi um turuna, has de vêr.

Com a filha era impertinente, rispido. Não raro, bradava em rebentinas:

— Que não queria derretimentos. Visse bem! Desancava a páu o primeiro patife que lhe rondasse a porta! Desancava-o e a ella tambem. Luiza refugiava-se, chorando, junto de Maria Augusta. Sobrevinham rusgas:

— Que a pobresinha era quem pagava as favas, só porque era mulher. O outro, o maricas,

lá estava repimpado na cama, comendo e bebendo á tripa forra. Esse podia fazer o que quizesse. Era só chegar com a manha e encontrava carinho e desvelo. Para a coitada eram só palavrões e máus modos. Isso não. Tão filho era um como outro.

Manuel Fogaça, quando via a mulher abespinhada, longe de lhe dar troco, punha-se a rir estrondosamente, com o que mais a enfurecia.

— Ai, a ira! Não te damnes, filha. Olha que assim nascem-te os cabellinhos brancos e vão-se-te os dentes antes do tempo.

E sahia para o jardim ou estirava-se no sofá, de perna alçada, tamborilando na palha do encosto, a trautear em tom de mofa, piscando o olho brejeiro. A filha intervinha então, fingindo amúos: «Que era assim mesmo. Papai é todo dengues para Désinho, e para mim é o que se vê: má cara e pitos a toda a hora».

— É que fazes por isso, dizia placidamente. Vê lá se me trazem queixas delle? Já alguem o viu debruçado a cercas conversando com raparigas? Quem se gaba de lhe ter visto os dentes? Ninguem! Gente de bem quer-se assim... E moças então! Olha que não é por trazer o rosto muito descoberto que se ganha fama de virtude. Quem se recata não se queima ao sol, já diziam os meus.

Luiza avançava colerica:

— E que é que dizem de mim? que namóro?

É essa sucia de não sei que... Cambada de aduladores! De sorte que a gente não póde chegar á porta para vêr quem passa que não digam logo que está namorando?

E impetuosa, fechando o punho, esmurrando o ar: Pois namóro! Não é da conta de ninguem. Namóro mesmo, ora ahi está!

Chorava, murmurando, por entre soluços, contra os intrigantes:

— Que olhassem para as suas casas, não fariam pouco. Ella não era a unica moça d'ali; outras havia que até passeiavam de braço com os rapazes e na igreja, ao domingo, ajoelhavam-se junto delles para conversar. Dessas ninguem falava. O macaco não olha para o seu rabo. Sucia!

As lutas domesticas rematavam-se quasi sempre em frente do baralho — á bisca de quatro: Fogaça e a filha, Thadeu e Maria Augusta. E novas discussões travavam-se entre os parceiros — porque um não fizera signal do az ou do rei e, quando succedia ser ralada a sete era uma algazarra que se ouvia á distancia: ria um par, outro bramava em furia. Se era Fogaça quem ralava tremiam os moveis, taes eram os saltos que dava pela sala para fazer gana á mulher, bailava com as duas cartas na mão, esfregando-as. «Cá está, raladinha da silva!»

Maria Augusta revoltava-se contra o filho: Que nem para aquillo prestava... Pois se já estava a cochilar, o pamonha.

— Qual cochilo, senhora, tornava Fogaça; é que aqui joga-se! Queixa-te ao bispo! E ria com ambas as mãos no ventre. Maria Augusta repellia as cartas: «Que não queria mais saber de jogo» e levantava-se resmungando. Instada, porém, tornava á mesa com avisos ao filho:

— Que se estava disposto muito *que* bem, senão, que se fosse deitar, porque ninguem o queria ali para vêr-lhe o céu da bôca.

E recomeçavam.

Aos domingos sahiam cedo para a missa. Fogaça vestia a andaina de panno, calçava sapatos e atava uma gravata. Maria Augusta, em grandes saias, carregada de ouro antigo, e Luiza, vestida singelamente, o ar recolhido de commungante, o livrinho entre as mãos cruzadas sobre o collo farto de mulher precoce.

Na igreja, Fogaça deixava a familia e ficava no adro conversando; só entrava quando tocavam a «Sanctus». Ajoelhava-se a um canto, benzia-se e inclinava a cabeça sobre o largo peito onde a camisa fôfa espocava, com um grande botão de ouro no papo.

Á porta, finda a cerimonia, apartavam-se — as mulheres recolhiam-se á casa, elle subia ao Rio Bonito para abençoar o filho. Encostava-se ao balcão, bebia um trago e conversavam. Despedia-se por fim e descia, com ligeiras paradas aqui, ali, indagando de uns, mandando lembranças a outros, cumprimento aqui, graçola adiante; e to-

mava o caminho de casa vagarosamente. Almoçava, dormia um somno e o resto do dia dedicava ao jardim e ao poleiro, onde varios gallos terriveis preparavam-se para as rinhas, no sitio do Correia, para as bandas de Massambará.

## II

Flammejava violento o sol do meio-dia e, atravez do silencio abafado, tiniam vibrantes pancadas de malho num ferreiro proximo. A estrada secca rutilava e havia no ar adusto e tremulo um cheiro acre de herva esturricada, como se lavrasse incendio na varzea. De longe em longe passavam tropas vascolejando bruacas e surrões e estalavam chicotadas rispidas. Em torno do casa, cercada de colmeias, zumbiam enxames de abélhas.

Maria Augusta e Luiza cosiam sob o alpendre quando viram chegar á cancella um pequenote, esbaforido e arquejante. «Que é?» indagou Maria Augusta com máu modo, e o pequeno, esticando-se nas pontas dos pés, bradou para que bem lhe ouvissem a voz: «É seu Manuel...» E, vol-

tando-se para a estrada, atirou o braço em gesto largo.

— Mas que é? Que é que você quer com seu Manuel?

— Cahiu e o carro virou por cima delle. Parece que está morto.

Maria Augusta levantou-se d'impeto, com a bôca aberta como se lhe faltasse o ar, os olhos immensos, fixos, brilhando em fulgor de loucura. Luiza, estonteada, de pé, olhava-a de mãos postas, tremendo:

— Que é, mamãi? Que foi? Mas Maria Augusta já havia atirado para longe o panno que cosia e precipitou-se para o jardim, soluçando sem lagrimas, de mão á cabeça, a exclamar allucinada:

— Ai meu Deus! que será de mim?! Meu pobre Manuel! Meu pobre marido!

Luiza, paralysada em espanto, andava com os olhos tontos de um para outro lado, aturdida. Tremiam-lhe os labios e o collo ondulava precipitadamente. Mas como a mãi desapparecesse, arrojou-se descalça, aos gritos, agitando os braços em desespero.

*Turco*, que dormia entre as tayobas, despertou e seguiu-as, ladrando. Maria Augusta já havia alcançado a estrada e enchia o ar com exclamações afflictas vendo vir o grupo que trazia o marido. Ficou estatelada, sem animo de avançar, apertando freneticamente a cabeça entre as mãos.

E soluçava: «Não o queria vêr! Não tinha coragem!»

Luiza agarrou-se-lhe aos hombros, chorando: «Meu pai! Meu paisinho!» Acudiram mulheres da visinhança e cercaram-nas animando-as com palavras de conforto: «Que tivessem paciencia! Que se conformassem com a vontade de Deus.»

Crianças apinhavam-se pasmadas; algumas choramigavam e o grupo aproximava-se lentamente, funebremente, como em enterro — homens suados, em mangas de camisa, trabalhadores, negros, um rancho compacto, moroso e grave. Uma nuvem dourada de poeira toldava o ar e o sol abrasava cahindo de chapa sobre a turba.

Maria Augusta, que se debatia entre as mulheres, libertou-se e investiu impetuosamente, com regougos, desgrenhada. O grupo abriu-se e ella poude chegar até junto do marido, que vinha estendido sobre uma taboa, manchado de lama, pallido e rigido como um cadaver. A camisa, aberta e rota, deixava inteiramente nús o largo peito másculo coberto de vello negro e crespo, os braços formidaveis, o robusto pescoço, que se destacava da alvura dos hombros marmoreos, pelo tanado da côr, quasi bronzea, adquirida nas soalheiras dos campos. A physionomia estava horrivelmente contrahida como a do estuporado, as pupillas vitreas e dilatadas. Uma lagrima descialhe morosa e triste pela face salpicada de lama; copioso suor inundava-lhe o rosto algido. As

mãos crispadas, os dedos em flexão tetanica, o polegar cruzando a palma da mão, duro e rijo, em resistencia de ankylose.

Maria Augusta atirou-se de joelhos e os homens pousaram em terra a taboa, afastando-se diante das duas mulheres que se abraçavam com o corpo como se o quizessem arrebatar e, de rastros pela poeira ardente, procuravam, com palavras de ternura, chamar á vida o morto amado.

Subitamente, porém, um homem surgiu arquejante, atravessou o agrupamento e ajoelhou-se entre as mulheres baixando a cabeça sobre o corpo immovel. Tremiam-lhe os hombros e todo elle vibrava agitado violentamente pelos soluços. Mas sobrevindo-lhe um accesso de tosse, ergueu a cabeça abafando a bôca com a mão e viram-lhe o rosto demudado, os olhos fundos e mais pallido do que o que ali estava estirado em meio da estrada, inerte, ao sol. Era Thadeu.

As lagrimas desciam-lhe dos olhos em fios, os soluços precipitavam-se, apenas interrompidos pela tosse cavernosa e rascante.

Não disse palavra. A noticia surprendeu-o quando descia para o *Fura olho* com o carrinho de mão, levando compras.

Nazario, o ferrador, foi quem conseguiu desviar a familia de junto do esquife rustico garantindo «que Fogaça ainda respirava e que o melhor era carregarem-n'o para casa, que ali assim ao sol até lhe podia dar a gangrena.» Recuaram

os tres, os homens tomaram a taboa e o bando poz-se de novo em marcha.

Thadeu seguiu ao lado do pai, com os olhos marejados d'agua postos tristemente no rosto impassivel e tragico do moribundo, que guardava indelevelmente o rictus do momento da agonia. De vez em vez subia-lhe um soluço, olhava vagamente como a pedir conforto aos que o cercavam. Mas as lagrimas irrompiam copiosas, violentas, irresistiveis. Escondia o rosto nas mãos e seguia sem vêr, resmoneando palavras incomprehensiveis e, lentamente, afastando dos olhos as mãos lavadas em pranto, voltava á contemplação dolorosa, arquejando de soffrimento.

Maria Augusta seguia amparada pelas mulheres, pedindo, atravez dos soluços, «que lhe contassem a desgraça.»

— Ninguem podia dizer como fôra, affirmou Nazario. Elle vinha descendo a rua Bonita com o carro — bois novos, sofregos... Ninguem podia dizer a verdade: que fôra assim, que fôra assado. Ninguem vira. Dizia-se que um tronco de cabiúna, rolando do carro, apanhara-o em cheio. Fôra ainda por Deus que os bois não se lembraram de andar; um passo mais que tivessem dado e elle teria sido feito em bagaço, ali mesmo. Elle, porém, era de opinião que aquillo não passava de um choque e lembrava o que acontecera, no caminho de Mendes, ao Catalani, que ficara debaixo de uma pilha de saccos de café donde o haviam

retirado como morto e, entretanto, ainda por ali andava, arrotando grandezas e caloteando Deus e o mundo.

Luiza preoccupava-se com o coração, queria saber «se não ficara offendido?» Indagava «se não sahira sangue?»

Nazario, grave, consolava:

— Descancem; não ha de ser nada. O doutor não tarda. E, alteando a voz: «Vão vêr que amanhan ou depois elle está ahi lepido e são como um pêro. É um touro! Isso é lá homem para morrer assim?! Perdeu os sentidos, é o que é, mas tambem a coisa não foi para brincadeira — um diabo de viga capaz de sustentar o edificio da Camara...»

Diante da casa houve pequena pausa emquanto um homem abria a cancella para que entrassem os que transportavam o corpo. Thadeu tomou a frente guiando os padioleiros atravez do jardim, até á varanda, com muitas recommendações:

— Que fossem devagar, pela sombra, evitando solavancos. Maria Augusta, abraçada á filha, seguia á distancia, lastimando-se: «Grande Deus de misericordia! Que será de nós?!»

Nazario ficou á porta impedindo a invasão: «Que diabo queriam lá fazer? Deixassem-se de bisbilhotices. Tudo era folia para aquella gente.»

E empurrava as crianças, tirando-as da cerca aos safanões violentos:

— Chiça! Pensam vocês qu'isto é circo, cam-

bada? Está um pobre homem a morrer e esta canalha aqui assim a fazer uma bulha de seiscentos diabos. Chiça!

E, com razões e violencias, conseguiu arredar a onda de curiosos e só quando os padioleiros reappareceram resolveu-se «a entrar um bocado para vêr o coitado.»

Haviam-no estendido no leito, de braços abertos, a cabeça alta sobre os travesseiros; tinha o peito nú e humido de suor.

A respiração flebil, quasi imperceptivel; mal se lhe sentia o pulso, mas as lentas pulsações da arteria eram indicio de vida.

Thadeu, em azafama estouvada, andava pela casa procurando arnica e bradava: «Que fossem buscar o medico, que trouxessem qualquer.» Maria Augusta não sahia do quarto. Sentara-se á cabeceira do marido e, immovel, como petrificada, percebia-se-lhe apenas o ondular do collo e as lagrimas que desciam silenciosas e grossas dos olhos minguados e roxos. Luiza correra a accender o oratorio.

Nazario aproximava-se do quarto, pé ante pé, quando uma mulher appareceu á porta com ar de espanto, o dedo nos labios: «Então? Que é? Vai mal?» indagou Nazario baixinho. «Entre, mas devagar. Parece que elle está recobrando os sentidos.» O ferrador insinuou-se pela porta entreaberta.

Fogaça parecia libertar-se do colapso agudo,

sahia da inhibição provocada pelo traumatismo. Os braços moviam-se lentamente com tremores leves, a physionomia compunha-se; um soluço fugiu-lhe da garganta oppressa e os olhos foram readquirindo o brilho natural. Aquecia-se e já se lhe podia sentir a respiração, posto que ainda flébil, a pequenos sopros. Maria Augusta ajoelhara-se no beiral da cama e procurava falar-lhe. Torcia as mãos e anciava, de olhos cravados no homem, acompanhando-lhe attenciosamente todos os movimentos. Mas Nazario adiantou-se:

— Que era melhor não dizer nada. Esperasse. Elle estava melhorando, deixassem.

Fogaça, effectivamente, começava a reanimar-se: — os braços, em lentas flexões, esfregavam-se pela cama, a cabeça oscillava como em agonia e as palpebras baixavam, subiam, pesadas, morosas, deixando vêr os olhos sempre quietos, mas já sem o tom baço e frio que os velava. Por fim a perna curvou-se e os labios abriram-se sorvendo um grande hausto profundo. Maria Augusta não se conteve — lançou-se quasi sobre o corpo, exclamando em delirio de ternura:

— Meu Manuel! Meu Manuel! Sou eu! Não me conheces? Sou eu, Maria Augusta. Então, meu velho? Então?!

Nazario insistiu:

— Estás a teimar. Olha que podes magual-o mais. Elle está todo machucado.

— Deixe-me, pelo amor de Deus! Deixe-me!

dizia a mulher tomando nas mãos afflictas a cabeça do marido.

Thadeu, que espreitava á porta, entrou sorrateiramente:

— Melhorou? Melhorou? E vendo a mãi, carinhosa, desvelladamente inclinada sobre o pai, avançou, com o rosto aberto em sorriso. Mas o ferrador interpôz-se:

— Não vás tambem fazer asneiras... Deixa-te estar onde estás. Que é do medico? Deixa lá o homem que está melhorando. Vocês é que estão com vontade de o vêr morto. Não é com lagrimas que se curam feridas.

E Thadeu, timido, estacou ao lado de Nazario, contemplando, de longe, o corpo do pai.

— Ah! meu Deus! suspirou por fim o enfermo, com esforço; e os olhos, como se acordassem, correram o quarto de relance, fixando-se no rosto de Maria Augusta.

— Ah! meu Manuel! Que foi isto, meu velho? Que foi?

Fogaça esticou o labio com indifferença e cerrou os olhos, abrindo-os, logo depois, docemente:

— Dá-me agua, disse num fio de voz difficil. Dá-me agua e manda chamar o Galdino.

Thadeu aproximou-se commovido e tremulo e Fogaça, dando com os olhos nelle, sorriu tristemente.

— Já foram buscal-o, meu pai. Está melhor?

— Melhor... e, com uma grande resignação:

«Estou aqui deitado esperando o somno» e os olhos moveram-se procurando o céu. Melhor!... Procurou estender a mão ao filho, mas o braço abateu inerte sobre a cama. Balbuciou o nome de Luiza.

— Quer que a chame, papai?

— Sim... e dá-me agua, tenho muita sêde. Trincou os labios, levou a mão ao flanco franzindo o rosto.

—Está doendo?

Acenou com a cabeça — que sim.

Maria Augusta, que sahira, reappareceu annunciando o doutor. Nazario correu a collocar uma cadeira junto á cama e adiantou-se sollicito para receber o medico: um homem magro, alto, esguio, de pêra esfarripada. Entrou no aposento falando a todos, pelos nomes, intimamente, e foi direito ao leito.

De pé, com os olhos no rosto de Fogaça, indagou em tom alegre:

— Então qu'é isso? O rei dos homens...!?

Fogaça sorriu esforçando-se para mudar de posição.

— Nada. Nada. Deixa-te estar como estás.

Houve um recúo respeitoso. Thadeu e Nazario foram ficar junto á porta. Maria Augusta encostou-se ao respaldo do leito e Luiza, que entrára, estacou olhando com grandes olhos, trazendo ainda na mão um rosario de contas agrestes. O medico examinou o enfermo minuciosa-

mente. De quando em quando o rosto de Fogaça crispava-se em rictus. «Doe-te?» Elle affirmou com o olhar languido. «Não é nada,» serenou o medico: «questão de dias.» Espalmou a mão sobre a fronte algida: «Não tem febre...» e, imperativamente, com o indicador a prumo:

— Nada de conversas, estás ouvindo? Nada de falas aqui no quarto. Voltou-se para os que o cercavam: Toda a tranquillidade é pouca. E descancem.

— Ouviu?! observou Nazario a Maria Augusta. Conversas, lá fóra.

Thadeu acompanhou o medico á porta:

— Vai receitar, doutor?

— Está visto.

— Mas não é coisa de perigo...?

— Perigo, perigo... Isso é conforme. Depende principalmente de vocês. O estado delle não é bom, não é, falando verdade, mas tambem não é desesperador. Nada de conversas aqui dentro, o mais absoluto silencio. Qualquer emoção póde matal-o, o choque foi grande. Nem sei mesmo como elle resistiu.

O medico acabava de sahir, ouvia-se-lhe ainda a palavra precipitada, pelo corredor, a recommendar cuidados, e já Fogaça, ancioso, agitava-se na cama fincando os cotovellos para soerguer o corpo. Nazario, que o acompanhava, acudiu:

— Não te mexas, homem; olha o que disse o medico. Deixa-te estar quieto. Queres vir mais

para cima? Pois vamos lá... Mas devagarinho, devagarinho.

Tomou-o, então, pelas axillas, arrastou-o de leve, muito de leve, puxando-lhe em seguida o lençol para o peito, com delicada sollicitude.

— Assim estás bem. Agora deixa-te estar calado. Tens muito tempo para a prosa.

Sentou-se na cadeira ao lado, cruzando devagarinho os pés enormes, tisnados, que balançavam velhas chinellas de ourelo, negras da poeira ferruginosa da forja. Fogaça volvia os olhos com lentidão, agitando-se em movimentos brandos, ora encolhendo uma perna, ora repousando um braço sobre o ventre. Nazario não o perdia de vista e, calado, immovel, quando desviava os olhos do enfermo, ficava a contemplar, num espelho, em frente, o seu proprio rosto, magro, queimado, a barba espessa e ruiva, os olhos miudos, a fronte curta e sarapintada de sardas.

Fóra soavam passos, tiniam louças.

Houve um longo silencio. Nazario, com a cabeça inclinada ao peito, cochilava, estremunhando, de instante a instante, de olhos piscos; e fitava Fogaça que parecia adormecido, mas lentamente as palpebras abriam-se e os olhos do enfermo rolavam tristes nas orbitas cercadas de uma orla escura, que as tornava profundas como as das caveiras. A porta entreabria-se a espaços e uma cabeça espiava acenando a Nazario, que deitava o rosto sobre a palma da mão e cerrava os olhos,

a mostrar que o outro dormia. Sahiam sem rumor.

De repente o enfermo estremeceu, curvandose em arco, com um olhar de indizivel terror, a bôca crispada deixando escapar um arquejo rouco. Grugrulejos roncavam-lhe no peito como se o ar rolasse em borborinhos nos pulmões, os olhos reviravam-se-lhe angustiados, arranques faziam ranger a cama. Nazario precipitou-se de golpe, agarrou-lhe a cabeça, que se firmara no sinciput, o pescoço curvado em torção violenta, os musculos rijos, retesos; e todo elle tornava-se livido e gelado. O suor humedecia-lhe a fronte algida, os dedos contrahiam-se-lhe com estalos seccos, o ventre empinava-se a mais e mais. Nazario inclinouse e, encarado nelle, poz-se a falar baixinho, inquieto:

— Eh! Manuel! Então, Manuel...? Deixa-te estar. Olha o que disse o medico. Que é isso? Anda dahi.

Mas Fogaça, hirto, fitava os olhos enormes, desorbitados e baços, a bôca retorcida e fremente. Um longo arrôto gorgolejou-lhe na garganta e elle oscilou como agitado em tremor nervoso. As palpebras vibraram frementes e, amarfanhando o lençol nas mãos crispadas, poz-se a arfar, aos haustos lentos, d'olhos coalhados, vitreos. Nazario olhava-o aturdido; tomou-lhe o pulso, apalpou-lhe o peito, sacudiu-o de leve, chamando-o· Manuel... Manuel! Repentinamente, voltando-se

para a porta, como se falasse a alguem, exclamou apavorado:

— Morreu... Esteve um momento a relancear os olhos pelo quarto, tonto, hebetado e tornou ao amigo, abalando-o como para despertal-o: Manuel! Ó homem!... Ora esta!... Estatelado, boquiaberto, olhos dilatados de espanto, o ferrador resmungava sem comprehender o que via. Subito, como espavorido, lançou-se do quarto descalço, surgindo na sala de jantar, onde se achava a familia, preparando os curativos, e disse:

— Vocês querem saber? Parece que o Manuel morreu... Houve um pasmo silencioso, entreolhado.

Em arrancada de louco, Thadeu arremessou-se, mas estacou voltando-se para a mãi, como se ainda duvidasse e lhe quizesse lêr na physionomia a confirmação da verdade. Mas Maria Augusta, tremula, mal se podia erguer:

— Como...? Morreu como...!? Indagou ella atirando os braços em desesperado gesto. Como...? Pois o doutor não disse que não havia perigo...?!

Mas no mesmo instante, assomada, atirou-se pelo corredor, aos gritos, e todos seguiram-na em tumulto, com uma balburdia de falas e de brados.

As portas do quarto abriram-se de par em par diante do grupo attonito, que se precipitava alongando os olhos, querendo vêr o morto.

Á beira do leito Maria Augusta deteve-se offe-

gante, com os olhos ardentes cravados no marido. O rosto foi-se-lhe decompondo em esgar de espasmo, fortes anceios sacudiram-na, mas de repente atirou-se de bruços, ás gargalhadas, estrebuchando, debatendo-se, rasgando as roupas, repuxando os cabellos. Agarraram-na conseguindo, a muito custo, arrastal-a do quarto. Thadeu, em estupida impassibilidade, apalpava o pai, beijava-o, balbuciando. E Nazario dizia, em voz estrangulada:

— Não sei... Não sei... Foi num momento. Não sei como se morre assim. Nunca vi! E tocava o coração com um resto de esperança. Nem um gemido... Nada!

Thadeu ajoelhou-se junto ao leito. Quasi no mesmo instante, porém, ergueu-se e foi buscar ao oratorio um velho crucifixo, deitando-o sobre o peito do pai.

Sentia-se-lhe a agonia represada: os olhos, de um brilho fúlguro, humedeciam-se, logo seccando como se a febre, que os inflammava, sorvesse o pranto; o peito estuava-lhe angustioso, oppresso. Quedou airado, agarrando, sacudindo a cabeça a mãos ambas, como em accesso de loucura.

Mas quando a irman appareceu desvairada, aos gritos, poz-se a tremer, balbuciante, e arremetteu-lhe ao encontro com as lagrimas a jorros:

— Está morto, Luiza. O nosso bom pai já não existe. Olha, Luiza, o nosso pai...

E os dois, de joelhos, atiraram os braços so-

bre o corpo ainda tepido, apertando-o, com afflictissimos soluços, balançando-o com desespero, a ponto da cruz rolar para o chão, cahindo sobre a esteira. Nazario apanhou-a respeitosamente e, depois de beijal-a, collocou-a sobre o travesseiro, ao lado do cadaver.

Fóra, havia rumor de luta e os gritos de Maria Augusta repercutiam.

Uma mulher entrou vagarosamente com duas velas accesas, mas estacou á porta, indecisa, olhando vagamente o grupo.

— Entre e deixe ficar as velas, disse Nazario. Entre. Os mortos não pódem estar sem luz.

E a mulher pousou em silencio os castiçaes sobre o leito.

## III

Leves, tenues, fluiam os alvos nevoeiros toucando os cimos, baixando sobre as veigas, em extensa e diaphana amplidão brumosa, ora serena, ora ondeante e revolta como o fumo que o vento abate e rola, aflante, á flor da terra, pairando, fugindo até esgarçar-se, sumir-se no ar.

Cahia melancolicamente o crepusculo de maio, já de inverno, frio e triste. Os sinos da Matriz dobravam a finados.

Estavam a enterrar Fogaça.

Nazario, que o fôra acompanhar ao cemiterio, consolava Thadeu.

Maria Augusta e Luiza, derreadas pela vigilia e pelo soffrimento, haviam ficado em casa. Thadeu sahira com uma corôa, deixando-se estar ao lado do pai até o momento desesperado dos

primeiros rumores da terra cahindo, ás ruflas, sobre o caixão.

Nazario conteve-se emquanto poude, mas a dôr angustiosa e sincera do orfão communicou-se-lhe á alma sensivel, de sorte que as suas ultimas palavras de consolo sahiram-lhe por entre lagrimas e soluços e quando, para evitar maiores agonias, quiz deixar junto ao tumulo a corôa de saudades para descerem, Thadeu oppôz-se: «Queria ficar mais um pouco com o pai. Mais um instantinho. Era a sua despedida.»

Os que haviam subido com o morto, logo que o coveiro atirou as primeiras pasadas de terra, despediram-se com abraços e desceram. Outros ficaram ainda revendo tumulos, relembrando amigos, parentes, que ali jaziam sob lages, com uma cruz á cabeceira.

Thadeu torcia as mãos, e quando alguem se aproximava para abraçal-o, rompia a chorar, debruçando a cabeça sobre o hombro de quem o apertava nos braços, e guaiava:

— Ai! meu pai! Meu pobre pai! coitado! Meu pobre pai!

Pouco a pouco, porém, foram desertando todos e Nazario falou a Thadeu.

— Vamos indo, rapaz. A noite está a cahir. Tua mãi e tua irman estão lá em casa sós. É preciso acompanhal-as. Que diabo! tens razão, mas... a vida é assim mesmo. Tambem perdi meu pai, sei o que isto é. Mas descança, elle está com Deus.

Coragem, anda dahi. Agora o chefe da casa és tu, entendes? tens obrigação de ser forte. Se entras a desesperar que será das pobres mulheres?! Vamos.

Mas Thadeu, que baixara os olhos, descobriu o *Turco* deitado sobre a terra fresca, com a cabeça enorme estendida entre as patas, a lingua pendente, arquejando.

— Ah, *Turco!* Tambem vieste, meu velho!...

O cão levantou os olhos meigos e agitou a cauda, fitando-o.

— Meu pobre *Turco...!*

O cão pôz-se de pé e, ganindo surdamente, rebolando-se, aproximou-se, de cabeça alta, olhando-o enternecido.

— Então que é isto, rapaz! Vamos dahi, anda.

Mas o coveiro passou para o lado em que se achava o grupo, pedindo licença:

— Tivessem paciencia, tinha de acabar aquillo antes da noite, porque o corpo não podia ficar ao tempo.

Desceram vagarosamente. Nas figueiras bravas ciciavam as ultimas cigarras e já fulgiam nos valles os primeiros vagalumes. O ar frio recendia docemente. O casario espalhado pelos declives, ia perdendo a alvura e já a penumbra crepuscular fechava os horisontes. Appareciam luzes e, triste, como o toque funebre do enterro, o sino vibrou de novo, religiosamente, na mansuetude

vesperal, os dobres da Ave Maria e por longo tempo gemeu no espaço o som dolente.

Os dois homens estacaram no alto, defronte do cemiterio. Nazario, profundamente religioso, persignou-se com os olhos no céu, balbuciando. Thadeu voltou-se para lançar um derradeiro olhar ao sitio em que lhe ficava o pai.

O coveiro, curvado, atulhava a cova a lentas pasadas cheias e a terra atorroada soou a principio tumida, soturna, depois balofa, cahindo, por fim, sem ruido.

Chiavam carretas, tiniam alegremente campainhas de tropas. Nazario tirou a bolsa de fumo, enrolou um cigarro e offereceu-o a Thadeu:

— Olha, fuma. A vida é isto. Que se ha de fazer? Hoje um, amanhan outro. Para que ha de a gente amofinar-se? O que não tem remedio... Custa, não ha duvida, mas... Como passassem diante da Matriz, já aberta e illuminada para o Mez de Maria, o ferrador accrescentou:

— Com Este é que nos devemos agarrar para que nos guie nesta vida e nos receba na outra. Com Este é que nos achamos sempre. E, de chapeu na mão, persignou-se de novo.

Thadeu propôz sahirem dali. Estava a chegar gente. Era melhor evitarem os pezames, as palavras de sentimento que mais aggravam a tristeza.

— E que não querem dizer nada, acudiu Na-

zario. A verdade é que ninguem sente. Muita coisa: Sinto muito e porque mais isto e mais aquillo e mal nos deixam o pescoço, vão ao gole e ao resto. Qual! Sentimento é o dos que perdem, esse é que é. Que eu sinta, que diabo! é natural. Nascemos na mesma terra e aqui chegamos juntos. Elle foi lá para as suas lavouras, eu voltei á minha forja, depois de ter tambem tentado o negocio dos negros. Mal ou bem sempre nos demos e tu sabes o que eramos um para outro. Que eu sinta, vá lá... mas essa sucia?! Esse bebedo do Manéquinho póde lá sentir alguma coisa? Um canalha que anda sempre a tresandar a cachaça! Um patife que não se fartava de falar do Manuel, a chorar como uma cachoeira. Bebedo!... Não o rachei hontem com um murro, porque, emfim, estava diante de um corpo, mas cá por dentro... eu é que sei! A mór parte da gente que lá esteve hontem a fazer quarto não foi senão por causa da comesaina e do gole. Essa sucia, meu filho, conheço-a toda... todinha! digo-t'o eu.

Haviam chegado á casa. Nazario deteve-se:

— Vai e deixa-te de choros. Trata de consolar as mulheres e põe-te firme. Coragem! E até já. Vou aqui á casa e volto a ter com vocês.

Apertaram-se as mãos. Nazario partiu e Thadeu esteve ainda algum tempo á cancella, olhando o céu, que a noite estrellava, como se visse passar, subindo para o Paraiso, leve, luminosa, na

nevoa fina do crepusculo, a alma santa do que partira.

Demorou-se absorvido e só voltou á realidade a um affago do cão, que não arredava os olhos do seu rosto, como se o quizesse consolar com a sua enternecida mudez.

# IV

Arrastaram-se taciturnos os ultimos mezes de inverno e de saudade. Setembro entrou radioso dissipando as derradeiras nevoas, enxugando as derradeiras lagrimas. A casa do «Madruga» abriu-se de novo para receber a familia que voltava do exilio, onde fôra anojar.

Thadeu partira á frente «para cuidar da vida» dissera, mas o motivo real fôra a tristeza que lhe infundia o sitio do padrinho, uma tapera merencorea, onde apenas havia o rumor do monjolo e o murmurio das aguas, com dois bois magros, esfalfados, que passavam os dias errando pelos pastos.

No dia seguinte ao da missa do setimo dia, Thadeu, que sentia saudades da casa, despediu-se da mãi e da irman e, apezar da insistencia do padrinho para que ficasse mais uns dias, alle-

gando afazeres, partiu do Paty, a pé, aproveitando a fresca da manhan.

Não se sentia bem naquella casa tumultuosa, cheia de mulheres que rezingavam e crias que lhe invadiam o quarto remexendo em tudo. Desconfiava das mulatas que cochichavam pelos corredores, espocando muchochos, olhando-o d'esguelha, com menoscabo.

Quando o chamavam para a mesa ia sempre contrafeito, acanhado, aceitando cerimoniosamente os pratos que lhe serviam, comendo em silencio, de cabeça baixa e, mal terminava as refeições, sahia para a chacara ou trancava-se no quarto, deitando-se ou debruçando-se á janella, a desfiar o sonho de fortuna com que contava restaurar o lar em esteios ainda mais fortes do que os que firmara o pai, tão fundamente abalados com a sua morte.

Caminhando, deixava-se penetrar da alegria da terra orvalhada e cheia de passarinhos, revoejada de insectos. Tudo aquillo parecia-lhe viver sadiamente e bemdizer a vida, desde a poeira que se levantava a seus pés, até as montanhas longinquas, muito azues, aqui, ali dourando-se com o sol.

Um cheiro adocicado de matto impregnava o ar fino. E elle seguia, ora pela chan, nas trilhas direitas, margeadas de hervas floridas, ora vencendo acclives escavados, fundos sulcos das rodas dos carros de bois.

Parava nas alturas espalhando a vista pela paisagem circumdante. Via-a toda verde, viçosa em milharaes e pastos. Ali, um engenho, um moinho além com a agua a chofrar na grande roda; carros de lavoura, gente trabalhando nas roças, cafesaes a eito pelas collinas encarapinhadas.

Longe, no alto, branqueando, casarões de fazendas, com o terreiro á frente, as senzalas em volta, os curraes murados.

O sol subia alumiando cálidamente em ouro. Thadeu não sentia o calor, tão enlevado ia naquelle devaneio feliz. Porque não havia elle de conseguir o que outros conseguiam: tirar riqueza da terra prospera? E já lhe não bastava a chacara do Madruga — queria tudo o que via, aquellas campinas, aquelles valles, aquelles montes, espalhava por elles olhar de dono, chamando-os a si, não com ambição egoistica, mas com a intenção generosa de amparar a mãi e a irman, tirando, em colheitas fartas, a abundancia e a alegria para o lar, dando-lhes, a ellas, em dobro, o que as coitadas tinham por perdido, enterrado na mesma cova em que jazia o homem bom e forte.

Via-se no campo, ao sol, cavando para semear e já as sementes brotando, a flôr abrindo-se e o fruto amadurecendo — a paz, a prosperidade, a vida correndo tranquilla e suave á proporção que os cabellos maternos, raros e embranquecidos, iam dando ao rosto sereno de Maria

Augusta a expressão virtuosa e benevola da velhice.

— Que seria dellas, pensava, se lhes faltasse a sua protecção? A mãi, viuva, desamparada e pobre, com uma casa e um palmo de terra por semear, teria inevitavelmente uma triste velhice de miseria e de amargores; e a irman, formosa e moça, que seria della se a não defendesse o carinho sincero do seu coração contra as ciladas dos que andavam a mirar a sua puberdade, vendo-a desenvolver-se em belleza e em graça? E que outro, senão elle, faria guarda á castidade de Luiza?

A terra era a sua esperança, a terra abençoada e fertil, sempre compensadora; essa mesma leira detestada e temida, que, em outros tempos, lhe arrancara lagrimas de colera quando, ainda menino, o pai o chamava para ajudal-o na horta.

Essa mesma terra, mysteriosa na sua germinação, alagada em Janeiro, florida em Maio, secca e abrasada em Dezembro, mas constantemente fecunda, constantemente em gestação, á luz do sol e do luar ou sob aguaceiros, produzindo se a semeavam, explodindo em fetos e espinhaes se a deixavam em pousio.

Essa mesma terra, detestada outr'ora, acenava-lhe com os seus multiplos ramos, como se todas as arvores, agitadas pelo vento morno, quizessem attrahil-o, em tentação seductora, cha-

mando-o para a iniciação nupcial de uma vida nova, de paz e de fertilidade perenne.

Demais, que seria das pobres mulheres se a terra o não soccorresse? E seus olhos commovidos alongaram-se pela varzea enamoradamente, significativamente, como se lhe quizesse dizer que a recebia para o noivado eterno.

Subitamente a visão desfez-se como nevoa que o vento dilue, e o pensamento voltou-se-lhe para o pai.

Vieram-lhe á memoria as scenas recentes da morte: o cadaver inteiriçado sobre o leito, mais tarde no caixão, mãos postas, palpebras cerradas, frio e pallido, um lenço atado ao queixo, entre cirios, coberto de flôres. Depois o sahimento, á hora do crepusculo. Mas recuando para os dias remotos da infancia, viu-o vivo e forte, com o seu formidavel corpo de colosso, e como se, effectivamente, o ribatejano houvesse resurgido e lhe falasse amigamente ali, em plena campina, entres colles de esmeralda, ouviu-lhe, clara e distinctamente, a voz.

Estremeceu e voltou-se.

Silencioso e abafado, o campo estendia-se deserto; longe, em verde baixada, bois soltos pastavam. Um velho negro vinha pela estrada tocando um burrico moroso.

O sol ardia intenso e, dentre o espesso arvoredo subia lenta, fluindo em bruma no ar, uma fumarada azul.

Thadeu, exhausto, estacou, recolhendo-se á sombra, á margem da estrada. O negro passou saudando-o. Correspondeu e, muito tempo, emquanto seus olhos alcançaram, seguiu-o pelo extenso campo calado e morno.

O calor subia.

O céu, muito azul, resplandecia e offuscava e toda a vasta extensão das terras, adormecidas na quentura enervante do meio-dia luminoso, estava deserta e calada. As barrancas sanguineas flammejavam e os milharaes de ouro vivido, ao sol, tinham a apparencia fulgida de chammas que alastrassem sem crepitação e sem fumo. Thadeu começava a sentir cançaço e sêde. E a cidade ainda tão longe, além dos morros!

Mas a ancia cubiçosa de começar a vida, de distribuir as terras, de preparal-as para a semente, arroteando-as: parte para horta, outra parte para os cereaes, as barrancas virgens para o mandiocal, as collinas para o café; o córte dos aceiros, a construcção do bicame para as regas, todo o trabalho que havia de ser a salvação da familia e a sua gloria de homem chamava-o para «Madruga» e, com tal insistencia, que, desprezando a soalheira, sedento e suado, deixou a sombra fresca e lançou-se a caminho pela poeira fina da estrada adusta, a grandes passos, o chapéu tombado sobre os olhos, a cabeça baixa, olhando a sombra negra do seu corpo na claridade nitida da estrada.

Finalmente seus olhos descobriram, atravez da verdura, o muro branco de uma casa. Era a primeira, annunciando o povoado; dali para baixo começava a cidade.

Um cão sahiu á porta ladrando e investindo e um pequeno em fraldas de camisa, pernas núas veiu á cancella espial-o.

Abrasado de sêde, com a garganta secca, a cabeça ardente, as temporas latejantes, alagado em suor, esteve para pedir agua á criança que o mirava curiosamente, mas, chegando á volta, em frente á casa, no alto, descobriu a cidade, no valle: as torres da Matriz, a Camara e, lá para longe, em densa massa verde, os eucalyptus altissimos.

De algumas casas partiam chispas, janellas flammejavam e uma claraboia incendiada refulgia com brilho solar, entre as telhas escuras.

Aspirou largamente o ar do monte e avançou pela descida cavada em brocas pelas enxurradas, entre barreiras abruptas, e só parou no largo, em frente do portão do cemiterio, demorando-se saudoso a olhar, atravez das grades, os tumulos de marmore, claros, banhados de luz: alguns entre cercarias de ferro, outros nús, cobertos de matto, abandonados e esquecidos.

Ali, ao fundo, estava enterrado o pai, pensou; e os olhos foram-se-lhe humedecendo e, pelo rosto, molhado de suor, rolaram lagrimas repentinas.

O coveiro cantava no silencio do campo santo.

Thadeu quiz chamal-o para que lhe deixasse ir vêr a sepultura, mas a sua voz perdeu-se sem resposta. O homem não podia ouvir, estava trabalhando em alguma cova para alguem que morrera nesse dia. Passou adiante, deu volta ao pequeno cemiterio chamando, mas o coveiro continuava a cantar, tranquillo e surdo, entre as samambaias. Esteve algum tempo á espera. Por fim partiu atravez das ruas emmudecidas.

Quando passou diante da ferraria Nazario, agarrado á pata de um cavallo, raspava-lhe o casco e o pequeno Damião, negro de tisne e avermelhado pelos reflexos da forja, insuflava o fólle cantarolando, a olhar para a estrada. Vendo Thadeu deteve-se sorrindo e «mandou que entrasse.»

Nazario levantou a cabeça:

— Quê! És tu? Quando chegaste? Entra.

E deixou a pata do animal, avançando de mangas arregaçadas, com o grande avental de couro até os hombros.

Thadeu estendeu-lhe a mão, contando que deixára a familia, que viera só para dispôr a vida, e, d'improviso, encostando-se á bigorna, declarou que não voltava á venda.

— E então? Já tens outra coisa?

— Tenho essas terras que elle nos deixou; vou cultival-as. Sempre hão de dar mais alguma coisa do que o balcão. Depois estou no que é meu.

— Mas tu pódes lá com essa vida de enxada?

Deixa-te disso, rapaz. Fica onde estás e deixa-te de maluquices.

E interrompeu-se para dizer «que mandara nesse dia rezar uma missa por alma do Manuel.»

Thadeu indagou se fôra muita gente.

— Eu e mais umas cinco pessoas. Ah! isso é assim mesmo. Não, que elle agora não póde empanturrar os buxos. E ellas como ficaram?

Thadeu, em curtas palavras, expôz o soffrimento da mãi: «noites e noites em claro, sempre chorando, pedindo a morte. E magra de fazer pena. Luiza, emfim, sempre era mais corajosa.

— Sim, coitada... Elle era um homem como não ha muitos. E comtigo? Como vai ella?

Thadeu sorriu tristemente, encolhendo os hombros.

— Sempre impertinente, hein? Tem paciencia, filho; vai aturando. Que has de fazer? Trata de ser homem e deixa-a andar. Já almoçaste? Ainda não, com certeza. Entra que ainda deve haver alguma coisa para enganar o estomago.

Thadeu, que dera alguns passos, voltou-se de golpe:

— Quem morreu hoje, Nazario?

— Hoje? Porque perguntas?

— O Julião estava a trabalhar quando passei pelo cemiterio.

— Mas o Julião trabalha todos os dias, até já o encontrei uma noite ferrado á terra. É verdade que foi no tempo da epidemia. Não me

consta nada. Só se foi a Leocadia, que tem passado mal da molestia; só se foi ella. Mas não creio, porque o Pinto esteve aqui de manhan e não me disse nada. Aquella não vai tão cedo.

— É barriga d'agua...?

— Sei lá! É uma coisa. Já ouvi dizer que é coração. Sei lá que é! Quando os proprios medicos vivem a dar com a cabeça pelas paredes... É qualquer coisa. Mas vamos almoçar. Anda que deves estar com o estomago a tinir.

Levou-o até o fundo e voltou tranquillo, vagaroso, para junto do cavallo que o esperava pacientemente, preso á argola, com os olhos vendados por um pedaço de canhamo.

## V

Só, atravez do campo sereno e humido, meio velado ainda pelo crepusculo, posto que o dia, no céu chammarreado de ouro e purpura, fosse, aos poucos, desabrochando, Thadeu caminhava. de enxada ao hombro, em mangas de camisa, afundado na herva orvalhada e alta, que crescia viçosa pela vastidão das terras ferteis, por onde jámais andara o ferro do arado, por onde jámais passara o gume das roçadoiras.

O massambará, alto e verde como os milhos, ondulava a perder de vista, dizendo a feracidade do sólo. Nos cerros, velhos cafesaes, abafados pelo sapê, ainda marcavam os renques parallelos e, á borda dos banhados frios, as largas folhas róridas dos inhames pareciam de bronze.

Thadeu lançava os olhos pelas terras, fazendo

mentalmente a distribuição dos lotes, calculando as colheitas.

Parecia-lhe que todo aquelle matto bravio e extenso, crescido ao acaso, aquecido pelas soalheiras do estio, alagado pelas chuvas do inverno, sempre esteril e nú, ia rebentar em flôres e em frutos aos primeiros clarões do dia, e contemplava-o enternecido, levantando os olhos para o alto, acompanhando o vôo rapido de um passaro que abalara logo que presentira o farfalho da herva que elle ia abrindo para atravessar.

A confiança crescia-lhe nalma. Aquella terra, que ia ser lavrada pelo seu braço, havia de pagar-lhe o esforço e o sacrificio quando o outono chegasse. Se outras, safaras e maninhas, de pedregulho e calcareo, rebentavam em floração mal recebiam a semente da mão do semeador, aquella, virgem, nova e rica de seiva, nunca explorada pelo braço do homem, intacta e abençoada, porque jámais lhe cahira em cima uma gota de sangue, por que não havia de produzir?

Nunca escravos haviam trilhado os seus carreiros nem as grotas ouviram gemer, salvo se alguem, de passagem, as tivesse procurado para descançar um pouco, confiando á sua discreção as agonias do captiveiro e os terriveis travores da saudade.

Essa bemdita gleba seria fecunda e farta e, certamente, a familia havia de viver á sombra

doce dos ramos, colhendo as flores, colhendo os frutos, como em um paraíso.

Estranha alegria transparecia-lhe no rosto illuminado; os olhos fulgiam contemplando extasiadamente a terra e a curiosidade de tudo vêr, de tudo examinar levou-o de ponto em ponto, das baixadas ás alturas das collinas de onde alongou a vista numa visão vaidosa e ufana pela redondeza, alcançando, além dos capoeirões, em planície longinqua, as culturas de um sitio visinho, onde não cessava o trabalho da turma negra que elle, donde estava, via ir lentamente subindo pela encosta do outeiro, dentro da luz triumphal da madrugada que tirava scintillações das enxadas e doirava os campos.

Sentou-se e pôz-se a arrancar raizes. Outros pensamentos rolaram-lhe no espirito. Como adquirir o gado de que carecia para o serviço? Os bois que restavam, estafados da canga, mal se podiam ter nas pernas.

Seria melhor vendel-os para o córte e aproveitar o dinheiro em compras uteis. Ao mesmo tempo, porém, sentia como um remorso á idéa de desfazer-se dos velhos animaes, esgotados no serviço da casa, envelhecidos ali, pacificos e meigos a tal ponto que ainda se lembrava do que fazia com elles quando criança: á tarde, mal o pai os soltava, ia-lhes em cima com o chuço, atropellava-os, feria-os, e elles, sempre mansos, voltavam os olhos doces, num olhar resignado, e

partiam, sem revolta, escondendo-se nos mattos.

Vendel-os parecia ingratidão. Melhor seria deixal-os ficar: que morressem onde tinham nascido, os pobres bois e a *Mulata,* a vacca domestica, roída pelos bernes, com as têtas murchas, passeando pela solidão o seu esqueleto pelancudo, tão velha na casa que ninguem poderia dizer ao certo quando entrára para o curral. Era a mãi do *Batoque* e do *Crioulo,* que andavam tristonhos, mugindo, como se sentissem a falta do homem que os levava, nas frescas manhans, atravez dos pastos cheirosos, cantando, sem lhes tocar com a ponta da aguilhada.

Vendel-os parecia a Thadeu ingratidão cruel. Que vivessem; que acabassem ali mesmo, os pobres animaes. E, como baixasse os olhos, descobriu por traz da casa, no terreno, os bois que haviam sahido do curral, sempre aberto. A *Mulata* esfregava-se ao moirão e um dos bois, brasino e forte, de grandes armas curvas, levantou a cabeça e, como se saudasse o sol que subia, dominando o céu, esticou o pescoço para o alto e mugiu prolongadamente.

Mas para Thadeu, sensivel e impressionavel, esse facto naturalissimo appareceu sob feição maravilhosa — os animaes agradeciam-lhe a misericordia pela bôca do mais forte. E o olhar doce com que os contemplou foi um olhar de perdão.

Subito, vendo a manhan em plena luz, ergueu-se. Já havia escolhido o sitio para começar

— era a fralda da collina, terras de prodigiosa força, excellentes para o café. Tomou a enxada ao hombro e desceu para o local escolhido.

Um bando de rolas levantou vôo, ruflando as azas. Thadeu estacou, seguiu-as e, por fim, arregaçando as mangas, tomando corajosamente a enxada, ergueu os olhos ao céu como se quizesse pedir a benção para que o seu trabalho frutificasse prosperamente.

Derreou-se, com a enxada erguida, e a terra sentiu-se aflorada pela primeira vez pelo gume do ferro que lhe abria o seio para receber o germen.

As horas succediam-se intensamente abrasadas; o sol a pino luzia e Thadeu, em exaltação crescente, capinava, sem consciencia do tempo, empenhado na luta suprema.

A camisa rota, esmolambada, deixava-lhe quasi todo o busto nú: o peito magro, concavo, ripado pelas costellas, os braços finos, flacidos, os hombros cavados, tudo a luzir, como envernizado a suor. O cabello collava-se-lhe empastadamente á fronte e ás temporas. Respirava aos haustos, com um papejar do ventre, d'olhos baços, vitreos, como assonorentados d'alcool. Mas a vontade impellia-o, dobrava-lhe as forças. A idéa de levar pela terra rasa, e por montes, a lavoura do sonho fortalecia-o energicamente. Que lhe importava a sêde exsiccando-lhe a boca, gretando-lhe os labios? que lhe importava a fome

que o aturdia se, dentro em pouco, todo aquelle baldio de sapesal e pedras seria um mar de verdura florida, promessa alegre de colheita farta? Morreria, se preciso fosse, dando-se, em sacrificio, á terra, comtanto que ella, fertilisada pela sua carne, pelo seu sangue toda vicejasse, sem nella ficar trato sem planta e planta sem flor e fruto.

A luta era terrivel e maior lhe parecia sempre que alongava os olhos e descobria extensamente, ondulando ao vento, as capoeiras intonsas e comparava o trabalho feito com o que tinha ainda a fazer. Mas não descorçoava. Esperança serena enchia-o de coragem.

Curvava-se de novo e, cavando, a lentos, desfallecidos golpes, que mal raspavam a terra secca, levantando-a em poeira, que rebrilhava ao sol, sonhava o seu lindo sonho de prosperidade, já se sentindo na exuberancia que havia de vir, rico, abrindo estradas largas para os carros, caminhos para as tropas, picadas para os colonos, construindo galpões para guardar as colheitas, installando machinas para beneficiar o café, moer a canna e o milho, esmagar a mandioca...

Quando o sino da Sé, em badalada grave, cheia, annunciou o meio dia, Thadeu levantou a cabeça surpreso, olhando o céu como se quizesse acompanhar o som que passava, rolando. Pareceu-lhe impossivel que o dia tivesse caminhado

tão rapido e, emquanto soaram as horas, com a enxada em pé sobre o sólo, o chapéu na mão, manteve-se immovel, em attitude humilde e contricta, ouvindo.

O sol cahia-lhe de chapa sobre a cabeça núa e, quando os echos extinctos deixaram silencioso o espaço azul, cobriu-se recolhendo-se á frescura de uma grota, sentou-se, tomou a marmita da refeição e comeu, olhando distrahidamente as saúvas que andavam carreando folhas, em grandes filas pelos carreirinhos. Sentia-se prostrado, mas satisfeito, prevendo os dias fartos que haviam de correr sobre o sitio, quando as sementes viessem em vige á flor da terra.

Comeu pouco, sem fome. A fadiga vencia-o. Estirou-se na herva, á borda d'agua e, ouvindo o murmurio sereno e perenne do crystallino fio que trebelhava nas pedras e fugia sinuoso, por baixo das folhas dos inhames, adormeceu pesadamente, com o rosto voltado para o céu, os braços escancarados, a bôca aberta, resomnando.

Cahia suave a tarde quando elle abriu os olhos. Sentou-se e, reconhecendo a hora, teve um gesto de contrariedade, calculando o tempo que perdera. Mas deixou-se estar sentado, as mãos espalmadas nas côxas, inerte e molle. Sentia-se extenuado — todo o corpo se lhe dobrava de fadiga.

O rumor das arvores crescia com os ventos vesperaes e os flexuosos capins erguiam-se, bai-

xavam, ondulando com suave marulho como o das ondas nas praias.

Lançando os olhos em frente, o desanimo passou-lhe pelo espírito. Como vencer aquella exuberancia, elle só, contra a força viva e inconsciente da natureza? Como triumphar de toda a seiva mysteriosa que circulava nas veias subterraneas alimentando as raizes silvestres? E, vagamente, uma idéa se lhe foi gerando no espirito visionario — a principio indecisa e dubia, pouco a pouco, porém, accentuando-se, impetuosa, dominadora.

Á lembrança das queimadas de agosto, que limpam os campos, mais rapidas do que as turmas dos negros capinadores, carbonisando as mattas, reduzindo a cinzas, que os ventos levam, as capoeiras copadas das campinas, nasceu-lhe o pensamento estranho de deitar fogo ás terras do sitio para que a chamma despisse os cerros do matto hispido e os fertilisasse ao mesmo tempo.

O fogo seria o seu camarada de lavoura, o seu colono, e enlevado nessa idéa estremeceu, agitou-se, devassando toda a paizagem com olhar dominador e altivo, subindo com os olhos aos cimos, baixando-os como se quizesse marcar o roteiro flammineo, vendo os trilhos por onde deviam alastrar as labaredas.

E ergueu-se na solidão, apoiado á enxada, olhando e, intimamente, a voz do sonho dizia-lhe baixinho:

«Ámanhan, se Deus quizer, bem cedo, tóco fogo nisto, deixo queimar até ficar tudo em cinza, sem um tôco. Então é que hão de vêr esta terra como é bôa e, com uma chuvasinha, ficará macia, fofa, facil de trabalhar de enxada. Então sim!... Para derrubar, sim! Isto nem com dez homens... Fogo, não... Pegando, vai tudo.»

E, elevando os olhos, em extase, fixou-os no occidente inflammado onde o sol desapparecera deixando rastros de sangue e ouro, e pasmado, immovel, embevecido na contemplação, ainda sob o dominio fantastico da sua idéa, vendo a luz rubra do occaso, teve a impressão nitida de um incendio que lavrasse além, muito alto, em grandes chammas que lambiam o céu e, como apparecessem estrellas, pareceram-lhe flôres que desabotoavam no azul purificado e fertilisado pelo fogo, como haviam de desabotoar nas terras do sitio, quando o incendio as lavrasse para a sementeira.

Tomou a enxada e, vagarosamente, veiu descendo pelos estreitos caminhos que a brisa fresca da tarde bafejava.

Rolas gemiam tristemente no arvoredo denso e as derradeiras cigarras ciciavam. A côr do céu esmaecia. As tintas vivas do occaso esbatiam-se pallidamente, esvahindo-se na penumbra do crepusculo. O azul tornava-se profundo. Pouco a pouco, porém, as cumiadas das serras fôram branqueando, uma luz dôce, nupcial, de lampada por-

phyrica, clareou o céu, clareou os montes e desceu pelas hervas das campinas.

Muros distantes emergiram da sombra muito brancos. Arvores immensas ficaram galvanisadas de prata. Pelas barrancas, pelos invios trilhos dos campos, pelas abas ingremes dos montes estendeu-se o clarão da lua que surgira num hallo de ouro, alva, nivea, como grande perola suspensa.

Thadeu sentia-se invadido pela melancolia communicativa das coisas e a Avè-Maria, a hora christan de Vesperas, o toque do supremo viatico, achou-o parado em frente á tranqueira da casa, entre os bois mansos, que ruminavam caminhando para as ruinas do curral antigo.

Outra badalada rolou pelo espaço recolhido e Thadeu sentiu-se enlevado para o divino. Estranho mysticismo subjugou-o. Encostou a enxada á cerca, pousou o chapéu e ajoelhou-se na terra, entre o gado tranquillo.

Quando procurou a casa era noite fechada. O luar immenso resplandecia. Sentou-se á soleira da porta fumando e, contemplava o infinito céu estrellado e sereno, quando presentiu rumores por entre as folhas das tayobas. Alongou os olhos. Um grande cão corria pelas aléas do jardim, apparecendo e desapparecendo; por fim avançou em direcção á casa e galgou, de salto, os tres degráus da varanda, cahindo de rojo a seus pés, esfregando-se-lhe nas pernas, de rastro,

humilde e meigo, a bater com a cauda, ganindo. Era o *Turco*.

A alegria do animal, reconhecendo o dono, tornou-se em desvairamento. Atirou-se-lhe ao peito, impondo-lhe aos hombros as grandes patas, lambeu-lhe o rosto, as mãos, mirou-o muito e, subito, atirou-se abaixo da varanda, circulou o jardim em vertiginosa corrida e voltou a acaricial-o, ora agachando-se, ora rebolando de costas, com as pernas para o ar, varrendo o chão com a cauda. Thadeu chamou-o e, passando-lhe a mão pelo corpo magro, sentiu immensa piedade pelo cão que andara errando pelos caminhos, farejando o rastro dos senhores na poeira das estradas.

Magro e foveiro, o pêllo hispido e cerdoso, os ossos em grandes arcos salientes, o *Turco* não tirava os olhos do seu rosto como se quizesse demonstrar a sua alegria por o haver achado, e contar, na linguagem meiga do seu olhar submisso, as suas longas saudades concentradas, o soffrimento da sua vida errante pelos campos, pelos montes, ao sol, á chuva, uivando nos valles fundos na ansia da nostalgia e do abandôno, como se procurasse perguntar aos céus, com os seus gemidos, pelos que haviam desapparecido, pelos que o haviam desprezado. E Thadeu, como se o comprehendesse, afagou-o, repousando-lhe a enorme cabeça sobre a perna, falando-lhe baixinho, enternecidamente:

— Então, meu velho...? Coitado! Esqueceram-te? Coitado do *Turco!*

O cão correspondia com a sua caricia estouvada, atirando as patas, ganindo.

— Que tens feito, meu velho? Por onde tens andado? Pobre *Turco.*

O apparecimneto do velho cão despertou-lhe antigas reminiscencias — factos quasi de todo apagados na sua memoria resurgiram como se tivessem occorrido na vespera, claros e precisos. Quedou-se em demorado silencio abraçado ao *Turco,* passando-lhe a mão pelo dorso. O cão arquejava com a lingua pendente, a cabeça descançada sobre o seu joelho e fóra, na estrada, ao clarão da lua, gente cantava em tom gemente e languido de queixa.

Os olhos fitos, extaticos, fôram-se-lhe tornando opacos como se subita cegueira os velasse. Pouco a pouco a visão se lhe foi tornando indecisa e obscura — as estrellas confundiam-se e desapparecia o céu, as arvores e os caminhos desappareciam e o olhar ficou-lhe em sombra. O cão, estafado, adormeceu e o silencio cahiu interrompido por um brado alegre de Nazario que appareceu á cancella:

— Ó de casa! O *Turco* ergueu-se d'impeto, ladrando e Thadeu, arrancado ao entorpecimento, aprumou-se em sobresalto:

— Quem é?

— Sou eu, homem. Que diabo fazes mettido em casa com uma noite d'estas? Vem dahi. Deixa-te de molleza.

Thadeu, porém, contendo o cão, que rosnava, convidou-o a subir, queixando-se de canceira.

— Que diabo andaste a fazer?

— Estive roçando um bocado.

Nazario subiu á varanda e, vendo o cão que o festejava colleando, a andar de um para outro lado, com resmungos, acariciou-o:

— Ó mestre! Então como vai isso? Por onde tem vosmecê andado? E voltando-se para Thadeu: Sabes? quasi o matam! Aquella besta do Julião e um negro...

— Por que?

— Por que! sei lá! O bicho, desde o enterro do Manuel, fazia todos os dias uma viagem ao cemiterio, deixava-se estar algum tempo junto á cova e descia, sem fazer mal a ninguem, porque, coitado, já nem dentes tem para morder, o pobre. Pois o bebedo do Julião, apanhando-o perto do tumulo do velho, atirou-lhe com a enxada á cabeça e vasou-lhe um olho... e o negro, ainda por cima, sahiu atraz delle com matacões de pedra.

— Como?!

— Pois não viste? Tratei-o como entendi, porque o coitado veiu, a sangrar, refugiar-se junto de mim, gemendo. Olha cá.

Agacharam-se os dois. Thadeu tomou nos

braços a cabeça do animal e Nazario, riscando um phosphoro, mostrou o olho cavado, de palpebras murchas, e uma porfunda cicatriz na arcada orbitaria.

— Vês?

— Canalha! exclamou Thadeu fremente de odio. E o cão, como se comprehendesse que tratavam delle, levantou a cabeça e deixou fugir um uivo enternecido, baixinho, rebolindo-se, bambaleando-se.

## VI

A terra vencera o homem. Lá fóra na grande noite a chuva torrencial alagava os campos, rolava em enxurros pelos vallados; os ventos vergavam os galhos, retorciam-n'os estrondosamente. As arvores debatiam-se em convulsões freneticas, agitando fantasticamente os ramos em movimentos de agonia e de desespero, sob a tormenta implacavel. As vidraças afogueavam-se em clarões lividos de relampagos. Ás subitas, como em derrocada, estrépitos de raios atroavam o espaço.

Thadeu, d'olhos semi-cerrados, em somnolencia de febre, as mãos cruzadas no peito, ouvia o reboar da trovoada e o tamborilar da chuva ora leve, ora violenta, ás bátegas.

Adoecera no campo. Cahira sobre os montes

de herva capinada, golfando sangue. Damião, que lhe fôra levar a marmita, achou-o quasi desfallecido, de bruços, o rosto mascarrado de coagulos, a bôca purpurea, ansiando e gemendo. Correu a chamar o pai, apezar das instancias de Thadeu — «que aquillo não valia nada, não fosse incommodar o pobre homem.» Mas o pequeno, á vista do sangue que empastava o chão, partiu a correr em busca de Nazario, sem ouvir as supplicas de Thadeu que rolava afflicto, comprimindo o peito, respirando com ansia, falando ao *Turco* que velava, estirado sobre os capins:

— Ai! *Turco!* Eu morro! Eu morro, meu velho!

Mais do que o proprio soffrimento sentia a derrota da sua fraqueza, comprehendendo que estava para todo o sempre perdido, que o seu trabalho fatigante e pertinaz de tres longos mezes ia desapparecer com os transbordamentos da terra fertilisada pelo estio que entrara. As raízes detoradas reviçariam ao sol, voltariam á vida os renovos possantes dos vassouraes bravios e toda a vegetação agreste derrubada, dentro em pouco, com aquelles calores que faziam amadurecer rapidamente os frutos, repontaria mais vigorosa, inutilisando a labuta aturada do seu braço, abafando as suas esperanças.

Sentia em torno de si pullular e crescer a flora maninha. A seiva fluia secretamente revivescendo os caules, passava em effluvio renovador pela

terra e seus olhos amortecidos humedeciam-se diante da inclemencia estival que fecundava obstinadamente a gleba.

E tudo, em torno, em alegria triumphal, parecia zombar da sua fraqueza e da sua impotencia: aves gazillavam, vinham voar perto do seu corpo, pousavam ao alcance do seu braço catando palhas para novos ninhos; folhas seccas cahiam-lhe sobre a cabeça: as arvores queriam mostrar-lhe que renasciam. Corymbos balançavam-se com o vento desabotoando em flôr e, não longe, o capoeirão cerrado alteava as grimpas verdes e florecentes crescendo, revigorando-se, sempre vivo e sempre forte, absorvendo a seiva das arvores tombadas, vivendo da morte dos troncos fraternaes que adubavam a terra, como os cadaveres adubam os campos de batalha, mais ricos depois da sangueira, retribuindo com a vida o tributo da morte.

O sol, vivido e rispido, mordia-lhe as carnes, picava-lhe o rosto; a terra adusta queimava-o como se uma conspiração tacita houvesse sido combinada entre a luz e a lande para abrasal-o como elle quizera incendiar as mattas.

Quando Nazario chegou esbaforido, encontrou-o sentado, a olhar airadamente.

— Ó rapaz! Então! Que foi isso?

Encolheu os hombros, resignado:

— Canceira.

— Pois de certo; é natural. Um pobre corpo

como o teu póde lá com esse trabalho brutal? Pensas que puxar enxada é para qualquer? Deixa-te disso. Vamos dahi. Manda ao diabo a lavoura. Ganhas a vida de qualquer modo, a questão é querer trabalhar. Não viveste até hoje sem isso, então? Anda, vamos; levanta-te! Como Thadeu não se movesse, adiantou-se. Não pódes? Ora vejam... Aqui assim com um sol de matar passarinhos. Anda dahi.

Tomou-o pelos braços, guindou-o e, amparando-o, veiu com elle vagarosamente pelos caminhos, resmungando:

— Que loucura! Um homem doente a trabalhar como um negro. Isto é para quem tem saude. Teu pai, que era um touro, esse sim, podia passar a vida toda no campo que até lucrava. O sol, que lhe conhecia a tempera, podia vir abaixo com todo o seu fogo que elle não se dava por achado. Mas tu! És lá homem para isso?! E apalpando-lhe as costas: Olha como estás encharcado... Esquece-te dessa coisa de terras. Deixa o matto... que cresça. Que o leve o diabo! Outros que o tomem á conta, tu não, que não pódes.

Como passassem pela clareira recentemente capinada, Thadeu deteve-se contemplando:

— Quasi prompta! considerou com tristeza.

— Quasi prompta o que, homem de Deus! Quasi prompta o que! Caminha, que este sol escacha. Deixa-te de coisas...

— Com mais um mez de trabalho tudo isto ficava em estado de ser semeado, entretanto...

Ansiou afflicto e a tosse sobreveiu.

Nazario tomou-lhe a fronte. Nova golfada de sangue jorrou.

— Olhem p'ra isto! dizia o ferrador commovido. Olhem p'ra isto! Isto até é não ter juizo na cabeça. Diabos levem a terra...! Queres descançar um bocado? Tambem não vale a pena, estamos perto de casa... É mais um passo. Ora que doidice! E não arredava os olhos do sangue que ia sumindo, chupado pela terra calcinada e ávida.

Os bois, que pastavam, levantaram os olhos para vêl-os. Nazario tocou-os:

— Eh! bichos! E passaram.

No terreiro, Thadeu voltou-se ainda uma vez para olhar a planicie e, descobrindo as terras, limpas e nuas, capinadas de fresco, não conteve as lagrimas.

— Que tens, rapaz? Por que choras, homem? Ai! Mau!

E como lhe seguisse o olhar descobriu o motivo da tristeza, acudindo:

— É ainda pelo trabalho que choras? É pelo trabalho perdido? Descança que nada se perde na terra — é o melhor banco. Não é para ti, será para os teus filhos. É assim mesmo. Olha, eu tambem tive essa mania de terras, felizmente recuei a tempo, comprehendendo que não é tão fa-

cil lidar-se com ellas como parece. E sou forte, tenho saude, graças a Deus! Terras eu? dêem-m'as de graça que não as quero. Cá para mim bastam-me os sete palmos de ámanhan.

## VII

Quando chegou ao Paty a noticia da molestia de Thadeu, as duas mulheres sobresaltaram-se. «Que seria? Que não seria?»

Maria Augusta, que já se queixava do aborrecimento da vida — «mettida naquelle desamparo», aproveitou o motivo para fugir ás instancias de Manuel Gomes, que insistia em que ficassem mais uns tempos. Negou-se; e, nessa mesma tarde, tratou de arranjar a bagagem, pedindo o carro para a manhan seguinte.

— Não, que se lhe morresse o rapaz não sabia que havia de ser dellas, sem ninguem no mundo. Luiza correu a entrouxar a roupa affirmando — «Que não podiam deixar o irmão sósinho, sem uma pessoa que lhe désse os remedios a tempo e a hora.» Tinha lagrimas e gestos afflictos,

invocava os santos, mas intimamente sentia-se feliz: Ia revêr Vassouras!

Manuel Gomes tentou dissuadil-as, promettendo ir em pessoa ao Madruga vêr o rapaz; ellas, porém, no proposito em que estavam, recusaram. Luiza oppôz-se. — «Que até lhes ficava mal deixarem o irmão, o unico parente que tinham na terra, abandonado no fundo de uma cama.»

A mãi concordou: «Ficava feio: haviam de falar e com razão.»

Manuel Gomes encheu o cachimbo e, estirando as pernas, deu d'hombros:

— Pois sim. Aqui vocês têm tudo, não lhes falta nada. Querem ir? pois vão, minhas filhas, mas certas de que o rapaz não tem nada de cuidado. Teve saudades e inventou essa historia de doença.

Mas Maria Augusta interrompeu-o, defendendo o filho:

— Não era capaz de assustal-as desse modo. Elle que mandara dizer que estava doente, estava mesmo. Emfim, fosse como fosse — o dever dellas era seguirem quanto antes; não queria remorsos.

. .

Recolhendo-se ao quarto, sentadas na cama, mãi e filha desataram a falar do sitio, recapitulando a vida amargurada que levavam naquelle zungú de negras e mulatas, com Maria Rita á

frente, muito catinguenta, puxando a dança.

— Nunca vi! exclamou Maria Augusta, benzendo-se com a mão espalmada. Contado ninguem acredita. Um homem como seu Manuel Gomes mettido com uma immundicie d'essas, sempre fedendo a sarro de cachimbo e a cachaça e suja de fazer nojo... Até parece feitiço...

E Luiza acrescentou:

— Ainda se fosse ella só... são todas. Todas essas mulatas que andam ahi com luxos de donzellas, muito cheias de quindins, de me deixes, tudo isso reza pela mesma cartilha. Eu vi muita coisa! Á noite seu Manuel Gomes não dá acordo de si: sahe da mesa aos tombos, como mamãi vê, deita-se na muafa e a casa fica entregue a essa corja. Então é que é... Na noite em que a senhora teve aquella dôr eu fui á cosinha buscar um pouco d'agua quente. Ahn! Não lhe conto nada...! Estavam todas de pagode com homens, um tocando violão, e Maria Rita no meio da troça.

— Pois é. É para você vêr. E quer «dona», essa biraia! Tambem que é que se póde esperar de uma typa que sahiu do quadrado? Seu Manuel Gomes é que eu não sei... E sempre a falar nas despezas, no preço disto, daquillo. Pois se viemos para cá foi porque nos chamaram. Eu sei... Pensavam que tinhamos ficado com mundos e fundos... Sucia! Seu Manuel Gomes é

que eu não sei. Um homem tão direito, tão serio, dar para uma coisa assim.

— Ora, mamãi, gente que bebe é isso. E a senhora sabe lá as porcarias que ellas dão ao pobre?! Vamo-nos embora...

Luiza arrastou o bahú para o meio do quarto, abriu-o e poz-se a arranjal-o. Maria Augusta ia-lhe passando as peças de roupa que ella alisava, dobrava e acamava, falando sempre:

— A senhora é porque não viu o barulho que fez ahi o mascate por causa de um par de brincos. Foi uma vergonha! Ellas chegaram até a querer bater no homem e os brincos estão nas orelhas de Florinda, a tal que diz que vai casar com seu Chiquinho e vive mettida com um e com outro. E esses moleques!? O que elles fazem por ahi! O tal Totonho então... comendo á mesa com a gente, sujo, com o nariz escorrendo ranho e aquelles olhos cheios de sapiranga. Deus me livre!

De repente estacou hesitante e, derreando o busto, para falár a Maria Augusta, perguntou:

— Quantas camisas a senhora trouxe?

— Faltam, não é!? explodiu Maria Augusta. E, atirando os braços, frenetica: Não sei, não contei, mas deve faltar... Não vê que essas ladras deixavam de surripar alguma coisa... Poz as mãos, d'olhos em alvos: Camisas de bretanha, com rendas finas. Foram-se! Conta. Vê quantas tem. Vagabundas! Luiza contou oito.

— Oito!

— Ora se eu havia de trazer oito camisas! Quatro, pelo menos, ficam com ellas. É essa Maria Rita. Um diabo que sempre vestiu estopa. Eu mesma não sei onde tinha a cabeça quando aceitei o convite desta gente para metter-me aqui. Emfim... Bateram á porta. As duas entreolharam-se e Luiza foi abrir. Dando com Maria Rita abriu-se em exclamação affavel:

— Ó D. Maria, entre. Estamos aqui nos arranjos...

Era uma cabrocha reforçada, de collo farto e quadris anchos. Vinha em mangas de camisa, com o peito, os hombros e os braços nús, os seios bambos, cahidos em papo flaccido. Estacou á porta languorosamente, abrindo os braços entre as ombreiras.

— Que pressa, gente. Nem que fôssem tocadas...

Maria Augusta, agachada como estava, explicou:

— Que não. Até levavam saudades. Tinham sido tão bem tratadas... Mas que haviam de fazer? o rapaz sósinho, doente... Não haviam de deixar que estranhos fossem cuidar delle quando ellas estavam ali. Isso não.

Anna Rita concordou:

— Sim. Se é por molestia...

— Pois é. Se não fôsse a doença ficavamos! E, de repente, risonha: Por que a senhora não

vem passar uns dias com a gente, em Vassouras? Que é que a prende aqui? O compadre...? ora!

Anna Rita desculpou-se:

— Qual! não podia deixar a casa, principalmente naquelle momento. Sem ella ninguem se entendia ali.

— Uns dias...

Arrugou o carão em sorriso e, recuando, rematou:

— Bem, não quero estorvar mais. O café está na mesa.

Sahiu e Maria Augusta, sentindo-a afastar-se, cuspilhou para um canto, dizendo, com asco:

— Diabo da burra! É até capaz de fazer alguma porcaria para se vingar da gente.

E fechou o bahú com estrepito.

## VIII

Com a volta da familia renasceram, mais fortes, no espirito de Thadeu, as primitivas idéas de cultura. Ainda fraco, tornou ao campo recomeçando a carpa das terras de novo invadidas pelo mattagal e, apezar da violencia das soalheiras do estio, só recolhia á casa ao pôr do sol.

Nazario ia, muitas vezes, ter com elle, conversavam á sombra, estirados na relva, á borda d'agua.

Thadeu, sempre esperançoso, falava das colheitas futuras, calculando resultados. O ferrador, porém, em vez de encorajal-o, aconselhava-o a deixar aquillo: que voltasse á vida dos primeiros tempos, que não era homem para aquelle trabalho; aquillo pedia pulso, saude...

Appareciam, entretanto, os primeiros botões

precursores, os milhos espigavam, o feijão alastrava como se a terra, subjugada e vencida, tivesse cedido ao esforço perseverante, abrindo, emfim, o seu seio germinador á semente, para reproduzil-a em rama, em flôr, em fruto.

Á noite, deitado, com a janella aberta, escutava attentamente rumores mysteriosos, ora surdos e cavos, ora agudos e lancinantes: sussurros longos como suspiros de agonias, estalos, uivos, e parecia-lhe que era a terra que gemia, na ansia genesica, prestes a desabrochar. Era a agonia inicial das eclosões. A terra mãi, procreadora e santa, sua esposa, fecundada pelo seu braço, contorcia-se no grande parto outonal, á luz calma e fria das estrellas. Sorria feliz e adormecia com esse sonho, ouvindo sempre o sussurro das mattas longinquas açoutadas pelas ventanias.

Maria Augusta, porém, em vez de animal-o, dava mostras de aborrecimento, contrariando-o:

— Que se deixasse de semelhante idéa. Que havia de fazer um homem só com aquelle mundo de terras? Ainda se elle tivesse alguem para ajudal-o... Não contasse com ella, com ella não, que nunca pegara em enxada.

E, por mais que elle insistisse, trazendo exemplos, citando factos: outros que haviam enriquecido com um palmo de terra, Maria Augusta retorquia:

— Que sim. Não dizia o contrario, mas eram

homens, não andavam a deitar os bofes pela bôca, como elle.

Thadeu calava-se e recolhia-se, fugindo ás recriminações da mãi que, constantemente, falava da miseria proxima, mostrando-lhe a despensa vasia e o caderno das compras.

— O dinheiro ha de sahir de alguma parte, dizia em tom de ameaça.

Os dias passavam monotonos e tristes. A vida, em casa, tornava-se impossivel para Thadeu — eram doestos e diatribes, pragas, suspiros de desespero. Luiza pedia a morte, soluçando. Para evitar scenas taes sahia cedo, ia refugiar-se entre as arvores, cavando e pensando.

Á noite passava pela ferraria para desabafar, contando a Nazario as rixas domesticas. «Tratavam-no como um cão. A mãi não lhe dirigia a palavra, Luiza evitava-o. O seu quarto, abandonado e esquecido, era elle quem o arranjava, á noite, quando voltava do serviço. Que havia de fazer? Tentara aquelle recurso por lhe parecer de mais proveito para todos e, era assim que lhe pagavam a canceira e o esforço. Que havia de fazer?»

Nazario aconselhava, compadecido:

— Que tivesse paciencia. A pobre mulher viase só, já caminhando para a velhice, sem os commodos a que estava habituada e então, coitada! tinha rabugices. Tivesse paciencia, aturasse-lhe os rompantes. Era filho, tinha obrigação.

— Mas Luiza! Que lhe fiz eu? Eu, que só vivo por ella? Que lhe fiz para que me trate assim? Até ameaça-me com homens: Que sahe de casa, que não está para morrer á mingua, nem para ser minha escrava, dizia com a voz trémula, quasi chorando.

— Ora, Luiza... Luiza é uma cabeça de vento. Não te importes. Eu vou ter com ellas. Isso passa, descança. Mas se queres o meu conselho, deixa-te de terras. Em parte tua mãi tem razão. Que diabo pódes tu fazer sósinho? nada. Volta ao teu emprego e deixa-te de castellos no ar. Não abandones o certo pelo duvidoso. E quanto ao mais, descança. Eu vou ter com ellas.

Uma manhan, porém, no momento em que Thadeu sahia para o trabalho, Maria Augusta tomou-lhe a frente com arrogancia:

— Não tinham mais nada em casa; estavam núas. O pouco que restava elle havia devorado. Que resolvesse: ou mudava de vida ou procurava outro rumo, porque aquillo não podia continuar assim. Ellas sabiam viver, não lhes haviam de faltar recursos. Elle era um preguiçoso, um vadio, só queria comer e dormir. Arranjara aquella historia de lavoura para passar os dias refestelado, de barriga para o ar, como um fidalgo. Que se arranjasse! Era homem, não se perdia. Deixasse-as.

Thadeu tartamudeou algum tempo sem achar resposta e, humilde diante da mãi, antevendo,

como numa visão, todas as miserias que ella annunciava, falou sem revolta, submisso:

— Mas, mamãi, por que não vem vêr o que tenho feito? Quem lhe disse que passo os dias deitado? Quem foi?

— Quem viu! Luiza, ahi tens! tua irman, que não tem necessidade de mentir.

Os olhos de Thadeu rolaram allucinadamente, a côr subia-lhe ao rosto e, trémulo, dominando-se, exclamou baixinho, commovido:

— Luiza, mamãi! Ella disse que me viu dormindo? Luiza!!

— Sim, Luiza. Queres negar?! Pois sim. Só tu falas verdade, só tu trabalhas... O caso é que não temos nada para pôr no fogo e estamos com os braços á mostra, porque o pouco que nos ficou lá se foi.

E assomada:

— Pois, meu amigo, é cada um cuidar de si. Tu, que és homem, não te importas; pois olha, meu filho, á fome é que não hei de morrer, isso garanto. No dia em que me faltarem recursos, ora...! Assim como assim, antes isso...

Thadeu, levantou, de golpe, a cabeça, exclamando com indignação:

— Mamãi!

— É como te digo.

E, tranquillamente, voltando-lhe as costas, soltou uma gargalhada ironica. Thadeu baixou a cabeça e grossas lagrimas rolaram-lhe dos olhos.

A ferraria silenciosa, quasi toda em sombra, com um muro apenas alumiado por uma candeia de azeite, parecia deserta áquella hora da noite. Na forja vasquejava um resto de brasido. Vagalumes erravam pelo interior sombrio, piscando scintillantemente com fogos fatuos. Fóra, alvejava o luar.

Quando Thadeu entrou na officina, tímido, como criminoso, relanceando olhares investigadores, um vulto ergueu-se de repente como se houvesse surgido da terra.

— Quem é?

— Sou eu, Damião. Que é do homem?

— Deve estar no Leonel; foi para lá, mais o Augusto. Se você quer vou chamal-o. Espera ahi.

Sahiu a correr para a estrada.

Thadeu encostou-se á bigorna tristonho, acabrunhado com a lembrança dos factos desse dia. As palavras crueis de Maria Augusta pareciam resoar-lhe ainda aos ouvidos; a calumnia de Luiza atormentava-o, e mais do que tudo, a ameaça deshonesta: o lar polluido pela mancebia, o nome immaculado da familia, unica herança que lhe restava intacta e pura, aviltado no concubinato. A mãi mercadejando com a viuvez; a irman, desprotegida, desamparada, testemunha paciente desse crime, com a pureza do seu corpo e da sua alma sitiada pela cubiça lubrica, deixando-se se-

duzir e vencer por promessas, entregando-se ao primeiro que lhe acenasse com o engodo mentiroso de prosperidade ephemera, de tranquillidade e fausto transitorios.

Conhecia bem o temperamento ambicioso de Luiza: cederia á tentação sem escrupulo, desde que presentisse a possibilidade de satisfazer o mais insignificante capricho.

A miseria, ameaçadora e terrivel, punha em desbarato os sentimentos castos da familia, escancarava as portas á infamia, abria a alcova sagrada, franqueava o leito candido da virgem ao primeiro que apparecesse, fosse quem fosse, contanto que tivesse dinheiro. Repugnavam-lhe taes pensamentos, repellia-os; elles, porém, tornavam em tumulto, enchendo-lhe a alma de presagios lugubres.

Quando Nazario appareceu á porta, seguido de Damião, Thadeu saudou-o do escuro onde estava:

— Boa noite!

— Ó rapaz! exclamou o ferrador. Por que não foste até lá? Estavamos jogando o solo. Anda cá para fóra, que isso ahi está negro como um prego. Que ha de novo?

Thadeu desceu lentamente e encaminharam-se ambos para a porta. Sentaram-se na pedra negra da soleira.

— Tu por aqui a esta hora... Isto é coisa. Então, que é?

— Vou-me embora, disse Thadeu tristemente.

— Vais-te embora? Para onde?

— Para o Rio ou para outro lugar qualquer. Não posso mais. Mamãi começa a expulsar-me. Luiza disse-lhe que não faço outra coisa senão dormir, que vou para a roça deitar-me. Hoje, pela manhan, disseram-me que sou eu a ruina da casa, que sou a causa da miseria que nos ameaça, porque não trabalho, porque devoro tudo quanto nos ficou de papai. Horrores. Mamãi chegou a dizer-me que saberá fazer pela vida para não morrer á mingua, dando-me a entender que procurará alguem...

Não concluiu. Violentos soluços sacudiram-no.

Nazario derreou-se a rir, com as mãos enlaçadas nos joelhos:

— Então que é isso, rapaz! Estás louco?! Ora essa... ora essa! Tua mãi ia lá dizer isso, homem?! Tu é que andas a sonhar. És doido! E sério: Então julgas que ella é capaz de manchar o nome de teu pai? Estás doido! Tua irman, é casal-a, isto é que é. Está mulher feita, já é tempo de vocês cuidarem disso. Ora essa... Estás doido, decididamente.

— Pois sim, soluçou Thadeu. Se fôsse de hoje... Mas eu sei que ellas me detestam.

— Detestam o que, pateta! Não digas asneiras. Detestam...

— Já no tempo de meu pai, por qualquer coisa atiravam-me em rosto — que eu dava cabo de

tudo quanto elle ganhava com as minhas molestias, que eram um nunca acabar. Desejavam a minha morte, pediam-na. Não é de hoje. O melhor mesmo é eu ir-me embora. Longe, ao menos, trabalharei por ellas sem soffrer injurias. De que me serve estar aqui se não tenho descanço? Vou-me embora, deixo-as em paz. É melhor.

— Mas que vais fazer no Rio? Pensas que o dinheiro anda ali aos pontapés? Enganas-te, rapaz. Se fôsses mais novo podias arranjar alguma coisa no commercio, mas com a tua idade... Que diabo vais tu buscar ao Rio? Calma! Calma!

Mas Thadeu insistia:

— Não é possivel viver assim. Hei de achar alguma coisa, seja o que fôr.

Calaram-se. Houve um longo silencio. Damião, estirado na esteira, junto á bigorna, assobiava baixinho.

— Olha, queres saber uma coisa? Vem dahi commigo. Vem espairecer um pouco. Deixa-te de historias. Não me disseste que um sujeito de Ferreiros andava de namoro com tua irman? Pois casa-a, homem. Casa-a de uma vez, acaba com isso. Deixa-a ir. É por seu gosto, que se arranje. O que a pequena quer é isso mesmo. Que se case. Sua alma, sua palma. Isso de mulheres, em chegando a certa idade, é assim. Deixa-a ir e cuida da velha. Ella sim, precisa de ti. Vamos!

Levantaram-se. Uma nuvem negra encobria

a lua e os dois partiram pela estrada escura, conversando. Subito a claridade reappareceu suavemente. As casas branquearam e os dois homens, extasiados, pararam em meio do caminho, contemplando o céu resplandecente.

— Linda noite!

Sob o alpendre de uma venda um rancho de tropeiros cantava, ao som de violas. Estalavam palmas, e um vulto, de vez em vez, sahia aos saracoteios, sapateando ao luar.

## IX

Dezembro, mez das aguas, esplendido nos primeiros dias torridos, subitamente enfarruscou-se toldado de grossas nuvens que rolavam pesadas e vagarosas accumulando-se nas barras do céu. Ao cahir da tarde, com a chiadeira das cigarras, rumorejavam surdos trovões e o escuro arripiava-se em relampagos, zebrava-se de coriscos. Ventos espalhavam as folhas seccas, levantavam remoinhos de pó.

Uma noite, subito, fragorosamente, um raio estrepitou e, como trazido no vendaval azoado, o aguaceiro abateu violento, estrondoso, ás bátegas, arremessando-se aos gorgolões das gárgulas, transbordando das calhas, crescendo na estrada em rio barrento, que invadia os terrenos, em ameaça de inundação.

De manhan, com o abrandar da chuva, escoando-se as aguas, a estrada appareceu em lodaçal vincado a carris profundos, cavado em patejos de gado.

Aqui, ali nas depressões do terreno, rebalsavam-se pôças alagoadas, onde os carros entravam de corrida, aos trancos, atolando as rodas até os eixos, com os bois arrancando, como espavoridos, ao falario excitante dos carreiros que os aguilhoavam desesperadamente. Ou era um tropeiro que praguejava atropellando a récua para contel-a, procurando arrincoal-a numa rampa emquanto acudisse a um macho cuja cangalha tombara e, espantado, ás upas, chapinhando no lodo, ameaçava debandar em rumo ao matto. Raros transeuntes corriam encolhidos, com pannos pela cabeça, chapinhando no lameiro.

Ás vezes, em estiada, descia ao charqueirão um pallido raio de sol, logo, porém, recomeçava o borrasseiro, engrossava e, de novo, a chuva batia pesada, em carga, inchando corregos que transbordavam das valles coalhados de hervas e de immundicies.

Chovia torrencialmente quando Maria Augusta appareceu na ferraria, esbaforida, procurando Nazario.

O ferrador, que trabalhava á forja, ouvindo o seu nome, voltou-se rapido.

A viuva precipitou-se com uma carta na mão, soluçando, afflicta, sem poder falar.

— Que é? Que tem? indagava Nazario commovido e tonto, amparando-a com o braço, desviando as mãos negras de ferrugem. Então que é?

— Thadeu! soluçou Maria Augusta.

— Doente?

— Não! deixou-me. Sahiu de casa, foi-se embora...

— Foi-se embora!? Como? Parecia-lhe impossivel que o rapaz tivesse sahido da cidade sem, ao menos, lhe haver dito adeus. Não comprehendia. Foi-se embora... Quando?

— Hoje. Deixou-me esta carta debaixo da porta do quarto. Foi Luiza que achou. Ah! seu Nazario, meu filho! Que ingrato!

Deixou-se cahir sobre o banco e Nazario, tomando-lhe a carta, bradou pelo filho:

— Ó pequeno, anda cá!

O rapazola surgiu de traz da forja attonito, tisnado e estacou diante do pai limpando as mãos ao avental de canhamo.

— Lê isto! Lê, anda! e entregou-lhe a carta.

O pequeno desdobrou lentamente o papel e, com grandes pausas, ferindo forte as palavras, foi lendo sem levantar os olhos, embatucando, ás vezes, para soletrar:

«Minha mãi. A vida assim como vai é um sacrificio para todos nós. Depois da morte de papai pensei em ficar aqui acompanhando a senhora e Luiza, mas o meu trabalho não apparece

e a miseria ameaça-nos. Sei que para nada sirvo, doente como sou. Deus me proteja e a sua benção me guie. Vou tentar a vida em outra parte, talvez seja mais feliz e hei de ser, porque as minhas tenções são puras. Tudo quanto eu fizer será para a senhora e Luiza. Peço perdão do passo que vou dar. Saudades a Nazario e a Luiza. Abençôe-me. *Thadeu.*»

Nazario não disse palavra. Maria Augusta chorava nervosamente:

— Partiu... E nem disse para onde... Um rapaz doente... Que ha de ser delle, Meu Deus! Que ha de ser delle!?

— Que ha de ser! Que ha de ser! irrompeu o ferrador assomado. Vocês são as culpadas, sim! São vocês as culpadas. Traziam o pobre rapaz num cortado. Era, volta e meia, um dito, eram pragas, maus modos, até lhe deixavam o quarto por fazer. A culpa é de vocês, unicamente de vocês, tenham santa paciencia. Querias, talvez, que elle cavasse dinheiro? Até a *senhora* Luiza... Que diabo! Elle ainda foi muito bom, aturou de mais. Queres que te diga? Isso não foi coisa de momento, elle já andava com essa idéa e, se não a pôz em pratica ha mais tempo, foi por minha causa. Não tenho pena de vocês, tenham paciencia. O mal está feito; agora, minhas amigas, tratem de remedial-o. E murmu-

rando: Um pobre homem que não pensava em outra coisa senão em fazer a felicidade dellas, tratado como um cão!

Pôz-se a passear ao longo da officina. Por fim estacou junto á bigorna:

— E agora?

A viuva levantou os olhos humidos e supplices.

— Sim... E agora? Que diabo vão vocês fazer? Elle, está no Rio, sei eu! na Côrte é que elle está, mas vão lá procural-o.

Cruzou os braços e levantou os olhos para o tecto, bambaleando a perna, a balbuciar baixinho. Subito indagou:

— Vocês não têm lá parentes? E nervoso, agitando-se: Nem que tivessem, era o mesmo... Conheço Thadeu: é capaz de morrer á fome, mas pedir, não pede...

Maria Augusta ouvia calada. Damião voltara para junto da forja e espiava curioso.

— Mas que hei de fazer? implorava Maria Augusta.

— Que ha de fazer? sei lá! Agora é que você se afflige — antes eram desaforos e brutalidades de toda a especie. Ah! então sempre o tisico servia para alguma coisa?! Que ha de fazer, sei lá! E mais calmo: Elle ha de escrever-me, mas se eu lhe responder pódem estar certas de que não o chamo para Vassouras, elle que se vá deixando estar por lá. Voltar para a mesma vida

attribulada, amofinado constantemente pela familia, isso não. Eu é que o não chamo mesmo.

— Mas que lhe fizemos nós?

— Ah! que lhe fizeram? Nada... não lhe fizeram nada. A mim é que vocês não faziam a terça parte, garanto. Não lhe fizeram nada... E indignado: Se até a outra entendia que havia de governal-o!

— Quem? Luiza?

— Não, eu!

Afastou-se e desappareceu murmurando.

Maria Augusta, cabisbaixa, chorava. Damião, que se aproximara, parou diante della condoído e olharam-se:

— Damião, tu deves saber... dize...

— Não! fez ingenuamente o pequeno, se eu soubesse... E curioso: Foi para o Rio, não é?

— Não sei! suspirou ella.

— E agora?

Contemplaram-se calados e nos olhos do rapaz foram-se formando lagrimas. Enxugou-as rapidamente com a manga da camisa e correu a refugiar-se atraz da forja, onde o fogo morria.

Nazario, ao cabo de alguns minutos, reappareceu puxando uma besta pela arreata. Vinha agasalhado em amplo capote de baeta escura, grandes botas nos pés, á cabeça enorme chapéu de palha acabanado.

— Ora vamos lá vêr isso! disse.

— Onde vai? indagou Maria Augusta enxugando os olhos pisados.

— Vou até a estação. Quero tirar a limpo essa historia. Lá devem saber se elle embarcou.

Silenciaram. Por fim o ferrador, meneando com a cabeça, declarou que lhe parecia impossivel que o rapaz tivesse partido assim á franceza, sem ao menos deixar-lhe duas linhas.

— E vai com esta chuva?

— Chuva não quebra osso. E raspando o animal, insistiu: Notando-se: não o accuso. Acho que fez muito bem, repito; fez muito bem. De certo, que a vida que elle aqui levava era um horror.

E voltando-se inopinadamente para Maria Augusta:

— Não penses que reprovo o seu procedimento, não, senhora; fez o que outro qualquer, no seu lugar, faria. Vou porque, emfim, interesso-me por elle, estimo-o. Era preciso que eu não tivesse coração. Cresceu-me nos braços, posso assim dizer. Que diabo! tambem a gente não é feita de pedra.

Calou-se estendendo a manta sobre o dorso da besta. E como falando comsigo, continuou:

— Cresceu aqui junto de mim, tenho-lhe amizade. Vou por isso. Não posso, sou um não sei quê, disse commovido, é por isso que não gosto de me ligar a outros, sou molle, sou... Sei lá! E, abrindo os braços em largo e rápido movi-

mento, os olhos marejados d'agua, a voz trémula, fugindo-lhe dos labios trémulos, exclamou, mostrando as lagrimas: É isto! Que hei de fazer? É isto! Tambem, que diabo! a gente habitua-se.

Deixou cahir a cilha sobre os ilhaes do animal e chamou pelo filho:

— Põe os arreios.

Maria Augusta, vendo Nazario sentar-se, com o rosto banhado em lagrimas, fitou-o.

— Agora lançam toda a culpa para cima de mim, balbuciou.

— Mas de certo. Onde se viu tratar um filho como tu tratavas? Nem que elle fôsse escravo. Tem paciencia: a culpa é tua, isso é... A culpa é tua e da tal menina, já com fiducias de não sei que. Fôsse minha filha que havia de vêr.

— Ora qual! disse Maria Augusta amuada, que culpa tem ella? Eu nunca ouvi nada que pudesse melindrar Thadeu. Elle sim, andava sempre com impertinencias, inventando namoros: Que rondavam a casa, que ella escrevia bilhetes a beltrano e a sicrano, que fazia, que acontecia. Nunca ouvi uma palavra de Luiza que o pudesse maguar, por mais leve que fôsse. O que elle quiz sei eu. E tristemente: Não é facil sustentar uma familia. Um homem só arranja-se bem em qualquer parte. Deus o ajude. Todo o mal que lhe desejo recaia sobre mim.

— Ahi vens com historias...

— Ah! tambem não posso falar, seu Nazario!?

— Fala, fala quanto quizeres, não te estou tapando a bôca; fala quanto quizeres, porque a verdade, minha amiga, essa conheço-a eu. Nunca andei cheirando a tua casa para saber o que lá se passava, mas não vivo no mundo por vêr os outros viverem. O que elle soffria sei eu. Thadeu não deixava a casa se não tivesse motivos para o fazer. Quando para cá voltou depois da morte do pai (vocês estavam no Paty), aqui, neste mesmo banco em que estamos, disse-me elle as suas idéas. Queria cultivar o terreno, porque o emprego que tinha pouco lhe rendia, julgava que com o seu esforço viria a alcançar colheitas abundantes que lhe dessem para viver em paz e á farta. E queres que te diga? só falava em ti — «por que minha mãi está velha, precisa de descanço. Preciso cuidar do futuro de minha irman...» Pouco se preoccupava com a sua pessoa e quando eu lhe disse que elle não resistiria ao trabalho da lavoura sorriu e, no dia seguinte, queres saber? lá o encontrei no campo ás voltas com a terra, capinando como um negro, debaixo de uma soalheira de metter medo. E emquanto lhe sobraram forças ali esteve até que a molestia o derrubou. E esse homem o pagamento que teve fôram os máus tratos, as más palavras, as caras amarradas, tudo que vocês imaginaram para amofinal-o. Tenham paciencia, a verdade é esta. Se

elle tomou essa resolução, Maria, queixem-se vocês de si.

Damião, que acabava de arreiar a besta, adiantou-se.

— Está prompta, papai.

— Deixa-a ahi, prende-a. E, continuando em tom intimo e brando: Teu filho adora-te, apezar de tudo; não era capaz de deixar-te por simples capricho. Queixas de ti, só as fazia a mim, a mais ninguem. É assim mesmo. Não lhe pódes querer mal. Olha, eu já não espero a mesma coisa, o mundo é isso, infelizmente: quem mais faz menos merece. Has de vêr que esse pirralho, que eu tomei da mãi, aquella vagabunda, que nem para lhe dar de mamar servia, desde que se apanhe homem feito, adeus velho...! Pensas que espero alguma coisa delle? Espero tanto como do Papa... É meu filho, hei de reconhecel-o, mas não penses que conto com a sua protecção para a velhice dos meus dias. Faço por fazer... O mundo é assim mesmo. Mas teu filho?! Tem paciencia... Elle via Deus no céu e vocês na terra. Esta é a verdade.

E encaminhou-se para o animal, repetindo convencidamente:

— Esta é a verdade.

Maria Augusta, quando o viu montado, levantou-se:

— Então até a tarde.

— Até a tarde.

— E indague bem, implorou lacrimosa.

— Hei de fazer o que puder. Até logo!

Cravou ás esporas no animal e partiu. Chovia forte.

Escurecia como se anoitecesse e Nazario, deixando as redeas sobre o pescoço do animal, pensava sinceramente indignado:

— Que aquillo não se fazia. Deixar duas mulheres desamparadas, abandonar a mãi e a irman e nem uma palavra de adeus para elle, era ingratidão, não se fazia. Pobres coitadas! Que havia de ser dellas?! Não. Isso não! tivesse paciencia. Isso, não!

E o animal, entregue a si mesmo, ia a passo pelo lameiral balofo, enterrando as patas, d'orelhas bambas, á chuva torrencial e grossa que cahia, tocada pelo vento rispido.

## X

Correram dois longos mezes sobre esse dia de lastima e de arrependimento sem noticia alguma de Thadeu. A casa conservava-se fechada como em luto e Luiza, quando vinha á janella, tímida, vexada, espiando por entre as frestas, escondia-se, mal avistava algum rosto conhecido, para fugir ás perguntas sobre o irmão. Nazario visitava-as de quando em quando. Á noite, mal deixava o serviço, ia até lá para saber se havia alguma novidade. Maria Augusta recebia-o desolada; chorava contando que tivera máus sonhos.

— Quem sabe se não se matou! soluçava.

Nazario revoltava-se:

— Que se deixasse de asneiras. Era lá coisa que se pensasse?! Matar-se, porque? Estava cui-

dando da vida. Mais dia, menos dia, teriam cartas.

E desenvolvia todo um romance de conjecturas, mostrando Thadeu em azafama pelas ruas do Rio, atráz da fortuna, perseguindo-a ambiciosamente com a mesma teimosia com que se lançara á terra ingrata que tão mal lhe pagara o esforço. E, para consolo, concluia — que dentro em poucos annos haviam de vêl-o apparecer carregado de ouro. Os homens faziam-se assim. E exclamava:

— E esses pirralhos que andam por ahi mourejando dia e noite? Esses pobresinhos sem mãi, que deixam a patria quando começam a viver, não se fazem homens, não enriquecem? Olha, eu, aos sete annos, já andava pelos montes pastoreando. Não houve brinquedos para mim, não! que isso por lá é só para os morgados. Para correr tive os pinheiraes e as encostas de urzes e como amigos os carneiros e as ovelhas. Aos doze annos vim por esses mares sósinho, com Deus, que nunca me desampara e aqui cheguei, aqui tenho vivido até hoje sem nunca mais ter visto os campos da minha infancia, sem saber se os meus são vivos ou mortos, coitados! É como te digo. E era uma creaturinha que nem lêr sabia. Arranjei-me ainda assim e aqui estou, quanto mais elle que é homem feito. Ha de ir para diante; deixa-te de agouros. Não escreve, faz mal, isso faz; mas quem sabe lá os afazeres que tem?

Olha, fica certa de que se tivesse morrido já teriamos sabido. As más noticias têm sempre portador. Descança.

Uma manhan, porém, justamente na occasião em que Maria Augusta entreabria a janella que deitava para a varanda, Nazario assomou á porta, agitado. Entrou no jardim a grandes passos, sacudindo os braços, frenetico, a cabeça baixa, resmungando.

— Que é isto! A estas horas por aqui!? exclamou Maria Augusta.

— Estavas ahi?... E ainda de longe, mostrando-lhe uma carta, disse: Escreveu-me!

— Escreveu!? Ora, graças a Deus!

E escancarou a porta, apparecendo no limiar ansiosa, insoffrida.

— Onde está elle? Onde?

— Onde ha de estar... No Rio.

Pela expressão do rosto de Nazario, Maria Augusta adivinhou o desespero que lhe ia nalma, e exclamou avançando:

— Está doente, apósto!

— Qual doente! É um doido.

E, subindo os tres degráus da varanda, de pé, diante de Maria Augusta que o encarava, disse, quasi sem animo:

— Assentou praça.

— Como?

— Está na tropa.

— Thadeu?!

— É o que está aqui.

Calaram-se, succumbidos. Maria Augusta cruzara as mãos e, immovel, extatica, fitava o rosto de Nazario demudado e triste.

— Mas... assim doente! Que vai elle fazer?

O ferrador encolheu os hombros. Luiza, que apparecera á porta, vendo a attitude de ambos, indagou pressurosa:

— Que é, mamãi? Que é?

— Thadeu...

— Que tem?

— Assentou praça. Logo, porém, voltando-se para Nazario, interrogou: Mas por que? não disse?

— Miseria... É o que elle diz. Fome.

— Fome...?

— É o que está aqui. E passou a carta a Luiza.

Maria Augusta, em verdadeira agonia, suffocando lagrimas, apertava a cabeça nas mãos:

— Mas, meu Deus! Que ha de ser delle?!

Nazario, calado, não levantava os olhos do chão.

— Que se ha de fazer, meu Deus! Ah! seu Nazario... Que se ha de fazer?

— Que se ha de fazer? Sei lá! Mas queres ou não que tua filha leia?

— Sim.

— Pois então ouve.

E Luiza, desdobrando a carta, olhava ora um,

ora outro, como se duvidasse do que diziam. Por fim, começou vagarosamente a leitura:

«Nazario

Quando sahi dahi, de noite, tive vontade de bater na tua porta para te dizer adeus, mas tive medo de fraquear e não queria mais voltar para casa para que mamãi não tivesse mais amofinações commigo. Passei sem parar e sabe Deus como! De longe, voltei a cabeça muitas vezes para olhar...

Sentia um aperto no coração como se fôsse morrer. Ninguem me viu, porque ainda estava escuro. Fiz a pé todo o caminho até a estação, sem encontrar viv'alma. Tenho muitas saudades de todos e de tudo e peço que tomes conta do *Turco*, coitado! porque Luiza, com medo que elle damnasse, nem ao menos deixava o pobresinho dormir no jardim, quando eu estava alli, quanto mais agora!

No Rio tenho soffrido muito, até fome, meu velho, porque aqui não é como na roça. Procurei trabalho, fiz tudo para me arranjar, mas só achei lugar num jornal, como vendedor. Desde a tarde até ás 2 da manhan ficava, mais um italiano velho, vendendo as folhas no ponto dos bondes, mas uma noite, com uma carga d'agua, apanhei tão forte resfriado que cahi com febre, muito mal. Um moço do jornal, chamado Aza-

rias, arranjou para eu entrar na Misericordia. Foi a minha salvação. Quasi morri com a tosse e a dôr no peito. Escarrei sangue e duas noites não soube que foi pregar olho com ansias. Tenho sonhado muito com vocês e com o sitio. Com certeza é só matto.

Quando fiquei bom estive quasi a voltar para Vassouras. Mas não tinha cara de apparecer ahi. Mamãi podia-me dizer qualquer coisa. Assentei praça. Tenho casa e comida. Não sou o primeiro, ha muitos outros que vivem como soldados e são homens como eu. Hei de viver tambem. Estou no 7.º de infantaria e por ora não tenho que dizer. É uma carreira e o que tem de ser tem muita força. Não te esqueças do *Turco,* coitado!

Quando estiveres com mamãi conta o que fiz e pede que me abençôe. Hei de escrever a ella quando puder mandar alguma coisa.

Escreve para o quartel do 7.º, 4.ª companhia.

Dá lembranças ao Damião e abraça Luiza.

Teu amigo do coração

*Thadeu.»*

Toda carta reçumava nostalgica tristeza: A partida, á hora escura da manhan nascente, tímida, medrosa, evitando cautelosamente os corações com receio de ser por elles vencido; as

queixas brandas de miserias. Toda essa agonia na casa de caridade, entre desconhecidos, tão rapidamente narrada, deixava presentir a angustia no leito dos pobres, vendo a morte, ouvindo gemer o padecimento dos sem mãi, dos sem lar na sala taciturna e triste por onde deslisam as irmans vigilantes, com o crucifixo para acudir aos moribundos, sem falar, sem outro rumor senão o do bater das contas do rosario que trazem á cinta. A preoccupação sentimental com o velho cão e a saudade sincera e meiga dos que haviam ficado na terra natal, tão apaixonadamente amada. Tudo quanto a sua rustica expressão dizia infundia-se nas almas dos ouvintes, como dolorida queixa vinda de muito longe. Nazario trincava os labios. Maria Augusta, de olhos baixos, chorava.

Quando Luiza terminou a leitura, procurou o rosto de ambos e viu-os immoveis, como duas estatuas que violenta rajada de desgraça fizesse, de quando em quando, estremecer: soluçavam. Calou-se, dobrou a carta e entregou-a a Nazario. Nos seus olhos, negros e luminosos, não havia marejamentos d'agua, a sua physionomia não accusava emoção alguma. Estava impassivel.

Por fim Nazario, limpando os olhos, disse com voz cheia onde ainda se podia sentir a vibração dos soluços:

— É um maluco! e encostou-se á balaustrada olhando para o longinquo.

— Agora não se póde fazer nada! suspirou Maria Augusta.

— Que se ha de fazer?

Calaram-se. Na estrada uma tropa desfilava e a cantilena sentida dos tropeiros, desferida em lasguida toada, ficava longo tempo no ar, plangente. Passavam ligeiros e as alimarias, trotando, sacolejavam os surrões cobertos de palha, levantando nuvens de poeira. Os sinos, ao longe, dobravam á missa.

Nazario voltou-se sentido para Luiza:

— Olha, minha filha, tu não tens coração, deixa que eu te diga. Não penses que te quero mal. Deus te dê muito boa sorte... mas não tens coração. És de pedra...

— Porque? Porque não choro? Pois os outros fazem lá as suas maluquices e eu é que hei de pagar? Não faltava mais nada! Que culpa tenho eu?

— Tens culpa, tens. Teu irmão não daria semelhante passo se não estivesses constantemente a amofinal-o. Que tinhas tu com elle? Tua mãi, emfim, tinha direito de dizer o que lhe parecesse, mas tu! tem paciencia. E ainda agora nem parece que recebeste uma noticia assim. Olha, elle não é meu filho, mas eu chorei e sou um velho, não tenho vergonha de dizer. Chorei, chorei porque tenho coração e tu... Até parece que ficaste satisfeita com isso. Não é assim, minha filha; não é assim, tem paciencia.

Luiza voltou-lhe as costas, com arrebatamento. Maria Augusta, succumbida, tinha a cabeça baixa, as lagrimas rolavam-lhe dos olhos e, de vez em quando, em accessos, sobrevinham soluços que a agitavam nervosamente.

— Está bem, está bem, nada de desesperos. Vamos vêr o que se póde fazer. Elle é doente, mais dia, menos dia apparece-lhe a molestia e dão-lhe baixa com certeza. Não desesperemos. Tu o que deves fazer é ir falar ao barão. Elle é quem póde arranjar isso. Conta-lhe tudo e agarra-te com a mulher. Eu vou ter com o Ferraz.

— E se vem uma guerra?

— Qual guerra! Ahi vens tu... Guerra com quem? Então pensas que não ha outra coisa em que cuidar senão em guerras?! Vamos tratar de arranjar as coisas do melhor modo possivel.

E acotovelou-se á balaustrada pensativo. Luiza deixou-os e Maria Augusta, adiantando-se para Nazario, disse-lhe commovida:

— E se eu lhe escrevesse?

— Deves; deves escrever-lhe para consolal-o; é tua obrigação. Sabes lá o que é um homem achar-se só no mundo? Deves escrever-lhe, pois não... Mas nada de aconselhar doidices. Elle que espere. Se se puder arranjar alguma coisa, muito bem; senão... que tenha paciencia.

E suspirou meneando com a cabeça:

— Que doido! Emfim! ha de ser o que Deus quizer!

E, já no patamar da escada, recommendou:

— Olha, se o cão apparecer por aqui prende-o até que eu o venha buscar. Emfim, coitado! não custa fazer-lhe a vontade.

E em baixo, insistindo:

— E é isto: Vais ao barão e eu cá por mim hei de fazer o que puder. E até logo!

E sahiu cabisbaixo, resmoneando por entre os canteiros em matto.

# SEGUNDA PARTE

# I

Já havia soado o toque de silencio.

Por entre as barras, ao longo da companhia conservada em penumbra dormente, o plantão perpassava moroso. Poucos soldados dormiam. Um, caboclo, sentado, com as pernas encolhidas, presas entre as mãos enclavinhadas, olhava a fito o céu por um dos respiradouros, como enamorado da lua.

Outro, resupino, com os braços por baixo da cabeça, olhos parados, cantarolava baixinho, enlevado.

Subito, um dos que dormiam, sentou-se mastigando, poz-se a coçar o peito cabelludo, torceu os braços e abateu de novo, pesadamente, aos resmungos. Um, de nome Fabricio, encostado á

parede, de cabeça baixa, immovel, parecia rezar. E, certamente, rezava a oração herdada, a prece familiar, amuleto mystico da sua gente religiosa e simples, reza que elle dizia ter sido achada em sitio de mysterio, em manhan de graça, por um menino, filho de certa mulher tida por santa no seu sertão maranhense.

Rezava-a ali assim, porque, para a sua alma fervorosa de crente não bastava a oração do regimento; para descanço e paz do seu espirito eram necessarias aquellas palavras misericordiosas, preservativas da peste, das traições e da morte no escuro, sem Deus.

Trazia-as veneradamente escriptas e encerradas em um bentinho de panno ao pescoço, e guardadas na memoria para evocal-as de prompto quando soffresse, ou nos dias crueis de combate, nos campos da guerra que elle constantemente via, atravez do pavor, em vago e indistincto horisonte de fogo e sangue, por onde fugiam, a galope, com as bandeiras rotas voando ao vento, os esquadrões desmantelados.

Ao fundo, na parte mais escura, sussurravam conversas. Cabeças moviam-se, bustos avultavam mergulhando rapidamente quando o plantão, chegando ao extremo da sala, retrocedia lento, com o seu passo regular e surdo de vigilia.

Correra, durante o dia, com visos de verdade, que o governo decidira mobilisar para a fronteira do sul uma brigada das tres armas para re-

pellir certo caudilho oriental que, á frente de guerrilheiros, percorria a fronteira do Rio Grande saqueando estancias, reduzindo a cinzas as propriedades por onde passava como uma praga. Outras versões appareceram.

Um cadete, addido ao batalhão, affirmara, em palestra no corpo da guarda, que ouvira na secretaria a dois officiaes de estado-maior, que essa medida imprevista não passava de expediente do governo imperial para sustar a marcha progressiva da idéa republicana, que a palavra atrevida de Senna Madureira e os conceitos democraticos de Benjamin Constant iam propagando, não só entre os officiaes, a fracção intelligente do exercito, como nas fileiras que se deixavam attrahir pelo appello patriotico e ousado dos seus chefes, manifestando-se tacitamente pela represalia. A verdade, porém, era desconhecida ainda e de uma a outra barra segredavam-se timidamente, em conciliabulo, constas e boatos.

Um mulato gaguejava confidencias, sacudindo o braço nú em gestos indignados. Ouviam-n'o e, nas barras mais distantes, soldados levantavam a cabeça escutando curiosamente:

— Isso é mesmo com os gringos, cochichava o mulato convencido. Essa coisa havia de ter o seu dia e Deus queira...

Outras vozes affirmavam surdamente, cheias de odio, prenunciando victorias. Mas um veterano erguendo meio corpo, disse com calma, em-

quanto rebuscava alguma coisa debaixo do travesseiro:

— Olhem, vocês estão ahi a dizer coisas á tôa. Meus amigos, se nós, agora, tivermos guerra com os argentinos, nas primeiras batalhas... olhem... é cada um tratar de ganhar o mundo. Isto tão certo como eu estar aqui procurando o meu cachimbo.

— Nas primeiras...! bradou o mulato, muito gago. Nas primeiras! mas depois...!

Um rapazola louro, franzino, investiu esmurrando a côxa:

— Nem nas primeiras...!

— Nem nas primeiras! affirmaram outros.

— Pois sim. Havemos de vêr, tornou, em tom de pachorra, o veterano e, cahindo de costas, cruzando as pernas, repetiu: Havemos de vêr.

— Pois que venha, ora essa...!

Mas o plantão avisinhava-se, vagaroso e severo.

Voltou o silencio. Chegando ao fim da sala, junto da ultima barra, o plantão estacou e, approximando-se, abaixou-se tocando de leve no hombro de um soldado que ali estava de bruços, com o rosto enterrado no travesseiro:

— Que é isto, 31?

O soldado estremeceu voltando-se de golpe.

— Que é que você tem?

— Eu? nada; e sorria para o plantão que o fitava. Não tenho nada.

— Pensei que estavas chorando.

O mulato, que percebera o dialogo, interveiu:

— É toda a noite assim, esse homem. Chora que nem criança.

— Chóro... E eu estou chorando? Mas o plantão impoz silencio e, cruzando os braços, desceu em passo surdo e grave por entre as barras. Subito um brado atroou fóra, claramente.

— Onze horas! disse soturnamente o veterano atravez de largo bocejo cavo. Bôa noite, gente. E puxou o lençol para a cabeça. Guaiaram tristemente: «Ai! ai! meu Deus!» O mulato, sentando-se, d'impeto, na barra, rouquejou:

— Cala a boca, chorão! Cala essa boca molle, porcaria! Ocê já qué pegá co'as manha, seu langanho!?

Explodiram risinhos e cachinadas, ditos zombeteiros: «Sê qué maminha?» «Êta! bicho mofino! Esse mêmo, quá... Até faz vergonha a gente...» «P'ra quê ocê não vai sê irman de caridade, rapaz? «Oia que home banana assim é demais...!»

E, como Thadeu resmungasse, aborrecido com os dichotes com que o asseteavam de todos os lados, o mulato fitou-o de má cara e, com o dedo nos beiços, ameaçou-o:

— Cala a boca já, sua lesma! Diabo do mingau! Qu'é qu'ocê veiu fazê aqui no meio de homes? Geme mais ahi qu'eu te móstro!

Thadeu baixou a cabeça covardemente e dei-

tou-se encolhido. No extremo opposto do salão alguem poz-se a grunhir afflicto, como estrangulado. Foi uma explosão de gargalhadas em toda a companhia, e o plantão, a rir, correu a despertar o homem do pesadello.

— É o Borges, disse o mulato mal humorado. O diabo come que nem giboia e, de noite, é esse berreiro assustando a gente. E, dirigindo-se, de novo, a Thadeu, intimou-o: — E ocê vê lá, seu punga. É dormir quieto, senão... E, estendendo-se voluptuosamente, desappareceu, de mergulho, debaixo do lençol.

No silencio da companhia adormecida alguem velava insomne, com o terror de um vago presentimento: a guerra. Era Thadeu.

Ouvira calado toda a conversa dos camaradas, não perdendo palavra do que diziam com referencia aos boatos espalhados durante o dia e, apezar da jornada trabalhosa, desde a fachina até os exercicios da tarde, não conseguia adormecer, pensando no futuro de sangue que se annunciava, alvoroçando os quarteis.

Essa idéa perseguia-o desde que vestira a farda. Quando as cornetas tocavam a alvorada no campo, estremecia como se lhe passasse por diante dos olhos, em relampago vermelho, a imagem da guerra sanguinolenta.

Seguindo para as formaturas, entrando no

alinhamento emquanto os officiaes passavam a galope ao longo das fileiras armadas, esperava que um delles, estacando o ginete, annunciasse ás tropas o dia da partida para estranhas paragens de lutas, que a sua imaginação medrosa creava, encharcadas de sangue, apinhadas de cadaveres, lavrando em incendios. E admirava-se de vêr o batalhão debandar tranquillamente sem que a nova fatal fôsse annunciada.

Nas sahidas, atravéz das ruas, apertado nos pelotões, marchando ao rythmo guerreiro dos dobrados, distrahia-se muitas vezes em taes sonhos. Imaginava-se caminhando para o terrivel desconhecido e logo a visão fantastica substituia a realidade: As casas appareciam-lhe como enormes penedos, as ruas eram desfiladeiros e, muitas vezes, camaradas puxavam-no para a fórma, vendo-o adiantar-se, de olhos baixos, sahindo do alinhamento. Nos exercicios de fogo tremia com as descargas de pelotões e, quando, por sua vez, tinha de puxar o gatilho, fechava insensivelmente os olhos. Os companheiros riam-se d'elle e o mulato Azambuja, que constantemente o ameaçava e o perseguia, não lhe perdoava a timidez: na fórma insultava-o com grosserias, atirando-lhe cotovelladas brutaes quando manobravam.

Nessa noite, porém, como se effectivamente houvesse circulado, fundada em verdade, a noticia da guerra, Thadeu não poude conciliar o somno. Vinham-lhe visões tragicas mal abaixava

as palpebras — o assombro das batalhas, o horror das jornadas em desertos sem sombra, a fome, a inclemencia dos climas frios, tudo, emfim, que ouvira nas palestras com outros soldados que já haviam entrado em fogo. E, de tal maneira concentrava-se nessa allucinação do medo, que o seu coração soffria com a saudade pungente dos que haviam ficado longe, sem noticia, julgando-o morto, emquanto elle caminhava para defender a patria e, talvez, essa mesma casa paterna, onde o seu espirito vivia.

Quando o plantão apparecia silencioso, sentia desejo violento de interrogal-o, mas o vigilante retrocedia antes da sua barra e só, ouvindo o resomnar dos soldados visinhos, ficava a olhar vagamente, apavorando-se com as fantasias da sua imaginação enferma. E as horas passavam.

Fóra, de longos em longos intervallos, bradavam ás armas. O fremito de terror percorria-lhe o corpo como se tivesse, de repente, ouvido alaridos de álerta no acampamento imaginario. E arrependia-se de ter deixado a tranquillidade das suas terras, o seu aconchego pacifico entre as arvores contemporaneas da sua infancia. Arrependia-se de ter buscado abrigo na caserna para fugir á fome e ao frio, quando lá fóra havia milhares de homens trabalhando, felizes, amparados e independentes, sem a tortura das armas, sem o supplicio da labuta militar, sem essa promiscuidade de vida — os dias em longas e extensas fór-

mas, ao sol; as noites, nas companhias, como rebanho que, depois de andar em magote pelos prados, recolhesse ao aprisco, onde o plantão, como pastor, velava.

Trocavam-se os plantões de ronda; ia um, outro vinha, estremunhado e molle. Elle só atravessava a noite, de olhos abertos, rolando afflictamente na barra que rangia.

Uma nota abemolada soou docemente como se viesse de muito longe... e, mais alto, subindo pouco a pouco, tornou-se forte, vibrante e uma banda de cornetas, em unisono, encheu o silencio ainda em penumbra com o toque da alvorada. Soldados sentaram-se nas barras, outros, bocejando, retorcendo os braços, espichavam-se. Alguns, de pé, apanhavam roupas e o caboclo Fabricio, nú da cinta para cima, espiava debaixo da barra cantarolando a meia voz uma cantiga do Norte.

— Eh! Eh! bradou o mulato sacudindo Thadeu. Acorda, homem!

A companhia rumorejava. Homens cruzavam-se chalrando, outros dobravam lençóes refazendo as barras.

Thadeu abriu os olhos. A luz da manhan entrava pelos respiradouros e morriam no ar as derradeiras notas da alvorada.

## II

— Ha muito tempo que não vês tua terra?

— Ha sete para oito mezes.

— E não tens saudade?

— Se tenho! E você?

— Ah!

— Ha muito tempo?

— Ha dois annos.

— E é longe daqui?

— Muito longe! doze dias por mar.

— Você tem mãi?

— Mãi e pai, graças a Deus. E você?

— Só mãi. Meu pai morreu.

Emborcaram os copos e, pousando-os vagarosamente, olharam-se.

— Ah! Quem me dera a minha terra!

— E a minha!

Era ao fundo de uma venda, entre pipas, em volta de velha mesa de ferro. Thadeu e Fabricio bebiam.

O maranhense, nostalgico, encontrara uma alma gemea da sua para ouvir as confidencias de saudade, as longas historias do sertão nortista, sem os sorrisos de incredulidade, sem os commentarios com que os outros sublinhavam os mais ligeiros episodios das suas narrativas. Thadeu acreditava em todas as suas palavras, não distrahia a attenção, interessado e commovido.

Vaqueiro desde os quatorze annos, habituara-se ás vicissitudes da vida errante, noite e dia a caminhar, ora nos campos, ora nas mattas, ou pelos montes onde as onças bramiam. Arredado subitamente desse viver aventuroso e contemplativo, sentia-se deslocado na multidão tumultuosa da cidade. Parecia-lhe um mundo improprio para a sua alma affeita á soledade. Lá para as suas bandas, quasi desconhecidas, o sol era mais dourado, o luar mais claro, a gente bôa, hospitaleira e affavel.

A agua branca das fontes, mais limpida e mais fresca do que as que derivavam na terra do exilio, tinha o patronato mysterioso das yaras que, á noitinha, vinham á beira humida pentear os cabellos verdes como o limo das pedras, e núas, cantando maviosas trovas que iam pela noite e pelo bosque fóra, embalando e seduzindo os que,

sem perceberem a insidia, eram por ellas attrahidos e desappareciam.

As brenhas tinham o caapora perseguidor que surgia em noites negras, saltando num pé só, aos silvos.

Os lares eram mais alegres... E que de amores pela farinhada ou quando, para um roçado ou colheita, se ajuntavam os visinhos em mutirões e, depois de um dia de enxada, ao sol, e á tardinha, na eira, com o bom cheiro dos mattos floridos, a fartura de carnes, a abundancia de doces, o gole e, ao alvecer da lua, com os bacuráos andando no meio da gente, as danças requebradas e batidas ao som do «rasgado» nas violas.

E os desafios dos cantadores famanazes! E a vaquejada terrivel quando os marroás desciam das malhadas para a férra!

Fabricio ia de canto em canto, de lenda em lenda, relatando, por miudo, todos os episodios e misturando scenas da pastoral indigena com o fabulario maravilhoso e ingenuo.

— Por que assentaste praça, Fabricio?

— Huê! Recrutaram-me. E você?

— Foi por gosto.

— Por gosto...?!

Thadeu encolheu os hombros e bateu com a mão espalmada na mesa para pedir novas doses. Maluquice. Sei lá!

— Isto não é vida! A gente nem tem tempo para se coçar.

— É peior do que ser escravo.

— Muito peior.

— E a guerra? Se vier uma guerra então... Como ha de ser?

— Antes isso.

— Deus nos livre...!

— Ora...! Assim como assim... A gente tem de morrer mesmo! disse estoicamente Fabricio: tanto faz hoje como amanhan. E fala-se nisso...

— É, fala-se. Com os argentinos.

— Outros dizem que não: que a gente vai para o Norte.

— Fazer o que?

— Sei lá! A gente nunca sabe. Mas Deus permitta!

— Deus permitta, sim!

— Você quer?

— Então! Antes o Norte do que a guerra.

— Medroso!

— Não é medo... Mas eu não quero morrer já, sou muito moço; e depois...

— Que é? Namorada? Você tem, Thadeu?

— Não tenho, mas tenho mãi.

Calaram-se algum tempo. Fabricio suspirou:

— Coitadas! São ellas que soffrem mais! A minha nem sabe por onde eu ando.

— É velha já...?

— Velhinha, mas dura que nem páu d'arco! exclamou com orgulho sorrindo.

— Que idade tem?

— Deve andar pelos sessenta, mas ainda atravessa a pé todo aquelle sertão bravo.

Thadeu, que ouvira no quartel repetidas allusões á fuga do maranhense, interpellou-o de improviso:

— Você já uma vez fugiu do batalhão, não foi?

Fabricio encarou-o e acenou de cabeça affirmativamente.

— Porque?

O outro encolheu os hombros como se lhe aborrecesse aquella recordação e pôz-se a riscar a mesa com o grosso indicador, fazendo escorrer em fio a cerveja que transbordara.

— E depois, Fabricio...? Elles te agarraram?

— Agarraram, sim. Agarraram porque eu ainda não conhecia esta terra. Fosse hoje!

— Mas por que foi que fugiste?

— Ora! saudade. Não foi por causa do serviço, não. Eu queria voltar para a minha terra.

— E onde estiveste?

— Ahi por esses mattos. Mas... depois! Ah! foi uma desgraça na fortaleza. Sahi de lá quasi morto.

— E hoje?

— Hoje?! encolheu os hombros: Fugir para que? a gente volta mesmo e ainda por cima soffre e fica com o nome de desertor. Não vale a pena.

Fabricio acompanhava, entretido, o fio de cer-

veja que escorria lento, pingando sobre o soalho negro. De repente, erguendo a cabeça, disse:

— São horas, vamos indo?

— Vamos.

Tinham chegado ao campo da Acclamação. Resolveram atravessar o jardim deserto, escassamente alumiado pelos combustores que, á distancia, pareciam cercados de uma aureola tenue. Entraram. Raros vultos passavam pelas alamedas sombrias, apressados como se fugissem á tristeza do sitio. Da folhagem compacta dos bosques exuberantes sahiam, a espaços, sussurros tremulos. Caminhavam com os olhos nos lagos lampejantes onde as estrellas palpitavam e o reflexo da luz dos lampeões fulgia tremulo. De longe, em perenne murmurio, vinha docemente o chôro da cascata.

— Você não imagina como eu gósto d'isto aqui. Quando estou de folga é onde venho passar as tardes. Fico num banco horas esquecidas olhando essas arvores. Parece que estou no Norte.

— Mas é muito triste.

— Qual triste! Quem sabe se você queria que o matto cantasse? disse a rir. É assim mesmo. Olha! e tomou-o por um braço: Escuta...

E parados, muito unidos, prestaram attenção ao rumor longinquo:

— Não parece mesmo barulho de cachoeira? Então...? Não acho triste. É bem alegre até.

Iam atravessando uma ponte quando Thadeu

propôz descançarem um instante. Debruçaram-se olhando as proprias sombras que tremiam nagua.

— Eu só queria que você visse um rio da minha terra. Aquillo sim!

— Uma coisa, Fabricio, interrompeu Thadeu, que parecia preoccupado: se houver guerra não se poderá arranjar uma licença de uns dias?

— Não sei, só perguntando.

— Nem para a gente despedir-se dos seus?

— Não sei.

— Com quem se póde saber?

— Com o commandante. Porque?

— Não sei, concluiu Thadeu com triste presentimento. É o coração que me diz, desde que assentei praça: Se eu fôr para a guerra, não torno a vêr minha mãi.

Fez-se novo silencio. Errava no ar um fremito suave como se tenuissimos elytros palpitassem, grillos trilavam na herva rasa dos taboleiros e, de vez em vez, nas ilhotas dos lagos, os gansos grasnavam.

Os dois soldados, invadidos pela melancolia do sitio, communicativa e dominadora, influenciados pela mesma impressão, reservaram-se, calados. Desviaram-se em pensamentos que, partindo da mesma origem, a saudade, dirigiam-se a pontos oppostos e longinquos.

Fabricio, ouvindo o monotono farfalhar das arvores, revia as planicies e os montes do seu sertão. Aquella hora o gado, recolhido no cerca-

dos dos cerros, á luz das estrellas, ruminava pacifico e tranquillo. Nos ranchos, em torno de fogueiras, campeiros tangiam machetes e violas e o *rasgado* e a *tyranna* revesavam-se emquanto os bacuráos, saltando na claridade da lua, pareciam bailar. Ao longe, nos ingazeiros da beira do rio, o acauan agourento gemia tristonho e sabiás, nos limoeiros em flôr, illudidos pela luz da noite, solfejavam gorgeios. E vinham as cantigas serranas, as lendas do *Boi Espacio* e do *Rabicho da Geralda* e as trovas maguadas da *Tapéra* que um cantor tirava docemente, descrevendo as ruinas de um coração, mais tristes do que a tapéra do monte, até o momento em que o côro lento, soturno, grave e gemedor soluçava, em tom de réza, pelo coração da amorosa. E Fabricio, embevecido, repetiu baixinho no silencio:

O coração da cafusa
Mais triste do que a tapéra...

Thadeu voltou-se d'arranque — o sertanejo, debruçado sobre a cerca da ponte, olhava extasiado o céu cheio de estrellas.

— É você que está cantando?

— Então...? modinhas da minha terra; e repetiu, sapateando de leve:

O coração da cafusa...

Subito cahiram no silencio do parque repetidas badaladas. Os gansos chalraram com estridor nos lagos, e, logo em seguida, ao longe, soaram cornetas.

— Vão fechar. Vamo-nos embora.

Accenderam cigarros e partiram em passo accelerado.

## III

Thadeu, que passara o dia distrahido, procurando o tumulto das palestras para desviar o espirito das apprehensões que o invadiam, recolhendo á companhia, sentiu-se tomado de tristeza — mixto de saudade e de medo, saudade dos seus que além ficavam, medo desse desconhecido paiz que outros diziam ser immenso e tristonho, cortado de grandes rios ainda sulcados por montarias selvagens, enormes ubás cavadas em tronco nas quaes navegavam familias de indios; rios que as onças atravessavam bramindo e em cujas margens abarrancadas jacarés arrastavam-se procurando os raios do sol quente; campos extensos, sáfaros, de areas adustas, sem arvore de sombra, sem fonte ou corrego, tristes; ou selvas virgens, de arvores gigantes, onde ainda retroava o tembí do tapuyo.

Outros haviam falado, com pavor, nos pantanos pestilentos que a vegetação esconde e nos terriveis flagellos dos moscardos, nos grandes repteis escamosos que, pela noite calada, vêm resvalando lentos e penetram nas casas abafando a vida dos que dormem nos terriveis anneis do seu corpo formidavel e, sobretudo, o abrasamento do sol no ceu, sempre azul, raro em raro lavado pelos aguaceiros das tempestades. E as febres e todos os males desenvolvidos e germinados nas aguas pôdres dos alagadiços.

Outros, que haviam trilhado esses caminhos, por conhecerem os amargores da viagem, lastimavam-se e Thadeu, como se quizesse prepararse para o soffrimento, educando-se em terrores para a aventurosa travessia, ouvia-os ávidamente, incitando-os a contarem, sem omissão de pormenores, todas as peripecias das longas marchas, todos os episodios assistidos, todas as agonias supportadas.

Sentia-se desanimado, posto que Fabricio, sempre calmo, encarando tudo com a tranquillidade que lhe dava o fatalismo de sertanejo, procurasse encorajal-o dizendo-lhe, com a resignação mansa dos convictos:

— Descança, homem, o que tem de ser Deus é quem sabe. Febre, tanto se apanha aqui como no inferno e isso de bichos é historia. Lá não póde haver mais bichos do que no meu sertão e eu, graças a Deus, ainda estou aqui, vivo. Qual

o que! Deixa falar quem fala. Essa gente mente que nem o diabo!

Mas Thadeu suspirava. A morte apparecia-lhe ameaçadora e inevitavel, sob diversas fórmas. Morreria — era a sua convicção — varado por bala, ou afogado num rio, colhido pelas garras de uma féra, ou em delirio, sobre a maca do hospital-barraca, victimado pela epidemia das lagôas. Todos os generos de morte se lhe apresentavam ao espirito apavorado. Hesitava, mas tinha certeza de que um delles havia, fatalmente, de o arrebatar, além, no campo desconhecido e vasto dessa terra maninha para onde ia partir no meio dos pelotões indifferentes, não tendo, em toda aquella turba, um verdadeiro amigo a quem pudesse confiar os seus soffrimentos intimos, as suas angustias, os seus cuidados, saudades e recordações, sonhos e até amores, porque, nessa vida de isolamento, haviam visitado o seu coração deserto lembranças de antigos casos passionaes que, pouco a pouco, pela insistencia, se foram tornando preoccupações e amor por fim, amor vago, flôr de saudade.

O que dantes sentira, vendo e ouvindo essa que seus olhos reviam em uma especie de bruma suave, não fôra senão uma amizade meiga de criança, nada mais. Entretanto, pensando nessa partida inopinada, apontavam sentimentos no seu coração como vêm á tona de um rio de aguas tranquillas e mansas, quando as revolvem os ven-

tos, algas perdidas, folhas que repousavam no arro.

«Morre-se em toda a parte», dissera Fabricio. Mas que tristeza morrer longe do affecto e ficar, para o sempre, no exilio de terra estranha, sob outro sol, sem uma cruz que lembre o fim da vida e a paz eterna do corpo!

Parece que ha uma consolação em saber a gente que na morte farão sombra sobre o tumulo os galhos da arvore que se conheceu em vida e cantarão nos braços do cruzeiro tosco os passaros familiares, quasi irmãos, nascidos na mesma terra, afagados e aquecidos pelo mesmo sol.

Saber a gente que, de longe em longe, lagrimas virão regar a terra funebre e flôres exhalarão perfumes sobre a lapide tristonha, consola, é como um outro viatico para a alma.

Com a chegada de novos contingentes o quartel regorgitava. As companhias cheias, atulhadas de equipagens, mal comportavam os homens. O numero de barras fôra augmentado de sorte que as passagens tornavam-se de tal modo estreitas que, para caminharem, os soldados tinham de ir de esguelha, esgalgando-se, saltando por cima de trouxas espalhadas pelo chão. Violas gemiam, cantilenas soavam e, ao fundo, na sala da musica, estrugiam dobrados e marchas.

Á luz das lanternas dos corredores soldados

bruniam os amarellos das fardas, escovavam o correame, pospontavam blusas; outros, em mangas de camisa, os pés em tamancos, fumavam tranquillamente sentados sobre canastras. No pateo sombrios grupos cruzavam-se.

Thadeu e Fabricio, sentados sobre cunhetes, commentavam a ordem imprevista do ministerio da guerra. O maranhense parecia satisfeito, porque ouvira a um tambor que a expedição tocaria, de passagem, nos portos do Norte e essa idéa de rever a terra natal, de ouvir, ainda uma vez, o marulho do mar patricio, bastara para consolar o seu espirito nostalgico.

— É, então, depois de amanhan? indagou Thadeu.

— Parece.

— Máu dia!

— Porque?

— Sexta-feira.

— Ora! Tanto faz um dia como outro.

— E que historia é essa com os paraguayos...?

— Sei lá.

— Dizem que elles andam por lá fazendo tropelias.

Mas o cadete Fernandes, que ouvira, encostado a um varão, interveiu indignado:

— O que, homens! Pois vocés acreditam nessas cantigas?

— É o que dizem os jornaes.

— Quê nada! Que é que dizem os jornaes?

— Que ha uma questão entre bolivianos e paraguayos.

— Historia! bradou o cadete. Não ha nada! posso garantir a vocês. Eu conheço o Paraguay, estive lá ha pouco tempo. O Paraguay não tem homens, a guerra devastou aquillo tudo. E a Bolivia... Coitada da Bolivia! Isto é historia...! O que é sei eu!

— Que é? indagou Thadeu curioso.

— Que é? é medo. Medo que o governo tem do exercito.

Os dois soldados arregalaram os olhos. Causara-lhes estranheza aquella declaração do cadete. Não podiam comprehender que o governo, senhor absoluto das tropas, que podia, de uma hora para outra, mandar encerrar todos os batalhões em um forte, tivesse medo dessa mesma hoste pacifica, que se curvava á sua ordem, sem protesto.

— Medo de que, seu cadete? indagou Fabricio com sorriso de pouco caso.

— Medo de que?! de mim, de ti, de todos nós.

— Quem? O governo?!

— O governo, sim. E que pensa você?

— Penso que nós depois de amanhan estamos marchando p'ra bordo, disse e rompeu a rir.

— Sim, estamos marchando, porque, infelizmente, não temos entre nós um homem de cora-

gem. Infelizmente a verdade é esta — nós não passamos de um bando de escravos.

— Escravos não, repelliu Fabricio.

— Escravos, sim! Escravos! Então isto é ordem que se dê? Nós não temos familia? Não temos mãi, como elles? Se houvesse alguma affronta a repellir, muito bem, era nosso dever partir. Mas simplesmente para deixar livre o campo á tyrannia?!... Onde está o patriotismo desse governo que manda para o degredo mais de cinco mil homens, simplesmente porque receia que a oppressão lhes estimule a coragem? Onde é que está o patriotismo, digam?

Os soldados não responderam e o cadete proseguiu inflammado:

— Que é o exercito? é a força da nação, essa força, entretanto, vive sob o jugo de um ministro da corôa que faz della o boi do carro do Estado, pondo-lhe na cerviz, á laia de enfeite, a bandeira nacional. É isto ou não?

Fabricio riu achando graça á comparação e o cadete continuou:

— Eu vesti a farda com enthusiasmo, mas confesso que hoje... Deu meia volta torcendo as mãos, nervoso e, subito, encarado em Thadeu, declarou batendo no punho: — Se eu tivesse aqui uns galões... qual! esse governo havia de vêr.

— Mas, seu cadete, o governo não tem razão para não gostar do soldado.

— Ah! não tem razão! exclamou o cadete acocorando-se, não tem razão?

— De certo.

— Meu caro, você, infelizmente, está muito longe de conhecer a verdade. Vocês não pódem comprehender o motivo desta mobilisação.

— Nós que vamos é porque ha alguma coisa...

— Alguma coisa. Alguma coisa o que, homem?

— Não sei. Mas os jornaes não precisam mentir.

— Ah! sim, os jornaes não precisam mentir; e não têm mentido.

— Pois é. E elles trazem as noticias da guerra entre os paraguayos e os bolivianos.

— Que guerra, homem!? Que guerra!

— Em Matto Grosso.

— Ah! em Matto Grosso!

Calou-se algum tempo, mas, de repente, avançando para os dois soldados, affirmou em tom peremptorio:

— Olhem, querem saber porque é que vamos para Matto Grosso? fez uma pausa encarado nos homens que não lhe tiravam os olhos do rosto contrahido: Querem saber? É por causa da Republica. Hoje todo o exercito é republicano e o governo receia a revolta das armas.

Já outras praças haviam formado circulo em volta do cadete e ouviam-n'o attenciosamente.

— Que diabo! A obediencia em excesso cha-

ma-se servilismo. Então só temos valor, só merecemos alguma coisa quando precisam do nosso sangue nos campos de batalha? Os canhões ribombam na fronteira, carne para saciar a fome das féras, carne para fazer calar os brutos de aço. E ahi vamos nós, pacientes e resignados, por amor da patria, servir de pasto á artilharia, que reclama do nosso patriotismo essa obrigação evangelica. E, na hora em que protestamos, em nome dos nossos direitos de homens, como nos respondem? com a solitaria nos presidios ou com o degredo. É iniquo. Olhem, eu estou com minha mãi de cama, á morte, pois não consentiram que eu fôsse á casa beijar-lhe a mão. O governo expediu ordens terminantes. A disciplina militar é severa: é a patria que impõe. Oh! é bem terrivel e cruel a patria que rouba ás mãis os filhos, que escravisa os homens que são o seu orgulho, a sua honra, o sustentaculo da sua integridade, levitas do seu symbolo. Bolas!

Os soldados ouviam-no em silencio; alguns, de vez em vez, acenavam em signal de approvação, resmungando phrases.

O cadete passeava de um para outro lado. Repentinamente voltou-se:

— Dizem que vamos partir para impedir a invasão da fronteira. Mas consta alguma coisa? Que é que consta? Digam!

E impetuoso, enumerando pelos dedos:

— Consta que o exercito murmura; consta

que a tropa, por demais sentida, e com razão, espera o momento da represália; consta que os generaes desgostosos concertam planos de revoltas; consta que se conspira, isso sim! exclamou num silvo. E como o governo, com os seus actos consecutivos de tyrannia e de perseguições, alienou de si todas as sympathias da classe militar, resolveu lançar mão desse meio supremo para inutilisar a força, em cujo seio germina a grande idéa libertadora. Ah! mas a hora ha de soar...! Os escravos tiveram o seu dia, o nosso sol ha de raiar e essa manhan será alumiada pelo clarão rubro dos canhões. Nem todos ficarão nos banhados de Matto-Grosso, tenho certeza e, os que de lá voltarem, endurecidos na provação do exilio, saberão tomar as devidas contas aos carrascos. Patria! Patria! é com o que lhes dão.

E, voltando-se para Fabricio:

— Você mesmo que riu... Você não tem mãi?

— Como mãi?!

— Mãi, homem. Você não tem mãi?

— Como não?!

— E não sente deixal-a!

— Sinto, de certo. Pois então não hei de sentir?

E outros concordaram baixinho:

— De certo.

— De certo! corroborou Fabricio; mas desde que sou soldado... Os outros não vão? Os outros tambem não têm mãi?

— Sim, os outros vão, avançou o cadete estendendo o braço para o longinquo, vão porque não sabem que são enxotados. No dia em que o soldado tiver consciencia da sua missão e vir que não tem servido senão para instrumento de vindictas tentadas contra generaes, saberá reagir. Elles receiam a propaganda, tremem diante de Madureira que fala ao soldado como amigo e como patriota... Mas pensam, talvez que, pelo facto de mandarem para longe as tropas, apagam os sentimentos que nellas vão crescendo dia a dia? Enganam-se. Lá fóra não será a propaganda feita pela palavra, será a propaganda latente da saudade, da fome, da agonia. Sim, quando vocês pensarem nos seus hão de indagar intimamente a razão desse apartamento e então... hão de vêr que ella existe apenas no rancor dos ministros e na fraqueza de um velho que se deixa embahir pelas palavras de um rol de falsos conselheiros e, cada um de vocês se transformará em um inimigo terrivel, em um republicano ardente. A idéa de liberdade alastrará então pelas almas. A mim quem converteu foi o soffrimento.

Um rapazola que passava estacou:

— Estás indignado, Fernandes?

— Pudera...

— Matto-Grosso é uma pandega.

— Pois sim...!

Como o outro seguisse cantarolando, o cadete continuou:

— Servimos para tudo, até para capitães de matto.

— Onde, seu cadete? indagou Fabricio.

— Onde? em Santos.

— Ora, mas não se pegou ninguem.

— Sim, porque os soldados recusaram-se, mas que mandaram, mandaram...

— Olhe, eu cá por mim agora tanto me faz aqui como ali; isto ha de acabar.

— Ah! sim, ha de acabar. E em brado: Ha de acabar mesmo, com a Republica...

— O que, seu cadete! exclamou Fabricio.

— É! Estás espantado? A Republica, e então...?!

— Republica!

A cara de assombro que fez o maranhense provocou uma explosão de gargalhadas. Thadeu, derreado, ria a bandeiras despregadas.

— Vocês estão rindo? De que? indagou o cadete enfurecido.

— Não é do senhor, seu cadete; disseram.

— É de mim? indagou Fabricio mirando-se: Mas de que, gente?

Redobraram as gargalhadas. O corredor enchia-se de soldados que surgiam de todas as partes. Ergueram-se os dois. Thadeu redobrou a gargalhada, mas o maranhense, exclamou revoltado:

— Homem, acaba com isto. De que é que você está rindo?

— Da tua cara.

— Da minha cara? da minha cara? Que é que tem a minha cara?

E o cadete pondo-se-lhe á frente:

— Aposto que não sabes o que é Republica?

— Eu?

— Sim, você mesmo. Que é?

Fabricio olhou em volta e, fitando o cadete, balbuciou tímido.

— Mas, seu cadete...

— Não sabes; é por isso que ris, concluiu, voltando-lhe as costas; e de longe: E como tu, são quasi todos — e abrangeu, em gesto largo, o vasto pateo sombrio do quartel.

— Não pensa, homem! disse Fabricio de improviso. Está você ahi banzando á tôa. Isto é peior. Deixa o mundo girar. Que é que se ganha com tristezas? Soldado não tem querer. Olha, ás vezes, quando você me encontra jururú, mettido por ahi, estou pensando na minha gente. Minha mãi é que me mata, coitada! suspirou. Está velhinha e não tem mais ninguem no mundo senão eu. Meu pai vive atirado no fundo de uma cama desde que ficou entrevado. Eu, que era o tombo da casa, ando por aqui sem saber delles. Deus sabe a miseria que os pobres estarão soffrendo; entretanto não vivo chorando. Se as minhas lagrimas servissem para alguma coisa,

mas chorar p'ra quê? Não pensa, deixa andar a coisa. Dizem que a gente vai por castigo. Castigo por que? Que foi que fizemos?

Thadeu encolheu os hombros com indifferença.

Em torno discutia-se. O plantão, condescendente e amigo, permittira a conversa em voz baixa. Elle proprio demorava-se, de longe em longe, junto ás barras, emittindo opiniões, recordando episodios do tempo em que andara por esses campos malignos, quasi desertos, apenas atravessados pelas boiadas sertanejas.

— O que nos vale é que é Deodoro que vai com a gente.

— Caboclo direito! affirmou com enthusiasmo o veterano.

— Amigo do soldado até ali! adiantou o cadete.

— Camarada, camarada como qualquer de nós. Não é de coisas. E valente como um tigre! No Paraguay, quando elle apparecia, era obra! Só se via guarany correndo. De uma feita...

E, atirando gestos estabanados, o veterano pôz-se a contar um episodio da campanha — o entrincheiramento paraguayo junto da encosta de um cerro, o fogo vivo da artilharia mascarada, as successivas cargas de cavallaria e, de repente, entrando a marche-marche, o batalhão commandado pelo caboclo terrivel, que vinha á frente num cavallo libuno, com a sua bella figura marcial, o

seu perfil de aguia dominadora, brandindo a espada terrivel, rompendo atravez da fumaça que encobria o inimigo, emboscado atráz das sebes e dos gabiões.

Ouviam-n'o todos attenciosos, interessados, e o velho soldado, recapitulando episodios da sua vida guerreira, sentia-se exaltado pelo enthusiasmo. Foi necessario que o plantão lhe recommendasse «falar baixo», para que elle abrandasse a voz atroadora que despertava a attenção de toda a companhia.

— Ah! meu amigos, e ainda falam! Eu só queria vêr vocês lá nesses campos, no meio d'aquella indiada que voava nos cavallos como fantasmas, soltando gritos que doíam nos ouvidos, com uns facões que nenhum de vocês seria capaz de levantar do chão quanto mais de manejar. Lá é que eu queria vêr vocês, *seus* prosas.

E, embrulhando-se nos lençóes, estirou-se na barra resmungando:

— Matto-Grosso... Matto-Grosso... Isso é até um passeio.

— E dizem que é justamente por causa do Deodoro que nós vamos, adiantou o mulato.

— Por causa do Deodoro, porque?

— Porque anda mettido com os republicanos.

— Que republicanos, homem! Onde é que ha republicanos...? Isso é historia. Elles gritam, mas não fazem nada. Quem é que quer saber de Republica nesta terra?

— Mas é a verdade! affirmou o cadete com energia. É a verdade! O que elles querem é vêr-se livres do Deodoro que é, incontestavelmente, o maior prestigio do exercito e que, no dia em que quizer fazer voar toda essa bobagem de thronos, faz mesmo. É por causa delle que vamos, fiquem vocês sabendo.

— Mas, seu cadete, que é que vem fazer a Republica? faça o favor de dizer, inquiriu o veterano, calma e tranquillamente, sem levantar a cabeça do travesseiro.

— Que vem fazer? Vem acabar com a escravidão do povo, como a lei de 13 de maio acabou com a escravidão do negro. Vem trazer-nos a paz, a liberdade, a autonomia que não temos. Somos, por acaso, um povo? diga. Somos um conjunto de titeres, sem vida propria, sem independencia. Temos, como factores constitutivos da nossa vida politica, os conselheiros e os padres. Vivemos entre duas hypocrisias: o aulicismo e o beaterio. O velho vive de zumbaias, ouvindo os eruditos murmurios dos sabios e aprendendo, com uns jarretas, idiomas classicos. A filha vive de genuflexões e de rezas. O povo tem fome, a miseria alastra. Que importa se ha um astro novo no céu? que importa se ha inda uma conta no rosario bento? A Republica vem libertar-nos da bajulação e do fanatismo. Precisamos confraternisar com as nossas irmans. É uma anomalia comica este imperio isolado entre Republi-

cas. A corôa de Colombo tem uma pedra falsa. É tempo de cuidarmos de nós. É tempo de constituirmos a Patria. E é com receio de que isso se realise que o governo manda para os pantanaes o exercito.

E impetuoso, esmurrando o travesseiro:

— Mas é debalde! A Republica é fatal! Ha de vir como depois da noite vem a madrugada.

— Pois sim, disse ironicamente o veterano cobrindo a cabeça e, debaixo da colcha, ainda repetiu em tom de troça:

— Pois sim, seu cadete... E quando ella vier mande entrar.

## IV

Lá iam!

Monotonamente, ao latejo da machina, pulsando em rythmo, o navio singrava, rumo ao Sul. Dias e noites no merencoreo infinito d'aguas, sob o ceu, ora de azul metallico, ora negro, crivado de estrellas como um panno de esquife salpicado de cera.

Os dias pareciam infindaveis. De quando em quando uma véla branqueava como crista de espuma ou rolos de fumo toldando o horizonte e era a bordo um alvoroço alegre, todos correndo a vêr o barco distante, numa attracção d'almas, necessidade de communicar com o semelhante, de sentir, no deserto, a aproximação de outra caravana em marcha. E ficavam-se, á amurada, a olhar com sympathia, a conjecturar.

Umas vezes, cruzavam com o veleiro ou paquete, saudavam-no com alarido, acenando adeuses, procuravam lêr o nome do barco, á prôa e, á medida que se distanciavam, cada qual na sua derrota, como que no coração dos homens crescia uma saudade d'aquelles desconhecidos mal avistados em vultos indistinctos.

Outras vezes era um brado no silencio das horas abhorridas — alguem que annunciava novidade: um boto a rebolcar-se de roldão nas aguas, um peixe que se levantara da onda em vôo de frecha, rebrilhando, e logo, em pós elle, outros em cardume lampejante; ás vezes era o mar fervilhando ou uma gaivota que apparecia batendo lentas azas largas. Alegria grande era quando avistavam terra ao longe, serranias altas, de tenue, ennevoado azul que as confundia com o ceu e em baixo, como espumarada morta, a praia extensa e erma, branca nas suas arêas, ás vezes com coqueiraes em touças. E os olhos alongavam-se perdidamente, saudosos.

Alguns contemplavam o ceu descobrindo figuras fantasticas nas nuvens.

Á prôa, muito juntas, sobrepostas, atravessadas umas sobre outras, oscillavam redes.

Para passarem o tempo moroso e enfadonho os homens inventavam distracções. Uns, resupinos, com os braços por baixo da cabeça, cantarolavam modinhas, contavam anecdotas picarescas ou feitos de malandragem. Ouviam-se sons tris-

tonhos de violão, trillos de machetes. Trocavam-se phrases de tavolagem, expressões de garito e, de quando em quando, em contraste, soavam exclamações sertanejas: «Iche! Vôte! Virge!» ou eram termos bordalengos que indignavam as mulheres: «Genti! sês dêxa di nomi feio. Sês não respeita us mais véio nem as criança... Limpa essas boca. Cruz!»

Havia-os deitados no chão, sobre capotes de baêta, suando lustrosamente com o sol que lhes dava de chapa em rosto.

Sob a coberta da prôa, na penumbra, era continuo o bezôo de conversas, o murmurejo de conciliabulo cortado, ás subitas, de cascalhadas estridentes.

No atabalhôo da bagagem pobre: bahús de couro, canastras, latas amolgadas, trouxas, caixótes, cacaréos diversos empilhados andavam mulheres muito relaxadas com as camisas escorrendo-lhes pelos peitos muxibentos, cachimbo ou cigarro nos beiços, á chalaça umas com outras ou trombudas, rezingando com os curumins que reboiavam, a modo de cochinos, na salmoura lodosa que empapava o convés.

A espaços, triste, a sineta resoava. De quando em quando, rolavam soturnamente mugidos ou cocoricós de gallos retiniam alegres, como vozes da terra. E a gente de bórdo, em faina, troçava com as reiunas esbagaxadas que pitavam de cocoras, banzando ou fuchicavam molambos.

Uma cafusa perguntou mollemente:

— Apois, a gente a quando é qui chega?

— Quando?! Tem agua ainda que Deus manda. Matto Grosso não é graça, responderam-lhe.

— Cruz! Oia qu'isso di navio infára di fázê nojo. Deus mi livre! Eu, fóra di terra, não sou genti. E estalava muchôchos. E essa fedentina?! Cumu é qui s'aguenta isso, mi diga! Ondi si viu botá gente assim nu meio dus bicho? Antonce isso tem geito?! Só castigo. Quantus dias inda farta?

— Uns dez.

— Dez! Pois sim... Si não vinhé pur ahi uma péste in riba da genti... Só mêmo p'r'u milagre di Nossinhô. Nem gado quandu vai p'r'u matadouro. Immundice ansim... E isso é du governo. Cambada! Nem qu'a gente fosse cachorro. Deus mi livre...! Óie, eu por mim, cumida mêmo dessa qui anda nessas gamella, não entra na minha boca. E cuspilhava de nojo. Us officiá tão lá no seu bem bom, cumendo du bom e du mió, e us pobre di nós é ansim, nesta porquêra. Mas na hora di morrê bamo vê. Isso é qui é...

Thadeu, arrincoado a um canto, entre pilhas de canastras, latas e trouxas, como em um nicho, passava os dias em inercia morrinhenta, fumando cigarros sobre cigarros. Os camaradas, vendo-o ali encorujado no escuro, com as pernas juntas, abarcadas nas mãos, o queixo fincado entre os joelhos, troçavam-no:

— Êh! ocê cahiu mêmo, hein? Enjôo? Isso

é o diabo! Despeja, qu'ocê miora. Fazê di valente é pió. Gumita... Gumita qui passa. Oia, metti u dêdo na guela. Mas Thadeu contestava:

— Que não, não estava enjoado. Um pouco tonto da cabeça, só. E lá ficava.

Quando sentia alguem irritava-se. Queria estar isolado, na quiete, para recordar saudades. Mal respondia aos que o interrogavam, sempre casmurro, de poucas palavras.

Ás vezes, percebendo passos, fechava os olhos fingindo dormir. Sahia apenas para comer ou caminhar um pouco, desentorpecendo as pernas, a vêr o serviço da gente de bordo ou, encostando-se tristemente á amurada, ficava olhando o mar enfarinhado de espumas, correndo a par do navio, como se fosse elle que andasse.

Ao cahir da tarde iam-se-lhe os olhos para o ceu em chammas, com o sol enorme, a arder esbraseado, afogueando rutilantemente o oceano. Via-o immenso, redondo, como offuscante pupilla felina, fremindo em fogo, vibrando scintillações que palhetavam as ondas de brasidos, e descer, mergulhar, sumir-se de todo, ficando o ceu pallido, como exangue, o mar lurido, liso, mercuriado, escurecendo, ennegrecendo merencoreamente, aqui, ali, enflocado de espuma.

Por fim a noite lugubre e, lá em cima, as estrellas tristes. E começava, maguadamente, a cantilena a bordo.

Thadeu olhava como se quizesse devassar o

além, mas a noite escurecia profunda. O vento refrescava silvando no apparelho e a arfagem tornava-se mais forte fazendo ranger a mastreação. As gaveas enfunadas tufavam-se tatalando. De vez em vez, em subito cambar do vento, violentos mergulhos da prôa faziam saltar a espuma a altura do gurupés com balofo rumor d'aguas cavadas.

Silvos cortavam o silencio de quando em quando e o canto da soldadesca, vencendo o estuar oceanico e a trepidação da machina, ficava gemendo no ar doce, sereno e frio da noite como um adeus ás praias já distantes, onde haviam ficado desesperados corações e almas sem esperança.

Thadeu olhava o ceu estrellado, o mar phosphorejante de ardentias, mas a visão era, de subito, obnubilada pela saudade e surgiam-lhe ante os olhos, como se emergissem de ruinas, as recordações em bando, que só esperavam, como as aves agoureiras que amedrontam a noite, a sombra e o silencio.

E elle via, como em diorama, a sua cidade, os amigos, tudo que lhe ficara naquelle cantinho querido, tão longe! aonde, segundo lhe dizia o coração, nunca mais, nunca mais tornaria! E de espaço a espaço, esvahindo-se-lhe um aspecto, como se dissolve a projecção na téla, outro lhe succedia: agora a sua casa, depois uma estrada roceira, com milharaes além das cercas de es-

pinheiros floridos, o rancho de sapê empennachado de fumo, gente a trabalhar, alegre; depois a igreja na praça, a forja, a botica, a estação. De repente, com a idéa do exilio, alumiada pelas descripções do veterano: extensos lençóes de arêa amarellenta, sem vestigio de herva, pantanos, pedregaes, rampas côr de sangue e, longe, em polvadeira de alvoroto, tribus de indios amotinados em correrias sanguinarias. E a dois passos do melancolico visionario os mais soldados folgavam e divertiam-se.

O mulato, com o cachimbo nos beiços, os pés nús, estirado nas taboas sordidas, resmungava ouvindo o veterano, sempre garrulo, que, chafurdando as mãos na marmita de comida, contava episodios comicos de uma borrasca em mares da Bahia, quando chegara com o seu batalhão para a guerra do sul. O Fabricio, nostalgico, sempre calado, chalrava a proposito do gado que ia a bordo, relatando as arriscadas corridas dos vaqueiros nos campos no Norte, no tempo das vaquejadas.

Elle, sósinho, arredado, meditava diante do mar sereno que vinha babar a amurada, e pelo qual o luar nascente estendia o seu clarão triste que alastrava as aguas aberto em leque, como um isthmo de madreperola tremula.

O navio vogava serenamente. Quasi todos dormiam. De pé á prôa, apprehensivo e medroso, apenas havia o negro Samuel, tambor, sempre macambusio e preoccupado com os naufragios, quando um mugido quebrou o silencio abafado.

Thadeu, que modorrava encolhido, agitou-se em sobresalto; soergueu-se sobre o cotovello, relanceando olhares que mal podiam vêr na sombra. Outro mugido mais longo reboou tristemente. Põz-se de pé e adiantou-se para a amurada, lançando os olhos á noite como se quizesse descobrir, atravez da escuridão, a terra onde o gado errante chorava. Deviam ser campos, varzeas verdes e extensas colmadas de rebanhos. Mas a treva densa era impenetravel á vista e além, no horizonte, brilhava o ceu estrellado. Estrellas...? Não seriam fogos de vigilia, d'essas fogueiras que os pastores accendem quando pernoitam nos descampados? Não, eram mesmo estrellas, não havia o menor vestigio de terras: aguas e astros sómente. Donde viria, pois, esse mugido? pensava, quando ouviu, de novo, mugir bem perto. Só então lembrou-se do gado que ia a bordo, em jaulas. Era elle que gemia, saudoso das terras que deixara, da campina viçosa onde as manadas corriam fustigadas pelo sol, ou das planicies rasas, dos ingremes outeiros, das margens dos rios frescas e sussurrantes.

Accendeu-se-lhe nalma o desejo bizarro de

communicar com os animaes tristonhos, de levar-lhes consolo ás prisões em que jaziam, olhando atravez das grades a negrura da prôa, tão differente da vastidão em que haviam nascido, aspirando a brisa marinha, salitrada e aspera, sem o aroma que as silvas e as açucenas emprestam á viração das veigas.

Tentou alguns passos, mas havia tanta gente estirada pelo convez que, receando pisar alguem, deixou-se estar onde estava.

Por fim, cançado e influenciado, talvez, pelo contagio do somno de toda aquella multidão que dormia em pilhas, ali perto, uns com a cabeça sobre o peito de outros, cahidos desordenamente como mortos, encaminhou-se para a sua rêde e deitou-se. Ao mais leve rumor abria os olhos e ficava a ouvir o bufído dos bois insomnes que estendiam os focinhos, roçando as grades, farejando sofregos o ar fresco da noite.

Quando surgiam em algum porto apinhavam-se todos nas amuradas, olhando curiosos para a cidade longinqua, para as pequenas embarcações que deslisavam em torno do paquete, tripoladas por homens que falavam linguagem estranha, acenando, offerecendo frutos. E além a alvura do casario em amphitheatro ou em panorama raso, a perder de vista. E paquetes sahindo, outros entrando lentos, negros, cheios de gente, arquejando como se viessem cançados de longas travessias.

Mas quando começaram a subir as aguas do Paraná, por entre barrancas eriçadas de herva, d'onde saltavam, aos galões, maracajás que se arrojavam ao rio atravessando-o sob saraivadas de balas, e jacarés pasmados, sésteando ao sol, olhavam meneando as caudas, fugindo logo que percebiam movimento a bordo, a tristeza foi desapparecendo vencida pelas surpresas e pelas narrativas do veterano, em torno do qual a soldadesca formigava, ouvindo-o falar da campanha.

Elle conhecia todos os sitios, e em cada um punha um episodio mais ou menos colorido pela sua imaginação de meridional. O forte Coimbra, Corrientes...

As barrancas vermelhas, que iam vendo, pareciam ainda ensopadas de sangue; a vegetação rara, tosquiada pela metralha esterilisadora, mirrada e triste, levantava os galhos nús para o céu fulvo. Duas mulheres, de branco, com as cabeças cobertas, de pé na barranca, olhavam e gesticulavam. Tudo era triste e calado, apenas o chofrar das rodas do vapor, na agua adormecida do grande rio, quebrava a calma melancolica dessa quietude de eremiterio. O veterano explicava.

Thadeu, posto que afastado, ouvia-lhe as palavras e, sem desviar os olhos da paizagem, viu imaginariamente todo o espectaculo da guerra:

Regimentos velozes precipitavam-se aeréamente, corriam entreverados e, subito, diluiam-se como se se desfizessem no ar; outros vinham, ban-

deiras ao vento, em columnas cerradas e sumiam-se. O céu ensanguentava-se, a terra jorrava sangue.

Soaram cornetas. Thadeu voltou-se de repente. Os soldados agglomeravam-se, olhando ao longe, apontando. Casas de palha appareciam por entre a vegetação tolhiça das barrancas.

A tarde morria em crepusculo de ouro. O occidente, purpurino e rútilo, era como immenso panno de xairel destacando-se vivamente do esmaecido azul já taxeado de estrellas, quando surgiu ao longe, no alto de um cerro, a torre esboroada de velha igreja e mais em baixo, na rampa, entre capoeirões de matto hispido, appareceram lascas de muralhas, blocos enormes de granito rolados e cheios de limo e de hervas. O veterano acenou afflicto e uma onda de homens affluiu precipitadamente á prôa:

— Olhem...! Estão vendo lá em cima aquella torre velha? é Humaytá.

— Humaytá! sussurraram vozes e pairou silencioso pasmo. Persistia apenas o ruido das rodas do vapor que subia as aguas tranquillas entre margens selvaticas, passando, ás vezes, junto de ilhas fluctuantes que desciam lentas, rolando, desaggregadas da terra como se aquellas zonas, desfeitas e mutiladas pela guerra, fossem, pouco a pouco, apodrecendo e cahindo, até que, de todo, desapparecesse a patria barbara e vencida.

Havia na serenidade da paizagem inexprimi-

vel melancolia. Alto, no céu, lentos corvos circulavam; nas margens piavam passaros e ouvia-se uma voz longinqua que, de espaço a espaço, bradava na soledade. Uma cabana baixa, rente d'agua e diante d'ella esguia piroga repousava estirada na arêa.

Duas mulheres acocoradas, escondidas em chales brancos, como duas garças tristes, friorentas, olhavam o fluir constante da corrente. Um pequenote nú brandia uma vara e gritava.

— Paraguayos... disse alguem.

As mulheres levantaram as cabeças embiocadas. Subitamente puzeram-se de pé e, descobrindo-se, sacudiram os chales como grandes azas, acenando. De bordo corresponderam festivamente e gritos troaram das amuradas para a terra triste.

O rio torcia-se em curva. Viam-se distinctamente as margens desoladas, a costa do albardão de Andai vestida de matto e, em frente, a ruina da terrivel trincheira de Humaytá, outr'ora defendida por mais de duzentos canhões, além das inaccessiveis linhas de abatizes e de bôcas de lobo..

Dormiam em silencio á borda d'agua os escombros colossaes. A terra aluida, vincada, como se mostrasse as suas feridas, estendia-se muda e em sombras. Brocas enormes, como grandes cicatrizes no sólo, afundavam-se muito negras. A vegetação rasa parecia polvilhada de cinza.

Ali fizera a sua concentração a flôr do exercito de Lopes, no intuito de fechar a passagem ás forças brasileiras; d'ali, daquellas barrancas, a artilharia despejara sobre os navios que subiam as aguas a sua surriada continua. Aquellas voltas fluviaes, tão serenas então, haviam guardado insidias de torpedos; e correntes estendidas de margem a margem haviam tentado em vão sustar a marcha triumphal da esquadra; a victoria levara-a aguas acima, apesar do ladrido reboante da matilha de bronze do dictador terrivel. E a essa hora nem viv'alma. A velha igreja desmantelada era o unico indicio de vida, especie de marco religioso deixado na melancolia e no ermo, para attestar a passagem de uma era de civilisação e de fanatismo, por esses lugares tomados pelas parietarias e pelas intrincadas moutas que avassalavam tudo, fechando as bôcas das baterias, sepultando todo o heroismo extincto sob as folhas que os ventos espalhavam.

A noite cahia e o luar alumiou a solidão estendendo-se por ella como uma infinita mortalha. A bordo, as cornetas soaram a Trindades. Os écos fôram repetindo pela solidão as notas melancolicas. Alguns soldados olharam instinctivamente para a velha igreja. Ella lá estava, muda e morta, em ossada branca, ao luar.

Desde quando emmudecera no campanario ennegrecido o sino que chamava á prece as povoações de redor? Desde quando?! Calara-se no

dia em que, junto dos seus muros, acamparam os soldados ferozes. A campana mystica voara em pedaços, soando no ar, como se gemesse, alcançada pela primeira bala.

E nunca mais se ouviu a voz santa da igreja, ali assim esquecida, de pé entre ruinas, morta com a serenidade extatica de martyr.

Uma luzinha oscillou além e logo os soldados supersticiosos viram, naquella chamma peregrina, a alma errante de algum guerreiro antigo que procurava o eremiterio do templo e mostravam-na. Braços estendiam-se em direcção ao lume.

Passavam em frente á trincheira e, como se se tivesse communicado a todos a pesada tristeza do sitio, calaram-se e só ficou o barulho do vapor que subia cortando as aguas do rio chamalotado de luz.

E vieram as longas margens negras, abstrusas, cerradas. De vez em vez, verde e florido camalote passava ao sabor da corrente e mais nada, a não ser o eterno chôro d'agua roçando pelas raizes das arvores ribeirinhas.

A soldadesca, sem mais curiosidade, logo que se perdeu na curva do rio a barranca de Humaytá, deixou as amuradas desertas. Ficaram Thadeu e Fabricio olhando entretidamente.

— Não ha gente nesta terra... Parece que a guerra comeu tudo, observou Fabricio. Uma cabana aqui, outra além e matto. Matto que Deus manda!

— É triste!

— E o lugar onde morreu o Lopes? Onde é?

— Não sei; por ahi! E Thadeu mostrou a vastidão profunda das terras além, brancas de nevoa, ao luar.

— Iche! Que tapéra! exclamou Fabricio retirando-se e, em assomo de patriotismo, sacudindo a cabeça, ajuntou com ironia: Ahn! quem mandou? Quem não póde co'o tempo não inventa móda... Buliram... Tá hi.

Mas Thadeu, como se resumisse nalma toda a piedade e toda a misericordia pelos vencidos, exprobrou o camarada:

— Ah! Fabricio, não fales assim. Coitados! Deixa lá!...

## V

Verde e ouro. Os montes, de sadio frescor, respirando nevoas por entre o arvoredo azulado e sol em tudo. Varzeas extensas de milharaes apendoados; cafesaes a eito vergando á carga, laranjeiras floridas. Brilho d'aguas regadias serpeando fugitivamente pelos mattos e voando, revoando passaros e abelhas.

É Deus que lhe recompensa o esforço dando-lhe réga de chuvas, rociadas benéficas e sol, e fazendo com que a terra, em todos os seus tratos: campos, almargens, grotas e collinas, devolva as sementeiras centenas de vezes multiplicadas.

Lá vai elle em mangas de camisa, chapeu de palha acabanado, enxada ao hombro pela trilha do pomar e sente o bom cheiro da terra que acor-

da e exhala o seu halito puro, que é o aroma das hervas novas e das flores: Lá vai!

Longe, por entre ramos, muito branca, aceada, com as gaiolas á varanda e as abelhas em volta do telhado, a casa da familia, a sua casa, cingida pelo jardim todo aberto em rosas.

Lá está o velho curral de taboas, onde a vacca relambe o novilho; no pasto os dois bois, muito juntos, com herva até as ancas roliças ruminam vagarosamente, d'olhos fechados; os anuns poem-lhes cerco, pousam-lhes no lombo catando-lhes os carrapatos ou equilibram-se em ramos finos que os balançam de leve.

Senta-se. Que doce sombra! Formigas cruzam-se encarreiradas, insectos luzem em revoejo e, de instante a instante, um ruido balôfo chama-lhe a attenção: são frutos que cahem esborrachando-se de maduros.

É a fortuna que chega. Até que emfim! Na varanda, com o balainho ao collo, a mãi distrahe-se serzindo roupa. O gato ronda-a resbunando, corcoveado e um ramo de jasmineiro em flôr brinca-lhe com os cabellos brancos.

E Luiza? É ella, sim, sempre trefega, que lá anda por baixo das laranjeiras humidas, recolhendo lençóes de flores cahidas durante a noite. É ella! E como está contente! Como ri... Com quem brinca? Um cão investe, recúa, aos pulos, agacha-se sobre as patas dianteiras sacudindo a cauda, late. Subito, dá volta; arremette

ao matto, desapparece; torna d'arrancada a ladrar para rojar-se de lombo ao chão, rebolcando-se, a rosnar festivamente á dona.

E lá em baixo, á beira do corrego, num cimo todo coberto de herva de S. Caetano, um homem alto, possante, em mangas de camisa, com a mão em pala aos olhos, contra o sol, alonga a vista pela estrada. É Nazario, o ferreiro, que procura alguem, talvez o filho...

Colheita. Todos os frutos amadurecem. Bemdito sol! E colhem. Que alegria! Camaradas, gente de casa e de fóra, um mundo! Todos cercam as arvores, enchem cestos e os carros acogúlam-se.

Cruzam-se bandos de jornaleiros. Estalam as espigas quebradas, empilham-se as cannas, peneiras e peneiras de café despejam-se ém côfos. E o que ali vai de laranjas e de tangerinas, de cachos de bananas, de abacaxis, de figos e de pecegos...! E a horta!?

E já a moenda range, crepita o moinho esfarinhando o fubá, o monjolo bate no campo. Está ganha a campanha! Nem mais um espinheiro: tudo é lavoura rica. E esse que vem vindo devagar por entre os laranjaes, tão parecido com o morto? a mesma estatura, a mesma robustez, o mesmo rosto córado e aberto, o mesmo sorriso bom, o mesmo olhar sereno.

É elle mesmo, o pai. É elle que vem visitar a terra, a casa, a sua gente. E a morte? E o

tumulo? Não! não morreu, porque os mortos não tornam. Abre-lhe os braços, apertam-se peito a peito, falam-se.

E no largo, em festa, diante da igreja; essa multidão acompanhando uma virgem, linda como N. Senhora? É Luiza que vai vestida de noiva, sorrindo. E o noivo...?

Cantam. Ha um constante sussurro como do vento nas folhas. Mas para onde vai todo esse povareu que apparece e desapparece? É o cemiterio... Porque?

Onde os campos? onde os montes? Agora é uma tenda escura com a forja lampejando ao fundo. E continuam a cantar, e continúa o sussurro.

De repente, uma voz conhecida exclama: «Ai! meu Deus!» Cantam ainda. Um choque. Vê-se num carro de bois, agarrado aos fueiros, equilibrando-se com os solavancos pelos caldeirões da estrada recomida das chuvas. Um boléu mais forte quasi o derruba; agarra-se. Os bois precipitam-se desapoderadamente, ladeira abaixo. Tenta o carreiro detê-los. Debalde afala, ameaça, pica-os de frente com o ferrão. É o desastre. Que horror!

— Que é isso, rapaz! Você 'stá doido? Acórda.

— Hein?! Thadeu sentou-se na rede sarapantado, olhando em volta, airadamente. É você, Fabricio?

— Eu, sim. Olha que você p'ra sonhar... Que berreiro...! Nossa Senhora!...

— É... Passou a mão pelos olhos. Você estava ahi?

— Pois então? Lá fóra cahe agua que é um Deus nos acúda!

— Está chovendo?

— Que Deus manda!

— Era você que estava cantando, Fabricio?

— Era. Porque?

— Nada. Eu estava ouvindo em sonho.

— Ferrado com'ocê estava? duvido.

— Palavra! Um sonho exquisito... No fim, se você não me acordasse... nem sei! Crispação de relume e logo tronou o estrépito de um raio. Que é isso? perguntou Thadeu assustado. Temporal?

— É feio! E olha só como jóga esta caçamba...

— Pois eu estava sonhando. Dá cá um phosphoro. Accendeu o cigarro. O ceu negro inflammava-se com os successivos relampagos e viam-se-lhe as empollas das nuvens e, de espaço a espaço, como em desmoronamento, ribombavam trovões profundos e prolongados.

Vinha do escuro um cicio de reza. Crianças choravam. E o navio rangia, estalava, subindo, descendo nas vagas como se fosse sossobrar. Cruzavam-se exclamações de horror: «Nossa Senhora! Misericordia! Valei-nos, Santa Mãi!» E golfões d'agua acachoeiravam-se estrondosamente pelo convés.

Correram insipidos sete longos dias de viagem, rio acima, ao longo da costa devastada e safara, desde Humaytá, passando por Assumpção, até essa triste e inhospita Corumbá, vigiada pelo forte Coimbra, onde havia um destacamento.

O desembarque effectuou-se tristemente, em silencio. Officiaes e soldados, olhando essa terra selvagem e esteril, rasa, coberta de cabanas como uma aringa, sentiam a alma confrangida como se para ali fossem degradados.

Em terra, bandos de mulheres, araviando em guarany, embrulhadas em grandes chales brancos, espiavam a passagem da tropa, contendo, a custo, crianças que choravam esperneando. Cabras espavoridas deitavam a correr, berrando.

Raro em raro uma casa coberta de telha. Eram renques de choças, á porta das quaes paraguayas ateiavam fogo ou, sentadas no chão, com grandes almofadas ao collo, jogavam bilros fazendo crivo; outras, novas, puberes, os cabellos soltos, descalças, balançavam rêdes onde dormiam crianças. Pairava um silencio torrido de sésta.

As tropas atravessavam as ruas caladas, por entre mulheres, que eram raros os homens que appareciam, e assim seguiram sempre até o quartel onde deviam repousar, á espera desse imaginario inimigo que ameaçava a fronteira.

O odio, que animava os soldados contra o go-

verno desde o dia atabalhoado da partida do Rio, aggravando-se com as torturas da travessia, explodiu em franca hostilidade logo á chegada a Corumbá.

O atrazo da cidade, em grande parte palhiça, o calor asphyxiante, o desconforto dos alojamentos no quartel em ruinas, o rancho aguado, os mosquitos que os não deixavam dormir, tudo concorria para acirrar os homens, que rosnavam ameaças, protestando, ás escancaras, contra as vexações de que eram victimas.

O cadete Fernandes, sempre irritado, dizia nos grupos:

— Isto é a nossa Siberia, meus amigos, e peior do que a outra, porque é de fogo.

A disciplina era relaxada e os proprios officiaes davam o exemplo da insubordinação atacando o governo e os homens mais eminentes:

— Tantas elles hão de fazer que, um dia, a bomba estoura. E não falta muito.

Os dias succediam-se monótonos, em lazeira. Os soldados, semi-nús, estendidos nas barras, dormitavam ou, espalhando-se pelos rincões escusos da cidade, em convivio com o mulherio reles, embriagavam-se provocando rixas nos garitos onde se juntavam michelas e calaceiros de má fama.

O mulato, azevieiro cynico e dado á pinga, conhecia todas as bibócas de jogo, todas as palhoças devassas e, uma noite, mettendo-se com

certo valentão do Ladario, cahiu cosido a facadas.

Eram tão frequentes os conflictos que o commando superior resolveu espalhar patrulhas nocturnas para o policiamento das viellas mal frequentadas. E a cidade tornou-se como presa de conquistadores que se aboletavam onde lhes parecia pilhando e affrontando os habitantes á mão armada.

Thadeu amasiara-se com uma chinóca, rapariga séria que vivia, muito retrahida, num ranchincho de sapê, num alto, a cavalleiro do rio, em companhia da mãi, velha india, lavadeira e curandeira de fama. Quando não estava nas alpondras batendo roupa, com o pito nos beiços, andava pelos mattos catando hervas e raizes para mésinhas ou por aquelles recantos de pobreza benzendo crianças quebrantadas, bicheira de gado, «maldita» ou estupor, curando mordedura de cobras ou fazendo partos. Não faltava a velorio e para tirar reza não havia outra.

Nhá Chica era tudo, assim nos palhaes como nas casas ricas, sempre com o seu rosario, mais virtuoso em curas do que todos os remedios de botica.

A filha, Maria Barbara, era rendeira, o seu *nhanduty* valia ouro e antes que lhe sahisse das mãos já estava vendido.

Viu-a Thadeu na igreja. Olharam-se durante todo o sermão e á porta, no momento da sahida,

sorriram-se. Uma tarde encontraram-se e, como o soldado lhe estendesse a mão, ella parou, como magnetisada, olhando-o a fito, séria, a principio, depois risonha e, correspondendo ao gesto que lhe elle fazia, caminharam a par, vagarosamente, detendo-se diante das lojas e, quando deram por si era quasi noite. Elle, então, offereceu-se para acompanhal-a á casa. Foram.

A velha andava em peregrinação de cura e os dois ficaram no terreiro onde os encontrou a lua e ali estiveram até tarde, ouvindo os ruidos mansos da noite e falando baixinho, de mãos dadas.

Sabendo do que acontecera á filha a india esbravejou, furiosa e, traçando o chale, dispunha-se a ir ao quartel dar queixa ao commandante quando Maria Barbara se lhe atirou nos braços soluçando, pedindo-lhe que não fizesse mal ao coitado, porque naquillo tanta culpa tinha um como outro. Elle não a forçara, isso não...

A india cedeu, ainda que augurando mau fim, o fim de todas; e citou nomes, recordou casos, lembrou desgraças e vergonhas: tanta moça perdida! tantos pobresinhos sem pai! Emfim... sua alma, sua palma.

Um dia Thadeu foi jantar no rancho, a convite de Maria Barbara, e, tanto fez que, depois do café, no terreiro, como a noite esfriasse, a velha convidou-o a entrar. E foi ella que accendeu o lampião de kerozene para a «bisca». Joga-

ram até tarde e quando o soldado levantou-se procurando o képi a india encarou-o:

— Ond'é qu'ocê qué i co'essa noite? Tá chuvendo... Thadeu garabulhou razões, mas a velha decidiu: — Ah! dêxa di luxo... E riram. E foi assim que elle se tornou o homem da casa.

Quando sahia do quartel, comprando sempre alguma coisa em caminho, era logo para o rancho, levando, ás vezes, Fabricio e lá ficavam horas e horas, de prosa com as mulheres.

O maranhense, esperto na viola, tangia toadas lánguidas e a chinóca ficava a ouvil-o encantada com as modinhas sertanejas, cantigas de amor ou bravatas campesinas nas quaes ferravam em luta vaqueiros e barbatões.

A india acompanhava o divertimento cachimbando quietamente a um canto.

Thadeu puzera ordem e aceio na cabana rebocando-lhe os muros, caleando-lhe a sala, sacudindo todo o picuman que lhe denegria os caibros, colgando-os de sanefas, barreando-lhe o forno, entaipando o chiqueiro. Comprara, em segunda mão, uma «marqueza» de vinhatico, tres cadeiras e uma commoda; atamancara, elle proprio, um banco e um oratorio para o Santo Antonio de gesso e, aproveitando as folgas, corrigira o terreiro plantando-lhe flores em volta.

Com caixas de sabão fizera um pombal e um cortiço e era ameno ficar, á tarde, ali fóra, vendo chegar o enxame e os pombos, ouvindo-lhes

o zumbido e o arrulho que se misturavam com o estrillo dos grillos e o cicio constante e appellativo das cigarras.

A vida corria feliz, com a casa sempre alegre e farta, porque as duas mulheres trabalhavam valentemente e Thadeu sempre concorria com alguma coisa, quando, uma tarde, a india annunciou-lhe mysteriosamente a gravidez de Maria Barbara.

O soldado empallideceu, estarrecido e, mudo, encarado na velha, mordicando os labios, sentia que os olhos se lhe aguavam. E, atravez das lagrimas, *viu* o quadro triste que se lhe projectou instantaneamente da imaginação: Maria Barbara chorando, com uma criança muito intanguida ao collo, envolta em molambos, sugando-lhe, com avidez, o peito murcho.

— Isso divia acuntecê, disse a india chamando-o á realidade, divia acuntecê mais hoje, mais amenhan. Sês não têm juizo... Elle poz-se a caminhar pelo terreiro, de cabeça baixa, roendo nervosamente as unhas. De repente, voltando-se e cruzando os braços, cabeça a prumo, perguntou, em voz estrangulada:

— E agora?!

— Uai! agora... Agora é ansim mêmo. Qu'é qu'ocê qué...

— Mas é que nós vamo-nos embora. Já veiu ordem. Estamos-nos preparando para seguir.

— Sês!? exclamou a velha corcoveando-se,

com as mãos nos joelhos, os olhos duramente fitos no soldado. Sês vai-s'imbora?! Modi quê?

— É ordem.

— Orde?! Orde di quem? Desse qui tá hi? Deodoro?

— Não. É ordem do imperador, do governo.

— D'imperadô! Di guverno...! Ficou-se a olhar perdidamente, airada, repetindo baixinho, como para penetrar-lhe o sentido: D'imperadô!? di guverno!? Subito irrompeu: — Antonce imperadô... Quá! E riu, riso de ameaça, sinistro como o brilho d'uma navalha. — Antonce imperadô manda ocês só módi fazê má ás pobres, num é? i quandu má tá feito, vórta! vórta tudo. É ansim? Muito bom! I ocê vai? Thadeu encarou-a em silencio. Tá bom... Deus Nossinhô cumpanh'ocê.

Foi até a porta apoiando-se a um dos alisares, sem animo de entrar. Esteve pensando, a menear com a cabeça, aos resmungos e risinhos. Levantou os olhos e, de mãos postas, lançou uma exclamação aos ceus. Voltou-se de golpe: — Óia, rapaz, pódi sê; mas... Deu d'hombros balançando com a cabeça desanimadamente, murmurando como ao proprio coração:

«Não dura, não. Ansim cum'ansim, terra tá hi. Sês passa, faz u qui bem qué i vai-s'imbora. É cumu a esses qui atira ponta di cigarro accesa nu matto. Fogo péga, lastra, leva tudo e elles vão longe, cantando, sem oiá p'ra traz. Num fá

má não, meu fio. Mundu é ansim mêmo. Deus te abençôe.

— Mas que culpa tenho eu?

— Ocê? ocê num tem curpa, não Curpa é da sorte di cada um. Imperadô manda? Antonce? Qui mais?!... Quem fica qui s'arranje. É ansim mêmo. Sê pensa qu'eu não contava co'isso? Ora!... A desgraça dos outro é como a sombra de nós, mas quem é que, no sol, óia a sombra? Quem? É ansim mêmo. Não tá hi tanta moça perdida? Pruquê? Agora mêmo, sê pensa? não é ella só, quantas!...

Sentou-se na soleira da porta alisando os braços magros, tisnados e vermiculados das soalheiras no rio.

Thadeu sentia a garganta presa, o coração crescido, tumido, como prestes a rebentar. Adiantou-se e, prostrando-se diante da india, a retorcer as mãos, disse commovido:

— Ninguem esperava, velha. Essa gente resolve tudo assim duma hora para outra. Foi de repente. Eu, se pudesse, ficava... A velha firmou-se olhando-o direita:

— Sê!? Sê ficava?...

— Ficava.

— I cumu num fica?

— Aqui? Só se eu desertasse, mas isso...

— Isso, que? Mundu é grande... vivê, a gente vive em toda a parte. Quem barreou um rancho, barrêa outro. Caco, molambo... isso não vale

nada. Sê qué ficá, fica i eu juro qui ninguem bota mão n'ocê. Eu não sou d'aqui, sou di longi, cunheço esses matto qui nem onça i, ganhando caminho, p'ra dá cummigo só Nossinhô. Sê querendo... É só querê...

Elle deu volta, arrependido do que dissera e poz-se a pensar na vida errante que lhe propunha a india—a fuga atravez de florestas cerradas, arriscando-se a encontrar indios, a ser assaltado por feras, a perecer de febre ou á mingua e ainda a possibilidade de ser preso como desertor, posto a ferros numa fortaleza.

A india seguia-o com o olhar e quando o viu acenar de cabeça negativamente, em resposta ao proprio coração, não se perturbou como se contasse com aquillo, riu apenas, um risinho secco, acido e, firmando as mãos nos joelhos, poz-se de pé:

— É mêmo. P'ra que a desgraça di dois? Vai, meu fio. Disse e entrou.

Só no terreiro, olhando o ceu, que entristecia, o soldado sentiu como uma onda de saudade bater-lhe no coração. Sentou-se num toco de pau olhando tudo em volta, lentamente, como para gravar na memoria aquelle cantinho amoravel com as arvores, as flores e o rancho alegre onde gozara dias venturosos.

O pombal turturinava e um pombo andava em cima tufado, saracoteando com arrulho orgulhoso. O cortiço refervia e ainda chegavam

abelhas apinhando-se nos aivados, em cachos.

Pelos mattos, que recendiam a calidez do sol, iam surdindo finas vozes de insectos em ziziamentos, cicios e guisalhadas e, de espaço a espaço, lúgubre uma rola gemia.

Em baixo, nos aguaçaes cobertos de açucenas, os sapos começavam o coaxo monótono. Cigarras chiavam longe. Escurecia.

Que fazer? Entrar? Falar a Maria Barbara? Não tinha coragem. Tão bôa, coitada! e tanto que lhe queria... E na tristeza d'aquelles pensamentos passavam, como coriscos em papel queimado, lembranças de amor — era o corpo roliço e cheiroso da chinóca, era a pressão dos seus braços nús, era o fervor dos seus beijos longos, era a ternura dos seus tartareios voluptuosos, toda ella, toda! com os cabellos, como elle os queria vêr sempre: soltos, espalhados desordenadamente pelo travesseiro. Pobre Maria Barbara!

Accendeu um cigarro. O rancho illuminou-se. Esteve a olhar a luz tão intima, tão hospitaleira, no fundo da salinha branca que elle tanto conhecia, palmo a palmo. Uma sombra desenhou-se na parede, um vulto assomou á janella, inclinou-se a um e outro lado, como á espreita e elle reconheceu a chinóca.

Era ella que o procurava afflictamente na sombra do terreiro e chamou-o: — Thadeu! e a voz tremia-lhe muito meiga, repassada em lágrimas. Era bem o canto da sereia que o attra-

hia... E elle foi indo, passo a passo e, quando a chinóca o descobriu mais se lhe enterneceu o encanto: — Huê! Você ahi fóra? Porque não entra? Pensa que estou zangada? Deixa d'isso. Vem!

Foi. E, quando se acharam frente a frente, olharam-se mudos, tremulos e foi ella que se lhe atirou nos braços soluçando e apertaram-se, muito infelizes, beijando-se, dizendo-se blandicias em voz sumida para que os não ouvisse a velha que servia a mesa.

O assumpto da conversa ao jantar foi a «maldade» do governo, e Nhá Chica insistiu com Thadeu para que abandonasse a farda, seguindo com ellas para o interior... «Quantos conhecia ella que haviam desertado e andavam ali muito á vontade — e citou o Raymundo, que fugira no tempo da guerra e que se arranjara, ninguem sabia como (diziam alguns que com moeda falsa) e estava pôdre de rico, com os filhos todos arranjados e mandando na politica.» Mas Maria Barbara contrariou a velha:

— Não, mamãi; deixe elle ir. Não quero que soffra por minha causa. Soldado é soldado. Se elle lembrar-se de mim e quizer voltar, muito bem, senão... Outra que o estime tanto como eu elle poderá encontrar, que lhe queira mais, duvido. Quanto ao mais Deus ha de me dar forças para crial-o. O pouco que eu tiver ha de chegar para elle. Conceição não está ahi tão feliz com

a filha? E eu? Conheci pai? e não estou aqui? Deus é grande! Fui feliz, não me posso queixar da sorte: tive os meus dias alegres... agora... Paciencia!

A velha resmungava. A resignação da filha irritava-a. Amassando vagarosamente o pirão, apollegava-o e repellia-o para responder amuada.

— Sê é ansim, é essa molhesa di sempre... dipois chóra. Vórta... Vai isperando. Não vê mêmo qu'elle, s'apanhando lá, vai pensá n'ocê. Pois sim! exclamou espichando os beiços, desdenhosa. Vai te fiando!

— Paciencia, minha mãi.

Thadeu não dizia palavra, olhando ora uma, ora outra. A velha deixou-os allegando fadiga...

Sós, deram-se as mãos meigamente e, apesar da escuridão da noite, picada apenas de vagalumes, sahiram para o terreiro sentando-se no banco, muito juntos, aconchegados, como transidos de frio.

As harmonias do silencio, esses soídos do quirírí, que passam como espectros dos calados rumores do dia na mais recolhida quietação nocturna, acompanharam o idyllio triste dos amantes.

— Então é assim, não é? Se eu advinhasse...! Não é pelo que houve entre nós, isso não me importa, é pelo que fica no meu coração. A gente começa á tôa, vai indo, vai-se prendendo, querendo bem, e um dia, sem saber como, parece que vive mais de outro do que de si mesmo. Eu estou

assim. Quando você está perto de mim, como agora, tudo me agrada; quando você está longe... nem sei. Isto sim, isto é que vai me custar.

Thadeu tomou-lhe a cabeça, inclinou-a ao peito e, curvando-se sobre ella, poz-se a beijal-a devagarinho nos cabellos, na fronte, nos olhos, na boca e Maria Barbara, assim acariciada, ia falando docemente, como em sonho, parando, de vez em vez, para cerrar os labios afim de que um beijo nelles penetrasse como abelha em botão de rosa.

— E elle, chinóca? Você não imagina a pena que eu tenho de não estar aqui para vêr elle nascer. Se fôr menino...

— Thadeu, disse ella languidamente. Elle oppoz-se:

— Não, não quero. É um nome muito infeliz. Vamos escolher outro, mais bonito.

— Carlos, disse ella. E elle:

— Roberto.

— Você gosta? E se fôr menina?

— Maria, nome de Nossa Senhora, teu e de minha mãi. Se eu puder vir, como espero, muito bem; senão você me mandará o retrato logo depois d'elle nascido, sim? e o teu tambem: quero os dois: o da minha chinóca e o de meu filho. A pobre não respondeu: chorava.

Thadeu fel-a levantar-se e, para distrahil-a, passou-lhe o braço pela cinta, levando-a vagarosamente por entre as arvores, rumo á barranca,

onde costumavam ficar á tarde, entre as bananeiras, olhando o rio.

Calados, seguiam devagarinho, passo a passo. Rumores d'azas frulhavam nos mattos, eram bacuraus em vôo baixo e curto, pousando e abalando mal os sentiam perto.

De repente, sahindo no limpo, o soldado estacou surpreso e a chinóca, contida por elle, levantou a cabeça assustada.

— Que é aquillo?

— O que?

— Olha lá... É um incendio!

— É. É fogo na matta. É do sol. O dia foi muito quente e ha mais de mez que não chove. Está tudo secco. Ás vezes é assim. O capim arde, o fogo rebenta, lavra num instante e leva dias e dias queimando.

O ceu estava de côr bronzea, laivado a rubro.

Densa nuvem de fumo rolava na altura com fulgurações instantaneas, como de relampagos. Os dois quedaram contemplativos.

— Faz pena! exclamou o soldado.

— Isto aqui é sempre assim no calor.

Crepitações longinquas annunciavam a devastação das fortes arvores, a queima de velhos troncos. O vento trazia um cheiro morno de seiva e, longe em longe, estrepitos mais rispidos atroavam, a claridade accendia-se mais intensa, em lumareu radioso. E o ceu, abrumado, carminava-se em arremedo tragico de aurora.

O rio, em baixo, rolava somnolento, com brilho escuro, de aço. Ruidos chofravam como de mergulho. Além, na margem opposta, onde faiscava uma luzinha tremula, cantavam em festa. Um sino soou, grave e, logo em seguida, triste, respondeu um toque de corneta. Maria Barbara vibrou em estremecimento, apoiando-se, com mais força, ao braço de Thadeu.

— Que é?

— Nada. É tarde. A porta ficou aberta. Vamos.

— Vamos. Regressaram em silencio. Thadeu ainda se voltou para o céu fulvo. O vento sacudia os ramos e fazia girar no terreiro as folhas seccas.

— Vai chover, disse Maria Barbara. E entraram.

A cidade alvoroçou-se com a noticia improvisa da retirada das forças. Foi geral o clamor: o commercio, allegando prejuizos consideraveis, porque fizera grandes encommendas que iam apodrecer nos depositos; as familias, porque fundavam esperanças nos officiaes, que as haviam frequentado com assiduidade, muito sollicitos com as meninas. A gandaia, essa sentia e protestava pela soldadesca que toda vivia amancebada, mantendo o contubernio, sempre disposta á pagodeira em serenatas, bródios, *cururús* e jogatina.

O mercado esfervilhava agitado, bezoante de commentarios irritados e lastimas chorosas. Nos alpendres dos negocios, nos ranchos e até nas igrejas outro não era o assumpto das conversas e recriminações dos homens, queixas das mãis de familias, suspiros de meninas, vozerio das reiunas e arruadeiras que não continham a lingua, desandando-a em palavrões e cuspilhando d'esguelha, por entre dentes, com petulancia affrontosa, desnalgando-se ás rabanadas e reboleios canalhas, com ar de desafio, quando descobriam algum official.

Certa mulheraça pimpona, muito bebeda e desordeira, impando a gravidez, batia no ventre, dizendo, em tom de ameaça: «Pensa que vou criá isto? P'ra cá, mais p'ra cá! e cruzava o busto com a mão aberta, de hombro a hombro. Não fartava mais nada! A genti não é róça p'ra gafanhoto cahi in cima, istragá tudo i voá. Não vê!»

Tropeiros, no meio das récuas; carreiros, encostados aos carros, provocavam as zabaneiras, rindo, ás cachinadas, dos seus dicterios torpes.

De janella a janella eram dialogos entre matronas despeitadas e os transeuntes detinham-se nas ruas commentando o procedimento do governo.

A cidade sentia-se como se a houvessem saqueado levando-lhe o melhor das riquezas. E, como se um luto a envolvesse, cessaram as festas, desfizeram-se «partidas» e, no jardim, á

tarde, eram raras as moças, essas mesmas tristes, em grupos funebres, conversando baixinho sobre o sonho que se lhes desfazia.

No quartel era um atabalhoado aforçuramento. Martellava-se, serrava-se, acepilhava-se. Arrastavam-se caixas. Medas de palha davam ao pateo o aspecto de eira vasta em tempo de ceifa. Enfardellavam-se arreios e armas, empilhavam-se cunhetes e era constante o cruzar de homens em mangas de camisa, suando, em barafunda atropellada de carretos.

E quando a musica ensaiava no grande salão de telha van, em cujas vigas oscillavam morcegos, pendurados pelas azas, como peças de fumeiro, no pateo, entre cavallos á sóga, montes de palha, taboas e sarrafos os soldados dançavam, corriam brincalhões, cantavam, assobiavam acompanhando os dobrados e chulas que atroavam.

«A gente já tava ficando chucro!» E o veterano, abrindo a camisa, mostrava o peito, dizendo:

«Ôia aqui. Nem nu Paraguay, onde fui firido tres vez, deixei tanto sangue cumu dêxo aqui co'esses damnados di musquitos. Isto é terra!? Vôte! É terra p'ra castigo...! Tomára já m'apanhá na Côrte. S'isso durasse mais um mez... nem sei! acho qui ganhava u mundo.»

Thadeu limpava o seu correame, a um canto, quando Fabricio, que sahira da Arrecadação com um fardo ás costas, deu por elle e parou.

— Êh! pai... Então, hein? Sempre chegou o

dia... O outro deu d'hombros, indifferente. Você está triste? Mod'ella? É? Leva, homem!

— Eu?

— Então? O tenente Aristides não vai levar a *roxinha* delle? Thadeu sorriu tristemente e, encarando o camarada:

— E é só levar? Levar com que? p'ra que? Não! Ella aqui está na sua terra, tem mãi... E lá? Se eu tivesse posses, muito bem, mas com o que ganho! Não...

— Bôa rapariga! commentou o maranhense... E gósta de você mesmo, isso gósta. Fosse outra... nem você sabe. O capitão Nogueira bem que andou rondando, mas não arranjou nada. Ha muita por ahi de alliança no dedo que não vale ella.

Thadeu levantou-se, resfolegou largo, accendeu um cigarro e encostou-se á parede fumando pensativamente.

— Bom. Até logo. Você vai logo lá?

— Talvez.

— Então me avisa qu'eu quero me despedir dellas.

A cidade amanheceu agitada, em rumoroso alvoroço como nos dias grandes de festa. Madrugada escura, ainda com os lampeões accesos, abrumados de garôa, já as ruas atroavam desusadamente com agudo rinchar de carros de bois, es-

tropeada de cavalleiros, bulicio gárrulo de gente a pé, moradores das redondezas, que acudiam, uns por mera curiosidade, só para verem a formatura das tropas, outros a negocio, trazendo mercas: frutas, doces, aves, animaes domesticados, rendas, objectos varios da industria sertaneja, desde os mais delicados nhandutys, até correames de sellaria, artefactos de chifre e de couro, chapeus de palha grossa, redes e maquêras.

Em volta dos pousos, nos caminhos, pastavam animaes de tropas e grandes bois de canga, com argolões nas aspas muito abertas.

No interior afumado, onde vermelhejavam brasidos, empilhavam-se cargueiros: ceirões e cofos, bruacas, fardos forrados de esteiras, feixes de varas e paus roliços, jácas e capoeiras d'aves que grasinavam inquietas.

Tropeiros jaziam lerdos, uns de cocaras á beira do fogo, outros deitados nos encoscorados ligás, cavaqueando amodorradamente.

Improvisavam-se feiras a cada canto em atravancada barafunda de taboleiros, caixas, covos e gaiolas. E eram pencas de bananas, cachos de côco, cestos de laranjas, numa immundicie de cascas e de bagaços de frutas em estrumeira estivada de palhas de milho e folhas seccas. E sempre a chegar gente, como em romaria. Na indifferença do tumulto mendigos pedinchavam em voz dolente ou cantando.

Desde que se abriu o sol as lojas encheram-se

de soldados e de reiunas em azáfama de compras.

Discutia-se em vozeirada, regateava-se com furor, aos protestos desabridos contra os preços aladroados. Entravam e sahiam magótes aos empurrões, e, como eram todos conhecidos de badernas, chamavam-se pelos nomes, pelas alcunhas, juntavam-se em grupos palestrando.

Espocavam garrafas, volta e meia era um que vinha á porta soprar a espuma do copo de cerveja ou cuspinhar o resaibo do codorio.

O fumo toldava o ambiente que tresandava a sarro e a alcool e era incessante o bezôo de vozes, cortado de cascalhadas estridentes, ás vezes palavrões em replica atrevida. Mulheres avinhadas apinhavam-se aos balcões, muito relamborias, algumas com riso ébrio, olhos languidos, cuspilhando de esguicho e, revolvendo amostras, escolhiam quinquilharias vistosas, abrochavam pulseiras, sopesavam collares de grossas contas, adereçavam-se de pechisbeques, mirando-se garridamente ao espelho aos requebros dengosos. Outras examinavam fazendas, comparavam padrões de chales ou experimentavam chinellas.

Pequenotes enfermiços, côr de barro, d'olhos assonorentados, comidos de sapiranga, choramigavam manhosos pedindo brinquedos caros.

Os caixeiros, muito apressados, subindo e descendo escadas, desenrolavam peças de chitas e de madapolão, abriam caixas de sabonetes, mostra-

vam vidros de essencias, potes de pomadas ou bugigangas de plaqué e de celluloide com louvores de encarecimento.

E os balcões desappareciam sob pilhas de amostras: fazendas amarfanhadas, caixas abertas, roupas feitas, muito encardidas, chapeus, todo um mistifório de bazar em que faiscavam brilhos de missangas.

O dinheiro corria facil por entre gargalhadas e muchôchos e os negociantes não se fatigavam, aproveitando a balburdia para desentupir armarios e prateleiras do rebutalho que os entulhava. Pelas ruas, enlameadas da chuva da vespera, por entre montes de lixo, chapinhava a turba chalrando alaridamente como em disputa.

Ás vezes eram matúlas: mulheres descalças, desalinhadas, com o casaco aberto deixando vêr o peito magro, em aduellas, tisnado de manchas suspeitas e com cicatrizes. Algumas tinham tatuagens extravagantes e exhibiam-nas orgulhosas. Outras, com crianças taludas escarranchadas á cinta, trouxa á cabeça, rebolindo as ancas, araviavam em guarany. Rapazolas esfarrapados, corriam, pinoteavam, a rir, empurrando-se uns aos outros sobre as pôças de lama ou nas esparrimas de estravo.

Velhas esqueleticas, de gambitos seccos e luzidios, mal cobertas de farrapagem sordida, olhinhos sumidos em talho fino, como bagas em favas seccas, grunhiam enfesadas, com a baba a escor-

rer aos cantos da boca engelhada e como, entre o bando, iam soldados, tinha-se a impressão do desfilar de uma chusma de galés.

Thadeu andara toda a manhan pelos negocios parando diante das vitrinas, ás portas, ajustando joias, sempre caras, perguntando o nome de certas fazendas que achava bonitas. Por fim, depois de muito pensar e escolher aqui, ali comprou para Maria Barbara um córte de vestido de cassa e um coraçãosinho de ouro, um chale para Nhá Chica e uma peça de morim para o enxovalsinho do «pequeno».

Aquelle filho não lhe sahia do pensamento. Já o tinha como nascido, *via-o, ouvia-lhe* a vozinha débil, seguia-o nas travessuras, lindo e rechonchudo como um Menino Jesus.

E tinha pena de Maria Barbara, coitada! tão só no soffrimento de amor, sem elle para animal-a. Ao menos quando vestisse o «pequeno» com as camisinhas d'aquelle morim, quando o chegasse ao peito, quando o ninasse nos braços havia de pensar nelle.

Doía-lhe no fundo d'alma a saudade da terra e, mais que tudo, a d'aquelle amor mimoso. Lembravam-lhe episodios de ternura: a troca de olhares no primeiro encontro, as primeiras palavras que se disseram, certa noite nos «cavallinhos» e aquella hora inesquecivel, tão serena a principio,

cheia de timidez, e, de repente... Aquella hora delirante de lagrimas e beijos, hora que vivia no seio da chinóca e que, em breve, soaria em riso e seria o filho, ella e elle na mesma carne, os seus corações, como os seus beijos, fundidos num só ser; hora eterna, soffrida e gozada na sombra verde, ao som dos murmurios da tarde emquanto a velha, a poucos passos, cantava á beira d'agua, batendo roupa nas pedras.

Subito um pensamento relampejou-lhe no coração em ciume. Outro, outro que o substituiria, assenhoreando-se da casa e possuindo-a, a ella, Maria Barbara, vendo-lhe o corpo na intimidade do leito, apertando-a nos braços, sorvendo-lhe beijos na boca, ouvindo-lhe as mesmas palavras tremulas que ella gemia chamando-o todo a si.

Quem seria elle? Pensou em tantos...! Alguns d'aquelles que por ali andavam, talvez o proprio caixeiro que lhe cortara a fazenda ou certo homem que, uma vez, encontrara parado diante da casa, com a espingarda debaixo do braço e um cão.

Remordeu-se de raiva. Mas que fazer? A pobresinha não podia viver desamparada, nutrindo-se de saudade e bebendo lagrimas. Deu d'hombros, resignado.

Como marcara encontro com Fabricio em um armazem, onde costumavam beberricar jogando a bisca, lá foi ter.

O maranhense esperava-o impaciente, indo e

vindo, aborrecido, entre pipas acanteiradas. Ao vêl-o entrar explodiu:

— Homem... Olha que você é molle duma vez! estou aqui ha mais duma hora, neste fedor de vinho azedo... Já bebi não sei quantas doses. Chamou o caixeiro, pagou a despeza e, recebendo um embrulho, disse de mau humor:

— Vamos.

— Que é que você leva ahi? perguntou Thadeu.

— Vinho e uma garrafa de canna. E você?

— Umas lembranças.

— Pois é. Hoje é despedida. Voltou-se e, encarado no companhéiro, exclamou: — E você quer saber? Não é que eu estou triste, com saudade d'isto!?... Assim como assim, a gente acaba acostumando-se.

— É...

— Você então...! Eu não quiz saber de emperramento. Nada! Levei sempre a coisa de pagode, com uma, com outra. Rabicho é o diabo! A gente péga de galho e p'ra se arrancar é um custo. Eu estou vendo os outros. Um até já desertou, o Camillo. Dizem que *azulou* para a Bolivia co'a pequena. Homem... É verdade que a «bichinha» está...?

— Está.

— Que massada! É o que a gente arranja. Eu, por mim, vou com o coração escoteiro.

Sahiram.

Maria Barbara recebeu-os alegre, com o sorriso de sempre. Estava linda! De branco, chinelinhas novas, uma flôr no cabello. A casa, muito aceiada, cheirava a defumação.

O maranhense entrou ruidosamente, abraçando as mulheres, e, pondo-se em mangas de camisa, foi logo pedindo a rede, armou-a entre duas arvores, no pomar e deitou-se com a viola, balouçando-se de leve, a cantarolar modinhas, até que, abochornado, espichou-se, cobrindo-se com as varandas para dormir uma somneca livre dos mosquitos. Nhá Chica foi para a cosinha e Maria Barbara, a pretexto de mostrar o enxovalsinho em que andava trabalhando, encerrou-se no quarto com o amante. A casa ficou em silencio.

Ao cahir da tarde, com a fresca, Thadeu e a chinóca sahiram para o terreiro. Onde se teria mettido Fabricio? No banho, com certeza.

Desceram vagarosamente em direcção ao rio pelas trilhas sombrias, cheias de recordações. Foram indo, mui de passo, abraçados e mudos. Ás vezes, parando, esqueciam-se em beijo longo, depois, alisando-lhe carinhosamente os cabellos negros, elle fitava-lhe os olhos tristes.

O sol inclinava-se incendido, dourando as folhas, que tremiam como azas. As gallinhas rondavam as arvores, empoleiravam-se-lhes nos galhos; nos mattos começava o guizalhar dos grillos e os sapos romperam na melopêa melancolica. O ceu, queimado por um dia tórrido, pa-

recia peneirar cinza fina que abrumava as distancias. De quando em quando um gemido de rola.

Uma voz echoou. Era Fabricio que os chamava para o jantar. Mas Maria Barbara insistiu em descer até a beira do rio e, diante do remanso, que era o lavadouro de nhá Chica, áquella hora liso, espelhado, enclavinhou as mãos, levantou os olhos, e, encarada no amante, murmurou tristemente:

— E agora, Thadeu? Como ha de ser quando eu vier aqui, de tardinha? Você está vendo? e mostrou nagua as imagens de ambos: Se a agua guardasse o retrato da gente... Mas a agua é como o coração dos homens, que só se lembra das pessôas quando estão perto delle.

— Quem sabe se não é melhor assim? ponderou Thadeu. Vêr sem sentir, sem poder pegar. Mexe nagua, experimenta... Nós estamos lá dentro abraçadinhos, não é? Mexe só...

— P'ra que?

— Mexendo, a agua acorda, estremece, e tudo se some. Isso é como o sonho. O melhor é a gente olhar de longe, sem tocar, ficar olhando assim, quietinhos... como estamos, sempre de longe.

— Ah! agora é que você diz isto... Se a gente tivesse feito assim... Elle pegou-lhe no queixo, soergueu-lhe o rosto e, fitando-a nos olhos, perguntou meigamente:

— Você está arrependida, não está? Fala verdade. Ella deu d'hombros:

— Arrependida? e sorriu triste com um mômo... E de que servia agora o arrependimento? O que está feito, está feito. Ha de ser o que Deus quizer.

— Mas ficas com raiva de mim, não ficas? Ella respondeu em tom reprehensivo:

— Raiva?! Raiva, porque? Fico com saudade, isso sim! Eu vivia socegada no meu canto, mettida commigo, você appareceu... p'ra que? Se eu adivinhasse que isto havia de acabar assim... Se a gente tem pena de arrancar da terra uma plantinha á tôa, quanto mais do coração! Iam-se-lhe os olhos marejando d'agua. Repuxou um ramo e poz-se a esmigalhar uma folha entre os dedos, e as lagrimas pingavam-lhe pelos cantos da boca em duas gotteiras. Thadeu achou-a linda no soffrimento. Correu-lhe um arripio pelas carnes, o sangue ferveu-lhe em éstos e desejou-a com frenesi.

— Olha para mim...! Ella obedeceu humilde. D'impeto elle agarrou-lhe os pulsos, attrahiu-a a si, brutalmente e, em voz surda, falando por entre os dentes cerrados, como se trincasse as palavras, disse-lhe em rosto, como a injurial-a, retorcendo-lhe devagarinho os pulsos:

— Eu sei. Pensas que não sei? Você está bem contente até. Ella encarou-o surpresa. Elle insistiu, contrahindo o rosto em odio: — Está, sim! porque já tem outro.

A chinóca soffreu o insulto sem protesto, de

cabeça baixa, tremendo. De repente desatou em soluços, com um brando esforço para livrar-se do amante, que a torturava, cada vez mais acirrado, affrontando-a com o ciume lubrico:

— Pensas que não sei? Eu não sou tolo! Doida por isto estava você, seu diabo! Mas deixa-te estar...

— Porque é que você fala assim, Thadeu?

— Falo porque sei...

— Que é que você sabe, creatura, diz! Que é? Elle encarou-a, mudo. Subito, arrependido, abraçou-a e, beijando-a, poz-se a pedir-lhe perdão:

— Perdôa, meu bem, eu não te quero offender. Isto tudo é ciume. Eu penso em tanta tolice... Se eu não te quizesse bem...

— Querer bem assim para dizer desafôro... Outro! Tomara eu poder commigo! Outro está aqui, e baixou o olhar ao ventre. Esse sim...

— Está bom... Não chores mais. Vem cá! Sentou-se em uma pedra, puxou-a para o collo e, apertando-a nos braços esmagadoramente, beijando-a nos olhos, na boca, sentia-lhe o aroma agreste do corpo, que o excitava como um amavio.

— Se você soubesse, Babinha. Eu só penso nisso...

— Nisso, que?

— No outro. Deus me livre! exclamou desafogando-se e, como em ameaça sanguinaria, affirmou: Eu nunca fiz mal a ninguem, mas juro

que se apanhasse um homem aqui com você, fosse quem fosse... Nem sei! Passou a mão pela fronte como para afastar uma idéa sinistra. Ella sorriu, resignada.

Escurecia. As cigarrras chiavam, sapos tiniam nos alagados. Ouvia-se o murmurio dormente das aguas.

Um dobre de sino cahiu na serenidade. Maria Barbara persignou-se. Outro dobre soou mais claro, como se viesse de mais perto.

— Amanhan por esta hora... disse Thadeu com o olhar ao longe. E ella, levantando a cabeça cujos cabellos desmanchados emmaranhavam-se-lhe pelo rosto, encarou-o commovida. Olharam-se, a principio graves, depois sorrindo, aconchegando-se.

De repente, em arremesso lubrico, atirando os braços em volta do pescoço de Thadeu, a chinóca entregou-lhe a boca aberta, em ansia sofrega de beijos, desvairada, e rugia de amor, por entre soluços, a debater-se como féra em luta com a presa.

— Maria Barbara! bradou a velha, ao longe.

A noite descia rapida e, no escuro das arvores, soava devagarinho a harmonia do silencio feita com os mil pequeninos ruidos da terra somnolenta.

## VI

Chegaram á Côrte em Setembro, alojando-se no quartel do morro de Santo Antonio.

Thadeu, que se resfriara na viagem, queixava-se de dores no peito. Não podia dormir com a tosse angustiosa, passando as noites em claro, apiançado, a rolar na barra, pensando em Maria Bárbara, com saudades de tudo que deixara, não só da chinóca, como da cidade, certos cantinhos, o rio, á beira do qual as mulheres se juntavam batendo roupa, casas conhecidas, o armazem onde passava horas jogando a bisca.

A capital atordoava-o.

Quando sahia, em vez de acompanhar os camaradas nas troças nocturnas, em ruas devassas de meretricio e tavolagem, tomava um bonde de

arrabalde ou ia para os jardins, numa necessidade de isolamento e silencio. Sentando-se nos bancos mais escondidos deixava-se ficar fumando, a recordar os dias felizes, ora em Vassouras, ora em Corumbá, no convivio da familia ou no aconchego amoroso d'aquella casa onde outro, de certo, o substituira.

Pensava em escrever chamando Maria Barbara. Viveriam juntos, trabalhando, com o filho crescendo entre elles. Logo, porém, medindo os seus recursos, a miseria que tinha como soldado, reconhecia a impossibilidade de realisar aquelle sonho.

Pobresinha! Para que? pensava, para soffrer, como tantas outras que acabavam na rotula, passando de mão em mão, até rolarem na cadeia ou na Misericordia, quando não picadas a faca, como uma cearense que conhecera. Não!

Lá, ao menos, a coitada tinha a sua casa; fazia para viver e vivia tranquilla com a sua velha mãi.

Comprava bilhetes de loteria fazendo planos arrojados com a sorte grande. Mandaria, então, buscá-la, com a india, e iriam para Vassouras, lá para os lados da *Lagôa,* numa rocinha e, se a mãi não se oppuzesse, casaria com a chinóca e, juntando-se á famliia, faria resurgir o lar antigo, com mais encanto, faltando apenas, para completa ventura, a presença do velho.

Elle, sim! Elle é que havia de querer bem ao

pequeno, seu primeiro neto! E sorria no sonho. Mas tudo era sonho... Uma tarde, subindo a rua 7 de Setembro, ouviu toques de clarim e logo avistou os batedores do imperador, que rompiam do Largo do Rocio, a galope, com estridente clangor.

A berlinda aproximava-se, passou pesada, rangendo, com os moços de taboa muito firmes e elle viu, de relance, o velho monarcha dormitando inclinado sobre as barbas brancas. Lembrou-se, então, das conversas que ouvira em Corumbá, das ameaças e dos juramentos dos officiaes e teve pena do ancião.

Parecia tão bom, coitado! Qual! não acreditava que alguem ousasse attentar contra elle. O exercito sahiria em massa a defendel-o, a marinha, o povo... E, voltando-se e vendo os transeuntes descobrirem-se respeitosamente, sentiu-se alliviado. «Não vê! Não vê que o povo deixa... Um homem tão bom...»

Á noite, encontrando-se com Fabricio no Passeio Publico, depois de tomarem cerveja, ouvindo a banda dos allemães, foram para o terraço, debruçaram-se á balaustrada, olhando o mar, cujas ondas chofravam em baixo, esfrolando-se nas pedras.

Referindo-se á impressão que tivera vendo o imperador, perguntou ao maranhense:

— Você que diz?

— Eu? Isso é prosa só, você não vê logo? Não

vê que ha ahi quem se atreva a tocar no imperador? Isso virava tudo duma vez. Então é que se fechava o tempo mesmo. Prosa! Olha, eu não tenho partido, nunca tive, nem quero, mas se me mandassem contra elle, não ia, isso não ia mesmo, juro por Deus! Era mais facil morrer.

O maranhense falava do monarcha com respeito supersticioso, como se se referisse a um ente sobrenatural.

— A primeira vez que eu vi elle, logo que cheguei do Norte, fiquei que você não imagina. Um medo que não te digo nada. Olhei bem, bem, e aquelle velho alto — que elle é alto que é damnado, você já reparou? — com aquellas barbas de santo, caminhando em passo de procissão... Não sei. Prosa! Você que pensa? Manda o cadete chegar perto delle que você ha de vêr. Valentia de boca não custa, é espuma só. A gente sopra, cahe tudo.

Andaram á gandaia e Fabricio, que conhecia umas raparigas na rua do Regente, arrastou Thadeu ao alcouce, apresentando-o a uma pernambucana, mulheraça desenvolta, que o recebeu de cigarro á boca, mirando-o d'alto. Mandaram vir cerveja da venda.

A casa tresandava aborrecidamente á herva, e, volta e meia, rinchavelhavam cachinadas nos fundos e vozes alegres galravam em calaçaria. A pernambucana chamou esganiçadamente: «Ignez!» e, instantes depois, appareceu na sala. em man-

gas de camisa e saia branca, arrastando chinellas, uma cabrocha escanifrada, meio ébria, falando salivosamente, com uma ponta de cigarro nos beiços molles. Fabricio atirou-lhe uma palmada á ilharga, ella desnalgou-se em meneios de capoeira e, apontando-lhe a mão ao rosto, atirou-lhe, em negaça, um golpe ao ventre, que o maranhense rebateu, saltando. Riram.

Thadeu sentia-se mal, vexado e, apanhando o boné, despediu-se. A pernambucana olhou-o com descaso, e, dizendo uma obscenidade, escancellou-se em gargalhada cynica.. Elle sahiu, apezar da insinuação de Fabricio: «Que aquillo era fazer feio.»

Toda a rua era uma alcoceifa. Mulheres, debruçadas ás rotulas, conversavam com a malandragem frascaria; outras corriam pela calçada, com risos estridentes estralando chinellas. Via-se o interior das casas alumiadas a kerozene, onde as marafonas, muito descompostas, cantavam derreadas nos sofás pannejados de crochet ou embalavam-se mollemente, em cadeiras de balanço, mostrando as pernas. Um violão soava melancolico.

Thadeu atravessou a rua, sem voltar-se ao chamado das mulheres que estendiam a mão para agarral-o, e foi-se para o quartel, enojado do que vira e saudoso da que deixara lá longe, tão linda! tão meiga! tão differente d'aquellas biraias.

Havia alguma coisa no ar. Fervilhavam boatos os mais absurdos, corriam as mais extravagantes atoardas. Dizia-se, á boca pequena, que no Arsenal de Guerra accumulavam-se munições, que toda a esquadra, de fogos abafados, estava apercebida para operar á primeira ordem.

Volta e meia surgia um *consta*, a principio cochichado a medo, logo depois commentado ás escancaras, com affirmações seguras — movimentos de insubordinação nas provincias: revolta de batalhões que, depois de haverem incendiado os quarteis, assassinado os officiaes, sahiam amotinadamente para as ruas atirando a esmo; prisões de generaes e de politicos suspeitos á corôa; varejamento de casas...

Os sargentos confabulavam pelos cantos, liam jornaes sediciosos.

De repente rompeu no quartel a noticia de que o batalhão ia embarcar para o Norte. Foi um alvoroço indignado. Os mais exaltados protestaram contra a «torpe vingança». Covardia! bradavam. Governo de covardes! Os timidos, encostados ás paredes, aos dois e aos tres, suspiravam resignados. «Que haviam de fazer?!» Á tarde já se affirmava que o governo mandára aprestar um paquete para transportar as tropas.

O sargento Saboya, sempre informado e palreiro, attribuia a infamia á denuncia mandada ao

Ministro da Guerra por certo negociante de Corumbá:

— Quando eu dizia que tivessem cuidado com aquelle canalha... Aquillo é boi sonso. A mim elle nunca enganou. Mas essa gente, não! dizia tudo diante delle, tudo! Está ahi. É bem feito! Agora é que vocês vão vêr o bonito. Amazonas não é Matto-Grosso. Ali é no duro! Eu dizia... E recordava factos: Vocês não se lembram quando o Tanajura pegou o boliviano? Quem denunciou? o «boi sonso». Pois foi elle mesmo que escreveu ao Ministro da Guerra contando as conversas d'esses bôbos. Um a um iam todos fugindo á responsabilidade da indiscrição.

— Olhe, da minha boca elle nunca ouviu palavra.

— Nem de mim.

— De mim é que elle não tem que dizer, porque nunca puz pé naquella quitanda. Embirrava até com o diabo, mal encarado, cheio de empáfia...

Á noite, no alojamento, a discussão acalorava-se, era necessario que o «plantão» interviesse para impor silencio.

Uma tarde Fabricio chamou Thadeu mysteriosamente pedindo que lhe dissesse «que havia de verdade naquillo tudo.»

— Sei lá!

— Não, rapaz. Ahi anda coisa... e coisa séria...!

— Porque?

— Já me falaram. Eu estava, outro dia, ali fóra, matutando na minha vida, quando o cadete Fernandes, com aquelles modos estabanados que elle tem, que até parece mulúco, me perguntou «se eu sabia da coisa?» «Que coisa, seu cadete?» «Essa historia que anda por ahi...» Eu disse que não. Elle me olhou duro, roendo as unhas e, numa furia de fazer medo, contou tudo. Olha, Thadeu, parece que elles querem mesmo dar cabo do imperador. Tem gente grande mettida no negocio. Não é coisa de piagagem, não; não pense você. O caso é sério! Eu não sei... estou assim... Se a gente diz que sim e a coisa dá em droga, fica um homem nas embiras para o resto da vida. Se diz que não, é o diabo! Você que acha, hein?

— Sei lá! Pensou um momento e disse, por fim, com segurança: Eu, contra o imperador não atiro, isso nem que me matem.

— Nem eu! concordou o maranhense. Deus me livre!

— Pois então?! Fabricio ficou enleado, rascando nervosamente a núca, a unhadas, repuxando o beiço, pensativo. De repente em rompante, encarando o amigo, declarou:

— Olha, você quer saber uma coisa? Eu, se vir essa historia mal parada, ganho o mundo, aconteça o que acontecer. Besta é quem se mette em embrulhos d'esses. Puzeram-se a andar pelo

morro. A tarde enlanguecia. A cidade, em baixo, com o casario apinhado, coruscava em scintillações diamantinas ao radiar do sol nas vidraças e clara-boias.

Pelas ruas estreitas deslisavam surdamente miniaturas de vehiculos e vultos tacanhos, morosos como pequeninos autómatos. Nos quintaes murados peças de roupa pannejavam em cordas ou forravam o chão em manchas, como de luar. Aqui, ali tufavam verduras densas e altas por entre as quaes, sinuosamente, reticulavam trilhos.

Torres hirtas espetavam o ceu e, ao longe, largo e liso, o mar, ainda incendido, era uma lamina espelhante.

Ladeira acima, lentamente, erectas como figuras biblicas, caminhavam mulheres maltrapilhas, com latas de kerozene á cabeça das quaes, ás vezes, golfavam esparrimos d'agua que ellas sacudiam das mãos.

Uma crioula tronchuda, toda em refegos de banha flaccida, espapava-se á porta d'um casebre de taboas, coberto de zinco, descascando amendoim numa peneira que tinha ao collo. Perto uma cabra, com uma forquilha ao pescoço, arrancava aos berros, tentando escapar á corda que a prendia.

Os rumores continuos da cidade, coados pela distancia, chegavam á altura em marulho cavo como a resonancia soturna de enorme concha.

Fabricio parou á beira da barranca, accendeu

um cigarro e, falando intercadentemente, a puxar fumaças, disse ao companheiro: Lá na minha terra, rapaz, no meu Norte, não ha caboclo que não queira bem ao imperador. A primeira vez que eu vi o retrato delle foi no sitio de um tio meu e sabe onde? no meio dos santos. Todo o mundo fala bem delle. E aqui é assim... Eu até tenho medo de pensar, palavra!... Se, por minha desgraça, eu fosse obrigado a fazer alguma coisa a esse homem... icha!

— E você acredita que haja alguem capaz de atirar no imperador?

— Homem, eu sei!? Politica é o diabo! Mas olha aqui uma coisa, Thadeu. Elle devia ser mais duro, você não acha? é perrengue de mais. Dizem que não faz nada, que vive lendo. Quem faz tudo é a princesa. Será mesmo? Se não é, parece. E, revoltado, vibrante: Pois então elle não tem força para dizer «não!» a essa cambada? Não é elle que manda? Se os taes fazem essas coisas é porque elle deixa. Pois se é assim, meu amigo, que aguente. Tambem não é só atirar um infeliz, como eu e você, por esse mundo de Deus, aos trambolhões, hoje aqui, ámanhan ali. Não é direito, não, isso não! tenha santa paciencia...

— Está velho, coitado! lamentou Thadeu compassivamente.

— Qual velho, qual nada! Pois se está velho vá-se embora e chame outro para governar. Thadeu encarou o maranhense e disse sorrindo:

— Homem, você é um vira-folha, Fabricio, ora diz uma coisa, ora outra...

— Vira-folha, não. Digo o que é. Fazer mal a elle, isso não faço, mas agora acompanhar o *Terço* desses que andam por ahi enchendo a boca com baboseiras: «Que não ha outro como elle, que é o primeiro imperador do mundo, pai da pobreza» e não sei que mais, isso não! Matto Grosso ainda está aqui, sabe? não passa assim: está aqui! e esmurraçou o peito.

Um dóbre languido ondulou morosamente no ar, outro respondeu mais perto, sonóro e grave. Eram os sinos das torres, vigilias da cidade, que mandavam, em vozes religiosas, o adeus saudoso ao dia. Soaram cornetas, rufaram tambores. A luz tornava-se branda, diluida como olhar velado de somno. Pombos atravessavam os ares ennevoados.

De repente todo o ceu empallideceu; nuvens estriadas de ouro, que ainda rutilavam, foram desmaiando. Descia a noite calada. Aqui, ali, na confusão da cidade escurecida, explodiam bolhas de luz.

## VII

O quartel agitava-se em fervedouro de colmêa em cresta. Sentia-se como um presagio sinistro, a ameaça de perigo mysterioso, alguma coisa que vinha sorrateiramente, insinuando-se, que talvez já ali estivesse, invisivel, trahindo. Que seria? Nova mobilisação, sem duvida. Os sargentos, interrogados, encolhiam os hombros, o proprio cadete Fernandes, sempre informado, dentro de todos os segredos do Estado Maior, respondia com evasivas. Os soldados que chegavam da cidade eram logo assediados de perguntas: «Que havia? Se se dizia alguma coisa?» «Nada. As ballelas de sempre. Historias...»

Citavam-se nomes de generaes, referiam-se scenas de rebeldia no Club Militar, garantia-se que

havia ordem de prisão contra Benjamin Constant, Deodoro e outros. Mas os incredulos sorriam ironicamente.

Uma noite, porém, circulou rápido o boato de promptidão, logo confirmado em ordem transmittida pelos sargentos e todo o quartel alvoroçou-se em urgencia de aprestos, como se o mysterioso inimigo que o rondava se houvesse, emfim, decidido a iniciar o ataque.

Que seria? Era um corre-corre aforçurado, gente a entrar, a sahir da Arrecadação arrastando cunhetes, carregando armas. Sussurrava-se á cautela, como no receio de que uma palavra pudesse comprometter a segurança da praça. Os officiaes armados confabulavam no commando, entravam, sahiam preoccupados. Que seria?

Thadeu encontrou Fabricio e o maranhense foi-lhe logo dizendo, sarapantado:

— Então? Eu não dizia? Está ahi...!

— Mas que é?

— Ora que é... é o estouro!

— Você está sonhando. Isto é mas é embarque.

— Embarque? Não está mau o embarque com armas embaladas e cartuxame pesando na patrona. Póde ser embarque, póde ser, mas de outros; nosso é que não é. Mas um negro chamou-o e o maranhense alcançou-o e foram-se os dois conversando.

Foi o Saboia que descobriu o segredo. Era a

coisa! E, com muito entono, arrotando importancia, poz-se a pontificar sobre a Republica, governo do povo pelo povo, regimen da Liberdade, como na França.

Os soldados ouviam-no calados, sem interesse. Tinham-no por um «contador de rodelas» e entreolhavam-se sorrindo ou rompiam á galhofa pedindo-lhe promoções quando elle fosse o Presidente da Republica.

Adiante um mulato parahybano, com fama de cangaceiro, encostado derreadamente á parede, de perna traçada, picava fumo, falando em voz descançada, num grupo:

— Eu não gósto di mi mettê in rascada. Não gósto, não; e colleava franzindo o carão tanado. Não sou home d'intrá nessas côsa módi fazê figuração. Ou é sério ou não é. S'é sério, muito bem, a genti briga di verdade, sinão, não! Brinquedo não é cummigo. Brinquedo di home chêra a difunto. Cummigu é ansim, e sorriu cruelmente descobrindo a serrilha dos dentes brancos e agudos como de peixe. Sês sabi, eu fujo de brigá, não tenho sangui bom. Eu mi cunheçu. Candu a cabeça mi ferve vejo tudo vermeio i antonce não respondo por mim. P'ra que? Bolelhou o fumo na palma da mão e enrolou o cigarro.

Era madrugada escura quando a corneta alarmou o silencio.

Foi uma balburdia nas companhias — vozes, correrias, estridor d'armas. Na meia luz dos cor-

redores era um atropello de estremunhados, uns resmungando aborrecidos, outros rindo e eram trancos, abalroadas; uns vestindo, ás pressas, a farda, cingindo o cinturão, outros lerdos, espreguiçando-se em vagar amollecido e indifferente. Mas em breve estava todo o batalhão em fórma. De repente um tiro atroou.

Houve agitação de panico nas fileiras, logo, porém, serenada com o que correu de homem a homem: — «É o tiro das quatro».

Mas a attitude reservada dos officiaes, o ar carrancudo do commandante davam que pensar e cochichava-se na fórma: «Que iam aquartelar no Arsenal de Marinha. Outros, porém, affirmavam que tinham ordem de seguir para o Realengo.

Na escuridão do pateo ondulava, com surdo vozeio e trepidações metallicas, a longa fila de homens. O aço das armas piscava pontilhando a treva; por vezes uma voz mais alta vibrava.

Era Novembro, clareava cedo e já se quebravam as primeiras barras quando os officiaes tomaram posição. A corneta de commando deu o signal de «Sentido!»

A musica destacou-se formando á frente e o batalhão, escalado em pelotões, estava attento ao commandante, muito firme na sella.

A cainçada do quartel, a principio escabriada, acuando-se pelos cantos como em espectativa, rompeu, de repente, em embolada correria, ladrando como em luta, rebolando nas atropelladas vol-

tas em que se ensarilhava. Mas a corneta soou, e o batalhão poz-se em marcha, ás surdas, desfilando na sombra como uma chusma de galés. Lentamente, colleando nas voltas da ladeira, chegou á Guarda Velha recompondo-se em formatura.

A cidade dormia tranquilla. Aqui, ali uma luz vasquejava somnolenta. Carroças rodavam com estrondo, passavam quitandeiros com cestos acogulados de legumes; vaccas de leite tilintavam chocalhos; bondes, ainda accesos, desciam com operarios e o ar fresco tresandava a azedume.

O ceu branqueava listando-se de galões dourados. E o batalhão seguia em silencio: subiu a rua da Carioca, atravessou o Rocio, entrou na rua Visconde do Rio Branco até o Campo.

O parque, com as arvores lustrosas, enfeitava-se de sol, uma luz de festa, leve, de brilho novo. Os operarios passavam indifferentes, sem dar attenção áquella força que seguia para destino ignorado. Os soldados interrogavam-se na fila, alguns, vendo populares ás esquinas, acenavam-lhes de cabeça como a pedir explicação daquillo.

De repente tronou uma pancada de bombo, e a musica estrugiu cheia e alegre como em um hymno á alvorada radiante. O ceu abria-se todo em azul e as montanhas pareciam pulverisadas de ouro, em apotheose. Silvo de locomotiva cortou o ar — era o expresso que partia.

Mas um som estridulo de clarim vibrou percuciente. Seria o 2.º de artilharia?! Era, então, ver-

dade... E Fabricio, que tiritava encolhido, aprumou vivamente a cabeça, exultante, exclamando para Thadeu:

— Eh, rapaz... É a coisa! Vê você, hein... Isso de medo é historia... Eu, antes de sahir do quartel, no meio d'aquella barafunda, estava que você não imagina: o coração dava cada esbarro que parecia querer-me arrombar o peito, e eu bambeava frouxo das pernas e c'um frio de bater os dentes. Pois agora, palavra! estou pedindo que isso pégue mesmo direito. Mêdo é historia! A gente tem mêdo antes da coisa começar, mas na hora da fubéca não ha nada. Na guerra ainda deve ser melhor, com as bandeiras voando, os tiros, a musica... A musica, então! Eu, ouvindo musica, é um horror! E você, Thadeu?

— Eu sei lá!

— Que diabo, rapaz... Você parece que não tem sangue, sempre jururú. Assim tambem não. Diabo de homem casmurro!

Em verdade, desde a formatura no pateo do quartel Thadeu mantinha embezerrado silencio, como de zanga, alheio a tudo, executando as manobras automaticamente. É que se recordava da partida de Corumbá, rememorando episodios da vida que levara, de tanta meiguice, no rancho de beira rio, cheio da sua saudade.

Em marcha, atravez da cidade ainda em somno, parecia-lhe estar caminhando em outra terra, longe, e, por vezes, nas mulheres que via,

descobria traços de Maria Barbara, ouvia-lhe a voz dolente chamando-o de dentro d'alma e, subito, como se se abrisse no espaço larga janella de apparição, *viu-a* a ella propria, viva e linda, no desalinho do sahir da cama, com os cabellos desmanchados, esvoaçando-lhe na fronte, o corpinho aberto sobre o collo moreno e cheio. E estava nesse enlevo quando delle o tirou o maranhense com a sua garrulice. Refugou enfesado:

— Ah! você fala tanto, Fabricio. Nem na fórma... Que coisa!

— E você? Você nem parece gente... Isso o que é é medo...

— Medo! Medo de que? Eu faço tudo calado.

— É, como carneiro... Eu sei...

Quando defrontaram o Quartel General o commandante, lançando o cavallo a galope, passou á frente seguido do Estado Maior. Cornetas soaram e, diante da guarda formada, o batalhão penetrou na praça, fechando-se sobre elle o pesado portão.

Outros corpos formavam no pateo destacandose, pelo brilho dos capacetes e pela alvura do uniforme de linho, os destemidos bombeiros, em cujas cintas largas scintillavam ferros.

Officiaes montados passavam, repassavam á frente das fileiras firmes, outros continham a custo o ardor dos ginetes que, cabeando, ás úpas e arrifadas, investiam, de instante a instante, em sofregos arranques. Aqui, ali soava uma voz de com-

mando e as filas ondulavam com brilho d'armas.

Toques vibravam fóra e os soldados, reconhecendo-os, annunciavam, por elles, os regimentos. Havia, entanto, desconfiança. Aquellas forças encerradas no quartel em espectativa fria encaravam-se como inimigas. As attitudes não se definiam, a reserva de umas, a arrogancia de outras deixavam duvidas alarmantes.

E se algum dos corpos se recusasse a adherir, tomando o partido do imperador? Que haveria ali dentro? E aquelles toques lá fóra, o borborinho crescente e aquillo de fecharem o portão, tudo fazia pensar em cilada. Um soldado estranhou:

— Homem, parece que elles nos prenderam aqui dentro. Ha de ser engraçado.

— Prender porque?

— Sei lá! Pois você não está vendo o portão fechado e esse furundum lá fóra? Isso é coisa! Ás janellas do enorme edificio appareciam officiaes e paisanos, conversando agitadamente. Piquetes cruzavam-se na varanda, installando sentinellas em varios pontos. Subito, em atroar tonitruoso, grande clamor abalou o silencio apprehensivo. As forças como que estremeceram em arripio, brilhos faiscaram em electrisado movimento d'armas. Clangoraram cornetas e clarins e novos brados retumbaram. Quando serenou o estridor ovante ficou pairando em sons claros na alegria da luz, o querido dobrado «Matto-Grosso», hymno de saudade

a lembrar o exilio, as amarguras nostalgicas, excitando os animos á represalia.

Nesse instante abriram-se, de par em par, os portões do Quartel. Seria a rendição? Os soldados agitavam-se na fórma com anciosa curiosidade, esperando uma ordem, que não vinha, da serenidade do commandante, immovel, impassivel, estatelado na sella.

De repente, com estropeada sonóra, um bando de cavalleiros entrou de roldão no Quartel. As cornetas soaram em continencia, rompendo, em todos os corpos, a marcha batida.

Surgindo em plena luz a airosa cavalgada logo correu, em fremito de enthusiasmo, o nome de Deodoro. Um cafuso exclamou trefego:

— Uai! É elle mesmo... Pois não diziam que elle estava tão doente, de cama!? Caboclo duro! Olha só como vem bonito! Isso é que é um cabra! Com elle é qu'eu quero vêr.

Era o velho general o companheiro de exilio. Era elle que assomava altivo, garboso entre os officiaes do seu Estado Maior, montando o ginete negro e luzidio, que todo se enfeitava como orgulhoso do cavalleiro que trazia.

Vendo-o, os soldados sentiram-se como que electrisados e sorriam-lhe, balbuciavam-lhe o nome veneradamente: alguns descobriram-se, adiantaram-se da fileira como se quizessem ir ao encontro do camarada heroico, que se arrancava do leito, dominando o soffrimento, para collocar-se ao

lado dos seus irmãos d'armas, correr com elles o perigo da grande hora, cahir ou com elles triumphar na campanha em que se empenhara pela Patria.

Todos os olhos estavam fitos no perfil aquilino do soldado energico. No rosto magro e pallido, emmaranhado em barba hispida, selvagem, os olhos flammejavam. Sentia-se-lhe o arfar cançado do peito. Por vezes esponjava a fronte com o lenço, impunha a mão á ilharga, premindo-a. Aproximava-se.

Subito deteve-se, refreando o cavallo que pinoteava ardego, batendo as narinas sofregas. Os officiaes cercaram-no. Coruscaram limpidas espadas e o ginete negro poz-se, de arremesso, a pino, sem que o cavalleiro, ao menos, oscillasse e lançou-se a galope ao meio do pateo, seguido do grupo irradiante dos officiaes que, com as espadas núas, como que formavam uma aureola ao chefe.

Estacando d'esbarro Deodoro arrancou da espada, brandiu-a alto, como um raio e, firmando-se nos estribos, ergueu-se imponente, em attitude monumental.

As bayonetas lampejaram em prancha nitida, longa e larga. Desfraldaram-se em côres álacres as bandeiras, levantando-se sobre as armas. Soou a corneta de commando, outras responderam em echo e todas as forças moveram-se formando por pelotões. Estrondaram musicas, os corpos dispu-

zeram-se em ordem de marcha e rompeu em clangores o dobrado do exilio, enchendo o pateo, rolando, repercutindo no ar, em echos, como se, no espaço, igualmente desfilassem forças invisiveis, alliadas ás que na terra sahiam pela Liberdade.

Atravessaram o pateo. Fóra o espectaculo era impressionante. Toda a area fronteira ao Quartel estava occupada militarmente: á frente, uma bateria de artilharia e, tomando os extremos, a cavallaria e a mocidade da Escola Militar, e o povo confraternisando com o exercito libertador.

Mal o general appareceu toda a multidão agitou-se em frenesi de enthusiasmo, affluindo, de avanço impetuoso, ao seu encontro, envolvendo-o, a acenar com os chapeus, bradando delirantemente, em exaltação de loucura. As forças que sahiam detiveram-se contidas pelo tumulto e os cavallos dos officiaes empinavam-se abrindo passagem ás investidas e aos recuanços.

Uma das bandas atacou o Hymno Nacional. O vozeio cresceu tempestuoso e das janellas do Quartel, apinhadas de gente, romperam exclamações enthusiasticas. Lenços palpitavam no ar.

Thadeu estava deslumbrado e commovido: sorria com os olhos boiando em lagrimas. Sem comprehender a significação d'aquelle espectaculo empolgante sentia, entretanto, que alguma coisa se desprendia da Patria, desarreigava-se-lhe da terra, fugia-lhe do ceu, levada naquelle mesmo tur-

bilhão que o arrastava, como as cheias dos rios esbarrondam barrancas, desenraízam e carream de bubuia troncos centenarios.

Os labios batiam-lhe em crispações nervosas, abriam-se-lhe muito os olhos, a pelle coriscava-lhe em arripios.

Fabricio, notando-lhe o desassocego, percebendo-lhe o enthusiasmo, tomou-lhe a frente dizendo-lhe em rosto:

— Então, rapaz! Bonito, hein?! Isto é que é! está tudo acabado! Agora sim. Vai-se embora o velho.

Para o maranhense tudo aquillo reduzia-se a uma vingança contra o imperador. Elle não via mais que o ancião como alvo de todas aquellas armas. Thadeu fez um gesto de resignação piedosa e lamentou: «Coitado!» Mas o maranhense, febricitante, tirou o boné e, levantando a carabina, acompanhou o povo nas acclamações á Republica. Que lhe importava o mais? Ia no torvelinho, entrára no arrastão do caudal como folha em torrente, e bradava.

Artilheiros, trepados nas carretas, vozeiravam desvairadamente acenando com a barretina. E naquella variedade de uniformes, por entre bandeiras desfraldadas, bayonetas rutilas, brilho de instrumentos, na poeirada fina que ondulava em bruma de ouro, ao sol, o povareu premia-se, ondulava em alacridade airada de libertação. Os alumnos da Escola Militar, em desalinho de jor-

nada, com as blusas manchadas de suor, eram os mais ardorosos nas vozes revolucionarias. Cavalleiros corriam á redea solta e as cornetas soavam. Populares rodeavam os canhões, afagavam-nos, falavam-lhes, como a animaes amigos.

Bandos de garotos cabriolavam, ás gingas, brincando de capoeiragem. De quando em quando, aqui, ali uma voz estrugia e logo retroava o alarido.

Paisanos, a cavallo, immiscuiam-se no Estado Maior de Deodoro. Uma fila de bondes estacionava diante do Quartel General, contida pela multidão. Passageiros, de pé, olhavam curiosos; alguns desciam, outros protestavam intimando os cocheiros a voltarem. Augmentava, a mais e mais, a turba-multa e o gradil do Parque estava emmaranhado de curiosos que marinhavam por elle, equilibrando-se difficilmente. Havia gente nas arvores.

Subito clarins retiniram em sons estridulos. Os artilheiros correram ás peças. Houve uma debandada espavorida. O povo refluiu esparrimando-se atropelladamente em todas as direcções, aos gritos: «Vão atirar! Vão derrubar o Quartel!» No terreno ficaram apenas as forças, os paisanos que acompanhavam Deodoro e um ou outro popular mais ousado.

Um tiro secco estalejou num capulho de fumo. Houve um alarido de panico. Outro ribombo, outro. E os que se achavam ás janellas do Quartel

correspondiam com acenos de enthusiamso áquelle bombardeio.

Eram salvas triumphaes, vozes das armas saudando a victoria pacifica, a redempção da Patria e vinte e um tiros reboaram gloriosamente na manhan radiosa.

— Mas afinal... porque é isto? perguntou Thadeu ao sargento Saboya, que não cessava de falar, ora a um, ora a outro, explicando o regimen republicano, o governo do povo pelo povo.

— Porque? Hom'essa! Então você acha pouco o que temos soffrido d'essa canalha? E Matto-Grosso? E Santa Cruz e Lage, por dá cá aquella palha? Acha pouco? E soldados morrendo por ahi debaixo de vara, apodrecendo nas solitarias...? Pois agora, meu amigo, se Deodoro não tomava a coisa a peito, nós iamos mas era para o Amazonas, para o inferno d'aquelles rios, morrer de febres. Agora vamos vêr quem manda! Venham para cá com os palavriados.

— E o imperador, sargento?

— Que tem o imperador?

— Matam-no, com certeza.

— Que matar, que nada. Você parece besta. Matar, para que? Ninguem aqui é Adriano do Valle. Manda-se o homem p'ra fóra, p'ra Fernando, e está acabado. Napoleão — e era Napoleão! — não foi para Santa Helena? Não diz que é sabio, que gosta de lêr? Pois que se arranje com os livros. De poetas estamos fartos. Matar...

Aqui não ha assassinos. E sabe você, em França, quando derrubaram a Bastilha, não ficou nada: foi rei, foi rainha, foi tudo. E é como devia ser. Esse, emfim, não digo, nem Deodoro é homem para mandar matar, mas devia ser. Ou é republica ou não é.

Um «Viva a Republica!» rouquejou na fileira. Voltaram-se: era o cadete Fernandes, vermelho, suado, tarantulando como epileptico.

— Olhe o cadete, disse o sargento. Tem chorado que parece doido. Esse sim! Se elle tivésse o poder na mão garanto a vocês que o velho estava na unha, o velho e todo o seu rancho de S. Christovão. Isso é mau que é damnado! Deodoro, não. Carranca fechada, mas lá por dentro é coração só.

Ainda se não havia dissipado de todo no ar o fumo dos canhões e já o povo, tranquillisado, regressava ao campo bradando mais fogosamente em impetos heroicos.

Vozes colericas propunham represalias e depredações, exigiam martyres. Um negro, em mangas de camisa, berrou, com furor de energumeno: «Abaixo o ministerio! Morra a Princesa!» «Morra!» responderam. Um rapazola poz-se a arengar esmurrando o espaço e destacaram-se valentes concitando o povo: «Vamos á Camara! Á Camara!»

Mas uma das bandas atacou triumphalmente o Hymno Nacional e foi como a benção de Christo sobre as aguas tempestuosas. Houve um mo-

mento de extase religioso. Homens choravam, abraçavam-se. De repente uma espada fuzilou no ar e Deodoro lançou o ginete a galope seguido dos officiaes e um brado immenso atroou longamente a praça, rolando, desdobrado em echos, pelo espaço azul até as montanhas e de lá partindo em annuncio de victoria para o paiz inteiro: «Viva o Brasil!» E, quando abonançou o tumulto, ainda pairavam os ultimos sons do hymno abafados pelo rufo dos tambores e pelo estridor dos clarins e corneias dos regimentos e batalhões em marcha.

A desfilada foi uma apotheose. A cidade encheu-se como por encanto. Fabricio, vendo as ruas apinhadas, as janellas atupidas, observou ao companheiro:

— Olha, Thadeu. Não parece que essa gente sabia de tudo? Qual! povo adivinha mesmo! Lembrando-se, então, do que ouvira no campo, exclamou:

— E o ministro, hein? Diz que brigou como homem. Gósto d'um cabra assim...

Quando chegaram ao largo de S. Francisco era tal a multidão na rua do Ouvidor que as tropas fizeram alto e foi necessario que uma vanguarda de officiaes abrisse caminho para a entrada do general e do seu Estado Maior, ao qual se haviam incorporado os paisanos, com Quintino Bocayuva á frente.

Bandeiras tremulavam ás sacadas formando ondulante abobada de côres e quando Deodoro

appareceu trovejaram palmas, gritos acclamaram-no e uma chuva de flores envolveu-o. E elle, firme na sella, sereno, acenava com a espada ás senhoras, soffreando o ginete que ladeava, aos pulos, sacudindo a cabeça nervosa, como a querer escapar da multidão que o opprimia e abafava. O delirio crescia. Populares atiravam-se aos soldados numa furia de saque arrancando-lhes botões da farda, divisas; outros pediam, imploravam flammulas das lanças, e o alferes do 10.° teve de defender a bandeira contra um grupo de patriotas que a queria retalhar para possuir reliquias do grande dia. As carretas passavam cheias de gente que vociferava. E a vozeria impunha-se ao clangor das bandas.

De repente correu pela tropa a noticia de que a Marinha, fiel ao throno, estava preparada para reagir. E os boatos terrificos que corriam no meio do povo, affirmavam que toda a esquadra, de fogos accesos, estava formada em linha de batalha e sustentada pelas fortalezas; que os navaes estavam promptos. Que ia haver sangue.

O cadete Fernandes, encarquilhando o rosto arrugado em rictus, disse, por entre dentes, rilhando:

— Canalhas! Nem que seja eu só...

Mas o Saboya chirriou um risinho de mófa:

— Ora, seu cadete... vosmecê tambem acredita em tudo. O senhor não vê logo!? Pois então os

marinheiros vão lá fazer fogo contra nós... O senhor não vê logo...

— E que façam! rugiu o cadete. Que façam! Eu morro, mas depois de ter comido uns tantos. Ah! cahir só, não caio.

Um homem ruivo, cabelleira em crista, debruçou-se á sacada de um hotel batendo as palmas. Houve psios! Vozes intimaram: «Pára! Pára!» Mas as musicas estrondavam, os clamores recrudeciam em fragor de tormenta. A multidão compacta rolava em bloco, era impossivel susta-la. E o homem lá ficou, esbofando-se esbaforidamente, em vão, a bracejar arremangado, com os cabellos louros esvoaçando, brilhando ao sol como linguas de fogo.

Na rua Direita, desafogando-se, a multidão espraiou-se affluindo á frente como para garantir Deodoro. Mas já começava a descer gente, bandos precipitados; e eram empurrões, arremessos, rusgas, palavrões de insulto. Senhoras cosiam-se com as paredes, refugiavam-se em corredores, pediam abrigo nas casas commerciaes. Rapazolas passavam espalhando que os marinheiros estavam com a artilharia prompta. Affirmavam ter visto alguns armados de machadinhas. Fechavam-se portas, desciam, com estrondo, as cortinas de aço.

Muitos dos que se haviam precipitado para a frente iam-se deixando ficar e, á primeira aberta, investiam varando a turba aos encontrões, ás cotovelladas, até ganharem um dos passeios. Era o

terror que os ia debandando, era o medo manifestando-se em deserções sorrateiras. Alguns não disfarçavam a fuga: «Nada! Seguro morreu de velho! Assim como assim, que vou lá fazer? Se eu ainda estivesse armado...» e esgueiravam-se.

O negro que, no Campo, propuzera deitarem abaixo o ministerio e bradara «Morte á princesa!» giro-girava como em remoinho, sempre furibundo, sanguinario, a escumar iras libertarias, mas foi-se escapando até achar passagem para uma das ruas. E a tropa, mais desaffrontada, reorganisava-se em pelotões e soldados corriam com estralejar das patronas cheias.

Já as avançadas chegavam ao Arsenal de Marinha. Uma força de cavallaria avançou a galope pela ladeira de S. Bento, com as lanças altas ou com os clavinas a prumo, quando o portão da praça, até então ameaçadoramente fechado, abriu-se lento e sahiram parlamentares. Era a adhesão da Marinha.

«Viva a Republica!» bradou um almirante agitando o boné e então, em unisono, povo e soldados, no mesmo assomo, fizeram côro com o official e um fremito correu desde o Arsenal até as ultimas filas de soldados, ainda retidos na rua do Ouvidor.

Soaram, a um tempo, toda as bandas no alvoroço frenetico da multidão. Fabricio saltava descabellado, com a farda aberta; o sargento ia de

um a outro, confirmando o que havia dito: «Então! Pois a Marinha havia de atirar contra nós... Está ahi... E vocês com historias...» O cadete, aphonico, esguelava-se em hiatos, atirando murros ao vacuo, aos pulos.

As fileiras desmantelavam-se. Officiaes é inferiores relaxavam o commando, uns por curiosidade de vêr o que se passava no Arsenal entre as altas patentes do exercito e da marinha, outros para refrescarem a guela ou comprarem frutas no caes. E as praças, em liberdade, debandavam, umas sentando-se nas portas das casas, outras, mais resolutas, abandonando a fórma e seguindo vagarosamente, com a carabina baixa, á procura de botequim ou frege onde comessem alguma coisa.

Um molecóte, doceiro, que fazia o seu commercio naquella barafunda, estacou de repente em compadecido espanto diante de Thadeu que arquejava, com a cabeça no braço apoiado á parede, firmando-se á carabina. De quando em quando, em frouxos arrevessos, sahiam-lhe da boca golfadas de sangue.

O doceiro dirigiu-se a um soldado e disse-lhe aturdido:

—Olhe aquelle ali. Está botando sangue pela bocca...

O avisado lançou um olhar indifferente ao camarada e bradou ao outro:

—Fabricio! Olha o teu amigo, Thadeu. Pa-

rece que entornou de mais. Isso em jejum... Olha lá...

Fabricio acudiu, mas verificando o que se passava, exclamou com pena:

— Que é isso, rapaz!? Pois você... Uma pasta de sangue vermelhejava na calçada e o misero ansiava, tonto. Á voz do amigo levantou a cabeça — estava livido, com os cabellos collados em suor á testa, os olhos lacrimossos. O maranhense interrogou-o:

— Que foi? Elle fez um gesto vago. Limpou lentamente os labios e disse em voz lenta e debil:

— Cançaço. Estou que não posso... É um fogo no peito que não sei. Acho que não resisto. E é melhor mesmo. Sentou-se encolhido, encostado á parede, com a carabina entre os joelhos.

— Descança um bocado, disse-lhe Fabricio. Lembrou-lhe, porém, falar ao sargento e foi resolutamente. Achou-o perorando num grupo.

— Sargento, o 235 está pondo sangue pela boca. Não ha ambulancia, não ha nada. Elle a pé não aguenta. Está ali que não pode. Se a gente arranjasse, ao menos, um lugar onde elle descançasse um pouco.

O sargento encarou de má sombra o maranhense e, depois de o mirar, com aborrecimento, disse, cruzando os braços:

— E agora!? Quem sabe se eu o hei de levar ás costas?! Pois se não aguenta, melhor para elle. Fabricio conteve um impeto de revolta e, bamba-

leando o corpo, com um sorriso que reflectia colera e desprezo, respondeu:

— Não ha duvida. Eu levo elle. E foi-se para junto do companheiro, que se mantinha na mesma posição de angustia, tendo em volta, a contemplal-o um circulo de curiosos.

Soaram cornetas. Acudiram soldados de varios pontos, reorganisando-se os pelotões. E o cadete Fernandes, com o boné amarfanhado quasi a tapar-lhe os olhos, a farda desabotoada, entrou em fórma dizendo em voz soturna:

— Muito bem. Vamos agora vêr o resto.

No Arsenal estrugiam as vibrações do Hymno e o povo, em delirio, acclamando a Marinha, arremessou-se em massa para o portão aberto.

## VIII

Dois mezes de hospital e com a sentença de morte a atroar-lhe os ouvidos, porque o medico que o examinou á entrada, um velho acaboclado. de oculos, depois de o interrogar, com aspereza, sobre os antecedentes: «Se já havia tido hemoptyses? Se tinha thysicos na familia?» auscultou-o vagamente, declarando a um moço que o acompanhava attento: «É um caso liquidado.» A um gesto do velho o outro adiantou-se e, depois de applicar o ouvido ao peito e ás costas de Thadeu, percutir-lhe os hombros, as costellas, concordou com o diagnostico. E o velho concluiu encarado no enfermo:

— Pódes dizer adeus á farda. Estás livre. Agora é cuidar d'isso, entendes? pôr ahi uns re-

mendos, porque essa coisa, lá por dentro, está a pedir reboco. De onde é você?

— De Vassouras.

— Bôa terra, bom clima... Pois é tornar para lá quanto antes e viver quieto. Bôa carne, bom leite e nada de extravagencias, se é que não te desagrada isto por cá, porque o que tens ahi dentro não dá para muito. Isso, estou a vêr, é matto-grossada; pagodeira velha. Mulher ali é matto, e matto venenoso. Pois é. Eu não illúdo. Digo o que é. Vá, deite-se, agasalhe-se e fume pouco. O remedio virá ter aqui. Fez uma caramunha de desanimo, a que o outro correspondeu com um sorriso. E foram-se.

Dois mezes de hospital! Vida triste, enfadonha, na vasta galeria de soffrimento.

Sempre aquelle cheiro acido, enjoativo, as mesmas conversas melancolicas, a mesma dieta dissaborida e o pouco caso dos enfermeiros. Ás vezes era um que acabava, arfando devagarinho, a boca aberta, os olhos estagnados, vitreos. O visinho de leito dava o alarma sinistro da morte. Acudiam enfermeiros, os doentes agitavam-se, uma lufada de terror sacudia-os e ficavam transidos como o gado quando fareja o sangue de um companheiro abatido.

Eram sussurros aqui, ali; perguntas timidas. Alguns rezavam baixinho. E o morto ficava estendido, coberto até o queixo, como se dormisse, com as moscas voejando-lhe em volta.

Mas a vida retomava a sua marcha indifferente, passando atravez d'aquella immobilidade com leve fremito de emoção, como um rio trambolha em rochedo espumejando férvido, para logo defluir serenamente, limpido.

Dois mezes!

Durante o dia nada mais do que a visão fixa d'aquella sala melancolica com as idas e vindas dos enfermeiros, a visita displicente dos medicos, o vozeio surdo das conversas. De quando em quando um ai! muito longo, arranque de tosse, ou o sobresalto de uma syncope.

Á noite, no bruxoleio da luz escassa, sombras estranhas tisnavam as paredes, bracejando ou como que abrindo azas tragicas: Eram enfermos que se levantavam angustiados, recahiam arquejando ou bradavam assustadoramente, como a pedir soccorro, no pungir de uma dôr ou em delirio de febre.

E o enfermeiro surgia assonorentado, resmungando, intimava grosseiramente o enfermo a aquietar-se, deitava-o á força, ameaçando-o.

Refazia-se o silencio lugubre, cortado pelo resomnar de uns, pelo sarrido de outros, por um escarro, uma tosse, um lamento, um suspiro. Dois mezes!

Quando lhe consentiram levantar-se andou pela enfermaria em passos arrastados, muito fraco, sentindo as pernas frouxas, molles, como dessossadas. Sahiu ao jardim, caminhou um momen-

to, bambo, tremulo; sentou-se, por fim, á sombra de uma arvore, olhando o ceu azul, gozando o suave calor do sol, acompanhando enternecidamente o vôo dos passarinhos.

Á medida que melhorava sentia que se ia tornando incommodo áquella gente do hospital, medicos e enfermeiros, que o olhavam de má cara, como se elle ali se mantivesse por abuso, usurpando o lugar a outro, comendo, bebendo e dormindo á tripa forra, como parasita. Desconfiava de todos, tomando a si quantas phrases ouvia. Uma vez quasi chorou de vergonha ao dar com um mulato enfermeiro, sujeito mal encarado, muito de pirraças, sempre ás turras com os doentes, que dizia a um criado: «Que quer você? Isto é o paraiso dos malandros. Ha aqui typos de tanta ronha que chegam a enganar os medicos. Alguns até, nem sei como, fazem subir o thermometro. Dizem que é com o cigarro, que escondem debaixo do lençol. Não sei. A verdade é que, depois da visita, ficam ahi lampeiros que nem parecem os mesmos. Você quer vêr essa sucia é na hora da bóia...»

O velho medico que, a principio, tinha sempre um dito alegre para elle, passava quasi indifferente, mirando-o d'esguelha, com acenos de cabeça e resmungos.

Para evitar olhares, sorrisos maliciosos e o cochicho dos enfermeiros, sempre inticantes, sahia cêdo para o jardim, punha-se a passeiar ao

sol, como lhe recommendara o medico, ou sentava-se á sombra de um tamarindeiro, onde ficava horas esquecidas, banzando.

Quando pensava na sahida do hospital tornava-se apprehensivo, sombrio. Para onde iria naquelle estado de fraqueza que o abatia ao menor esforço, prostrando-o esfalfado, a suar e tonto como em vertigem?

Vendo mourejar o jardineiro, homemzarrão robusto e alegre, com a saude a reçumar-lhe em côres do rosto largo e moreno, pensava em voltar á terra, mas dava de hombros, com um sorriso triste.

A terra...! Conhecia-a bem! Fôra ella que o reduzira áquella miseria, que lhe arrancára o primeiro sangue, que o vencera formidavelmente quando elle tentara domal-a, tirando-lhe a braveza do maninho, limpando-a das hervas, destorroando-a, revolvendo-a. Sentia-se vencido, incapaz de qualquer esforço: molle de corpo, quebrado de animo.

Repelliam-no das armas, despiam-lhe a farda. Aquelle sangue, arrevessado a golfadas na hora energica e grandiosa em que mais se pedia ao soldado força e garbo, condemnara-o para o sempre. Se houvesse jorrado de ferida heroica aberta a ferro, na furia do combate, o ponto do peito em que lhe houvesse ficado a cicatriz seria assignalado com uma medalha de honra, que o distinguiria entre os bravos; mas assim, sangue fra-

co, de enfermo, lançado em frouxo, como de nausea pela vida...

E ficava a pensar humilhado, com vergonha dos outros convalescentes que passeiavam em grupos, conversando alegres. Aquelles regressariam ás fileiras mais robustos, refeitos no descanço que haviam gosado. Elle...!

Levantava-se vagarosamente, ia ficar junto ás grades para olhar a rua, vendo formigar a gente activa: trabalhadores sadios, uns com ferros de lavoura, outros com instrumentos de officio e altas, acoguladas carroças de frutos e legumes que desciam para o mercado deixando no ar um cheiro fresco e acido de horta e pomar.

Tudo aquillo era a vida, era a terra fecunda, a riqueza. E elle!...

Á hora das refeições sentia vexame em sentar-se á mesa, como se fosse ao pão de esmola. Baixava a cabeça, comendo em silencio, timidamente e sempre desconfiado do olhar, do riso dos companheiros, do cochichar dos criados. Á noite custava a conciliar o somno, a pensar no destino tenebroso. Idéas de morte sombreavam-lhe o espirito.

Seria melhor. Que faria elle no mundo, como um trapo atirado á praia, que as ondas rolam e estrafegam? Lembrava-se, porém, dos venturosos dias em Corumbá, de Maria Barbara, da velha india; revia o rancho á beira rio.

Ella já devia ter tido o filho. Menino ou me-

nina?! E naquelle sonho amoroso sorria desvanecido.

'As recordações d'aquelle tempo eram como oasis para a sua alma. Depois... tantos outros soffriam...! Se fosse elle o unico, mas havia tanta gente desgraçada, tanta! O imperador, por exemplo.

Quem diria! Senhor de tudo, dono da terra e dos homens, não fôra mettido em um navio e tocado da patria?! Pobre velho! Revia-o, recompondo a visão rapida da sua passagem na berlinda, com os clarins dos batedores soando e a cavallaria a acompanhal-o de espadas desembainhadas, prompta para defendel-o á primeira ameaça. E não fôra lançado do throno, abandonado de todos, exilado?!

Elle, ao menos, ainda ali estava na patria, a horas da sua terra, podendo vêl-a, fixar-se de novo onde tinha a sua gente, na casa em que nascera e onde lhe havia morrido o pai.

Esperanças esvoaçavam-lhe em volta attrahidas pela fantasia, como mariposas chegando-se enxameadamente á luz: «Se comprasse um bilhete! Se conseguisse um bom emprego...?» A cidade era grande, a fortuna facil. Bem poderia elle, ao sahir d'ali, encontrar protecção, ter a sorte em um numero, arranjar-se em alguma casa commercial ou, com o favor do deputado Gomide, obter emprego numa repartição publica.

Repentinamente todos os castellos ruiam e elle

achava-se, de novo, na situação de abandono, sem casa, com uma ninharia no bolso e doente.

Não tinha amigos. Não conhecia ninguem na cidade. Fabricio lá estava no quartel. Aquelle sim, caboclo duro, cheio de vida! Aquelle sim, e os outros, tudo gente forte. Emfim...! seria o que Deus quizesse.

Um dos copeiros, cabrocha magricella, com o rosto picado de bexigas, que fôra taifeiro a bordo da *Guanabara,* lembrava-lhe a Policia. «Que se engajasse. Uai! Porque não? Elle mesmo, mais dia, menos dia estaria lá nos Barbonos. Sempre era outra coisa. Estava farto d'aquella vida de hospital. Uma sujeira de fazer nojo e só vendo feridas, e um fedor de remedios que lhe embrulhava o estomago».

Thadeu, porém, tinha medo. E logo imaginava-se ás voltas com capoeiras de navalha em punho ou tocaiando ladrões, só, na escuridão da noite, em arrabaldes desertos, um predio aqui, outro além. E via-se cercado por maltas sanguinarias ou encurralado por quadrilhas assassinas. Se ainda tivesse saude, força...!

E poderia elle resistir ás noites em claro, ao tempo frio e de chuva, encafuando-se encolhidamente em vãos de portas, molhado até os ossos? Aquelle sangue...! E sentia a fraqueza do peito. Por vezes era um calor vivo como de chammas que, subitamente, se accendessem, queimando-o por dentro, ou então repuxamentos, arranques,

dores finas como de agulhadas. Tossia rouco, gorgolejos engrolavam-se-lhe na garganta.

Estarrecido de medo pensava no sangue. Arrancava escarros grossos, parecendo-lhe sempre que se lhe despegavam os pulmões com o esforço e que era a propria vida que se lhe esvahia aos poucos. Examinava os gargalhos e ficava longo tempo arquejante, em languida canceira, a arfar.

Quando teve alta e, com a inspecção de saude, foi excluido do exercito por incapaz, sentiu todo o horror da sua sorte mesquinha. Nem se atreveu a despedir-se dos camaradas. Para que? Rir-se-iam d'elle, troçando-o. Estava magro, amarellento, encanzinado, de olhos fundos. Sahiu á aventura. Entrou, ao acaso, num botequim e, sentando-se á mesa, diante de uma chicara de café, ficou distrahido, o olhar vago. Que via? um mundo, mas todo elle inhóspito, indifferente. Vasta, accumulada cidade e elle sem um canto para dormir; uma multidão movimentando-se nas ruas sem que nellas lhe apparecesse um rosto conhecido, a mão de um amigo que se lhe estendesse; tanto rumor de palavras e, nem uma só vez o seu nome. Sentia-se só, de todo só. Poz-se a andar a tôa, sem rumo, fatigando-se.

Na rua do Ouvidor distrahiu-se olhando as vitrinas ricas, parando de uma em uma, diante das lojas, voltando-se attento a todos os pregões de quinquilheiros. E caminhava. Quando deu por si estava na rua Direita.

Olhou para um e para outro lado, como a orientar-se e seguiu para a Praia do Peixe, sem destino, questão de encher tempo.

O grande mercado estava quasi deserto, com a sua abundancia encerrada nos armazens que tresandavam a azedume. Uma agua, lurida como azougue, coalhava-se nas sargetas. Havia pilhas de frutos podres, cascaria, hortaliças velhas á espera da carroçagem. Na rampa uma fila de canôas, algumas de borco, reseccavam ao sol. Homens desciam, subiam pela humidade resvalante, e aqui, ali um caixeiro varria a dianteira da casa ou arrumava mercadorias.

Lembrou-se de ir aos bichos, vêr os macacos, os cães, e a passarada chalra. Mas passando por uma casa de frutas appeteceu-lhe chupar laranjas. Entrou, sentou-se em um tamborete e poz-se a chuchurrear a fruta, ás talhadas, lembrando-se da roça, do tempo de menino, quando, no pomar, fazia mamuchas, chuchando-as e jogando petecas com o bagaço engelhado.

Então descobriu um jornal do dia. Palpitou-lhe lêr os annuncios. Correu-os todos e achou um que lhe convinha. Dizia: «Precisa-se de um moço para caixeiro de botequin na rua de Santa Luzia. Quer-se que durma no emprego.»

O coração bateu-lhe de impeto. Levantou-se, pagou e foi-se. Era perto. Casa e comida, que melhor? O botequim — duas portas — era uma espelunca, escura e sordida, com o soalho lustroso

de lôdo, quatro mesas de ferro, o balcão escalavrado e, num armario, ao fundo, a garrafeira. Grilhões de papel cruzavam-se no tecto sarapintado e fumarento.

O dono recebeu-o em mangas de camisa, cigarro á boca, mirando-o d'alto. Era um typo gordo, ventrudo, d'olhos avermelhados, com o queixo em papeira aos refegos e belfas bambas.

Falando-lhe Thadeu no annuncio, o homem franziu o sobr'olho, cuspilhou o cigarro e, atafulhando as mãos nos bolsos das calças, pandeou o ventre com arrogancia, perguntando: «Se tinha pratica. Se entendia daquelle negocio?»

Thadeu confessou, acanhado, que, em botequim, a dizer verdade, nunca servira, mas estivera em uma venda, entendia de bebidas e com uma explicação daria contas de si. O homem pozse a andar pela sala, cabisbaixo, a remoer, e disse, por fim:

«Isto não tem que saber. Tudo tem seu preço. E lá o café, tem até a machina. É só deitar-lhe o pó, a agua quente por cima e a chorumela vai por si mesma. A freguezia é conhecida: rapaziada bôa, quasi tudo gente do mar — remadores, pescadores. De manhan, á hora do banho, costumam apparecer figurões, pessoal do commercio; até senhoras já aqui têm entrado, e da nata. Mas o geral é o povo do remo e da vela... Lá, ás vezes, coisa de mais gole, menos gole, es-

toura aqui uma esbodegação. Mas é fogo de palha... A casa abre-se ás quatro da manhan e fecha-se á meia noite. Dou quarenta mil réis, casa e comida. Temos lá ao fundo um quarto e come-se da casa de pasto, aqui ao lado. Se convem, o melhor é entrar hoje mesmo, porque estou só. O outro, um maganão, foi-se com uma bôa taréa e lá está a gornir o xadrez. Era malandro para roubar-me a alma, se eu a não tivesse sempre commigo.

Acordaram no ajuste e, nessa mesma tarde, a canastra do ex-soldado occupou um vão do quarto, um cacifro, onde mal cabiam a cama e um lavatorio de ferro. A parede estava forrada de velhas illustrações de jornaes, e num dos lados, de tabique, havia uma porta na qual estava pregado um cabide de dois ganchos. Uma janellinha abria sobre o mar, cuja voz preguiçosa soava, resoava constante[illegible] em rythmo de respiração arfante.

O serviço era de es[illegible] sem treguas, com poucas horas de somno. [illegible]o, ainda escuro, o homem, que dormia no quarto contiguo, roncando estrondosamente, batia no tabique atroando o silencio com o vozeirão acatharroado: «São horas!»

Thadeu punha-se logo de pé, ás vezes tão amollengado que mal podia levantar o ferrolho da janellinha, recebendo em cheio, no peito, a lufada salitrosa. Borrifava o rosto e sahia a

accender a machina do café, abrir a porta para receber o leite e o pão.

Os freguezes não se faziam esperar: homens rijos, ainda somnolentos, bocejando alto, pigarreando. Sentavam-se de pernas estiradas e comiam com appetite de saude. Alguns, em trajo de banho, exhalando salsugem, pernas núas, descalços, entravam á pressa, encharcados, tomavam um café, um góle de paraty e sahiam correndo.

Ás vezes eram grupos estroinas, bravateando feitos: um que fôra a Villegaignon a braçadas largas, sem pausa; outro que varara em mergulho desde a falúa até a boia. E historias de rolos com policiaes, desbarato de maltas a cacete, murros achaparrantes. Thadeu foi, aos poucos, relacionando-se com aquella gente heroica e, como houvesse contado a alguns a sua vida de soldado, nella enxertando bravuras imaginarias, muitos dos rapazes, quando entravam, perfilavam-se em continencia comica de mão á fronte e declaravam o que queriam, como se bradassem ás armas: «Um paraty!» «Uma media e pão quente!» «Café!»

Elle servia amorrinhado. E emquanto a freguezia, em alegre algazarra, sorvia a goles cheios, as palanganas de café com leite ou virava calices de canna, elle admirava, com inveja, aquelles corpos de athletas, peitos anchos, convexos como escudos, biceps em ampolas tumidas, pes-

coços cordoveiados. Gostava de ouvil-os, excitava-os a experimentarem forças na quebra de braço, de cotovellos fincados na mesa, mãos enclavinhadas, lutando em torsões de punho. E os musculos resaltavam-lhes turgidos, rigidos, inchavam-se-lhes as veias.

As cadeiras ringiam, estalejavam, a mesa oscillava até que o mais forte, contrahindo o rosto, de maxillas em trismo, retesando a musculatura férrea, ia dobrando o braço do companheiro como se vergasse uma barra e, de repente, em arranque supremo, abatia-lhe a mão na mesa, subjugando-a. Atroavam clamores e palmas.

Thadeu acompanhava o formidavel duello, esforçando-se como se nelle fosse parte e, quando se decidia a victoria, resfolegava cançado, exhausto da contensão em que se mantivera durante a prova dos pugillistas. Admirava a força e o seu prazer era achar-se entre aquelles rapazes cheios de vida, aquelles marujos tanados, cujos braços venciam as vagas, cujos peitos pareciam cheios daquelle ar de saude que, lá longe, enfunava bojadamente as velas e, mais alto, levava de roldão as nuvens.

No correr do dia eram raros os freguezes. Appareciam alguns lerdos, muito parranas, sentavam-se preguicentos, coçando a grenha riçada, tomavam café, cerveja ou canna, deixando-se estar em molleza, assonorentados.

Ás vezes formavam-se bancas de bisca, valendo rodadas de cerveja, num araviar de tavolagem, sob o voejo importuno das moscas. E fóra, ensurdecedoramente, era continuo o rilhar zininte de serras nas serrarias proximas e um cheiro secco de madeira espalhava-se no ar levemente abrumado d'uma poeira de ouro.

Á noite era maior a frequencia, gente sorumbatica, sorrateira, frascarios da zona, alguns rebocando zabaneiras esbodegadas e ebrias. Por vezes rusgavam. Palavrões estouravam e era logo o desaguisado, a barafunda. Um que saltava ás gingas e ás rabanadas, desafiando; outro, logo investindo com alvoroço, espalhando o grupo. Fechava-se o tempo, rolavam cadeiras no estrondo do turumbamba.

O dono da casa intervinha pacificador, apartando os desavindos. Aos fracos, ia levando aos trambolhões até a porta, esmurrava-os, sacudia-os longe, com ameaças; aos valentes, de fama, buscava apaziguar, falando-lhes como parceiro de pandilha:

«Que diabo! T[illegible] vocês queimam-se por dá cá aquella palh[illegible] Deixem lá as mulheres. Não vale a pena b[illegible] por porcarias. Isso anda ahi á tôa». Contin[illegible]-os geitosamente para evitar prejuizos e trabalhos com a policia, porque, no final das contas, era elle sempre quem pagava o pato

Thad[illegible]toava-se por traz do balcão, en-

corujado de medo, o olhar muito aberto, assombrado, na espectativa arripiada de navalhadas, tiros, sangue, intestinos de fóra, mortes. E, quando os brigões sahiam tumultuosamente, desafogava-se e, ainda trémulo, com o coração opprimido, arrumava as cadeiras que haviam rolado, varria os cacos de louça, refazia a bodega, emquanto o patrão, furioso, resmungava contra a corja:

«Que, um dia, tanto o haviam de esquentar, que perdia a cabeça e estendia um dos taes ali, nas pedras, com uma bala».

Thadeu começava a resentir-se d'aquella vida, dormindo tres horas, se tanto, por noite naquella cama immunda, cheia de percevejos, sobre trapos: levantando-se de madrugada para lavar o botequim e attender aos freguezes. Sentia-se alquebrado, molle.

Quando se recolhia ao quarto, ouvindo o chiar dos ratos, o esfervilhar das baratas, sempre preoccupado com as enormes centopeias que colleavam no soalho negro, dobrava-se, de mãos á ilharga, com a espinha dorida, as solas dos pés ardendo, como sinapisadas.

Custava a adormecer, sempre com pensamentos lugubres ou revivendo saudades tristes.

Uma noite, ao deitar-se, depois de fumar um cigarro, sentiu angustiosa oppressão como se lhe esmagassem o peito, ancia d'ar, ardor urente na garganta. Tossiu e, d'impeto, afflicto, engasga-

do, poz-se de pé. A tosse aggravou-se-lhe rispida, rouca, despedaçando-lhe o peito. Veiu-lhe uma golfada á boca, postejou-a no chão — era sangue. Sentia como recalques nos hombros, pontadas que o varavam. Abriu o postigo,

Uma lufada de ar frio bateu-lhe em cheio no rosto, dobrando a chamma da vela, que ardia espetada no gargalo de uma garrafa.

O céu estava todo estrellado, luzes vermelhejavam na escuridão faiscante do mar. Thadeu aspirava sofrego aquelle ar benigno, que o reanimava.

De repente, porém, um prurito irritou-lhe a garganta e a tosse irrompeu de chofre áspera, em accessos seguidos, uns sobre outros, a mais e mais angustiados, como se o frio da noite lhe houvesse exacerbado a crise.

Encostou o postigo e, bambo, esfalfado, cambaleando como bebedo, atirou-se na cama abandonadamente, escarvando o peito com as mãos grifanhas, como em ansia de o abrir para enchel-o de ar, d'aquelle ar que circulava fresco, salino, sadio, dando vida a tudo, que até as roupas com elle agitavam-se no cabide, papeis arrastavam-se pelo chão, a chamma da vela palpitava tremula, só elle, com a impermeabilidade que o blindava, não lhe sentia, no intimo, o frescor e o beneficio. Outra golfada encheu-lhe a boca. Levantou-se rápido, medroso, sentando-se á beira da cama com os cotovellos nos joelhos,

a cabeça entre as mãos; e quedou exhausto, cuspilhando sangue.

Um suor de agonia envisgava-lhe a fronte, os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas. Poz-se a offegar, a gemer surdamente.

No quarto contiguo houve um estalejar e logo o pigarro do patrão e, em seguida, espalmadas pancadas no tabique.

Thadeu arquejava aos haustos, molle, languido, alquebrado. Repetiram-se as pancadas e, como ficassem sem resposta, o patrão vozeirou: — Eh! Thadeu... Que é isso? És tu que estás gemendo? Elle quiz responder, mas a tosse assaltou-o de novo, violenta.

A porta do cabide abriu-se e o patrão appareceu de camisa de meia e ceroulas, descalço.

Ao dar com o empregado naquella oppressão, esbogalhou os olhos empapuçados:

— Que é isso? Que foi? Thadeu encolheu os hombros em gesto lerdo de abandono e desanimo. Por fim rouquejou, rascante: «Sangue». O patrão abaixou-se sobre o soalho e, impressionado com o que via, fez um esgar de aborrecimento, a pensar na maçada de ter de cuidar do enterro, trabalheira na policia, amollações, todo o dia perdido e sempre alguma gorgeta a este, áquelle.

E quem tomaria conta da casa? Poz-se a coçar a cabeça enfesado, a alisar os grossos braços cabelludos. «Mas afinal... porque isso? Que acontecera?»

Thadeu espalmou a mão no peito. Fechou-se o silencio e foi o homem que o quebrou, dizendo amofinado:

— Olha lá, rapaz, isso de sangue é serio. Toma cuidado! E caminhava pelo quarto: Vai-se deixando, deixando e um dia...

— Eu vou-me embora. O patrão estacou, surpreso.:

— Hein?!

— Vou-me embora.. Isto pode peiorar... O homem ficou-se a olhar o sangue, em manchas no soalho e na cama. E Thadeu proseguiu vagaroso, descançando nas palavras:

— Não poso mesmo. Tudo me cança. E respirava arrancadamente. Vou-me embora. Lá tenho os meus, é a minha terra. Assim como assim...

Sobreveiu-lhe a tosse e, já sem forças, de todo vencido, debruçou-se no respaldo da cama, comprimindo o peito. O homem contemplava-o com pena; offereceu-lhe agua, um pouco de vinho. Não obtendo resposta foi ao postigo, entreabriu-o e ficou olhando vagamente.

Clareava: uma luz baça, em neblina, atravez da qual appareciam serranias distantes e o mar liso, esbranquiçado, luzindo a trechos. Lembrou-lhe, porém, que era tempo de abrir a casa, arranjal-a para os freguezes matinaes. Voltou-se para olhar o empregado, com esperança de o vêr de pé prompto a descer, como de costume, para o serviço. Mas o coitado recostara-se ao travessei-

ro, exanime, e, d'olhos abertos, parados, a boca contrahida em rictus, respirava lentamente, a custo, como nas ultimas. Foram-se-lhe cerrando as palpebras e o homem disse-lhe, em voz como de acalento:

— Deixa-te estar. Vê se dormes um pouco. Se isso continuar d'aqui á Misericordia é um passo e tens lá tudo — medicos, enfermeiros, remedios... E de vagar, surdamente, sahiu encostando, de leve, a porta.

Feitas as contas e resolvida a viagem para a madrugada seguinte, apezar do medico da Santa Casa haver aconselhado repouso, receitando-lhe para «o sangue», Thadeu sahiu a contractar um tilbury que o levasse á Central, para o expresso de Minas.

Dos ordenados que recebera durante seis mezss de casa, com mais um pouco que sempre reservara para essa sonhada volta, restavam-lhe uns trezentos e tantos mil réis, fortuna bastante para quem regressava ao lar, sem outra ambição mais que a de rever a terra e abraçar os seus.

Apezar de fraco, combalido, com aquella canceira que o derreava, passou a tarde servindo no botequim para despedir-se de certos freguezes amigos. Uns aconselhavam-no a seguir:

«Que fosse. Não brincasse com aquillo. A roça

era tudo para taes molestias.» E citavam curas maravilhosas. Outros discordavam incredulos:

— Historias! O melhor era elle ficar onde estava. Aqui, deixem lá! aqui sempre ha outros recursos: medicos, remedios. Isso de ares de matto é bom para bichos. O que se quer é tratamento. E estranhavam que elle não se houvesse mettido nagua salgada. Pois você aqui, a dois passos do mar, não tentar os banhos... Só por muita preguiça. Aquillo sim! Com uns trinta banhos de mar ficava prompto, e sem drogas que arrasam o estomago.

Thadeu sorria, mas firme no seu proposito, lá arrumara o bahú, tinha tudo prompto e o tilbury encommendado. Ia mesmo. Se a terra o não curasse então... e deu d'hombros.

Subiu cedo para o quarto, deitou-se vestido, mas evitou dormir com medo de perder o trem. Corria diante das horas, viajando em espirito, revendo a cidade: ruas, caminhos, casas, a igreja, estradas entre mattos, fazendas. Fumava cigarros sobre cigarros. Estendeu-se a fio comprido na cama, mas logo o somno pescu-lhe nas palpebras, chumbando-as. Reagiu com medo e poz-se a andar no quarto, para distrahir-se. Bebeu um gole d'agua, banhou o rosto. Por fim abriu o postigo e cravou os olhos no ceu que começava a tingir-se em côres d'alva.

O horisonte zebrava-se de estrias rubras que, pouco a pouco, accendiam-ce como barras que

encandecessem em fórja. O mar relumava quieto e liso, espelhante, em varios pontos imbricado de piscas como o dorso de um monstro de escamas de ouro adormecido á tona. Vultos enormes de couraçados tisnavam as aguas lucidas e no fundo, além, o perfil da serra, de um roxo ennevoado, confundia-se com o ceu como applicação macia de velludo em sêda. Aves voavam alto, em circulo; outras, mais baixo, lentas, inflectiam em rumo ao largo, abrindo e fechando a cauda bifida como se cortassem o ar com uma tesoura.

Clareava. Villegaignon, com os flexiveis coqueiros meneando languidos, parecia surgir da espuma que a cercava, airosa. Uma falúa de lenha singrava em manso vagar, panno aberto, em bojo. Na praia, em frente, quasi por baixo do postigo, andavam homens em mangas de camisa, com palamentas de barcos. Um galgava a rampa, cantando, com um leme ao hombro; outros estendiam redes, tarrafas ou batiam cestos.

Banhistas desciam correndo em direitura ao mar, que esfrolava nas pedras, insinuando-se, fervidamente, em espumarada pelos vãos da costa. Nadadores afastavam-se a braçadas, perdiam-se na distancia e, á beira da praia, na agua faiscante, appareciam, boiando, cabecinhas inquietas; e eram risos, gritos de susto; um ali rebolcando, outro a debater-se chapejando a onda esbaforidamente, aos bufidos, borrifando bochechos d'agua.

O ceu inflammava-se. A serrania longinqua,

com os redentes accesos, como se ardessem, ia-se toda dourando. O mar rebrilhava em lampejos metallicos. Um viso, além, fulgurou, accendeu-se vulvanico todo em ouro vivo e enorme, rutilo, o sol surgiu vibrante, diffundindo a luz aurea por ceus, terras e mares. Pairou uma religiosa serenidade. Um silvo cortou o silencio, outro. Tiniu um sino, soaram cornetas ao longe. Thadeu ficou em extase, enlevado na magnificencia esplendida. Mas a voz do patrão bradou por elle alarmada. Estremeceu e, lesto, puxando o bahusinho pela argola, foi levando-o de rasto, quasi a correr.

— Está ahi o tilbury, homem. Avia-te, que não ha tempo a perder. Estás quasi na hora. Despediram-se ás pressas, num aperto de mão. Vai, vai! E trata-te, vê lá isso. E se voltares... cá estamos.

Dois alentados rapagões, em trajo de banho, entraram ruidosamente, rindo ás gargalhadas. Um delles, alto, moreno, de musculos athleticos, plantou-se diante de Thadeu, exclamando:

— Bravo! Que luxo, *linguiça*. Onde vais nesse trinque? Ah! é a viagem.

Thadeu sorriu, acenando de cabeça: «Que sim...» E abalou pressuroso.

Na rua foi um trabalho para suspender o bahú, cujo peso o fazia arquejar dobrado em esforço.

O moreno bradou: — O' punga!

Dum salto, poz-se-lhe ao lado, afastando-o

com um tranco, a troçar-lhe a tibieza e, agil, levantando o bahusinho a pulso, encafuou-o, fel-o correr, como uma gaveta, sobre o pollego surrado do tilbury e, atirando rija palmada ás costas de Thadeu, quasi o fez trambolhar em cima do cocheiro.

— Boa viagem, hein! Pásta e volta! E o tilbury partiu.

# TERCEIRA PARTE

# I

Vassouras! annunciou o chefe de trem, mal o comboio moveu-se, deixando a estação da Barra. Thadeu debruçou-se á janella, com ancia de rever os campos tantas vezes percorridos, os montes e o magestoso Parahyba, d'aguas barrentas, todo semeado de ilhas e de rochas, orlado pela végétação exuberante, onde as capivaras, ao nascer da lua, grunhem.

Conhecia aquillo tudo a palmo. O rio, quantas e quantas vezes o atravessara a nado ou em ligeiras pirogas de pescadores. Ali, a casa de uma fazenda; mais em baixo, uma palhoça. De vez em quando, baixando a cabeça, d'olhos fechados, concentrava-se evocando scenas de out'ora, sitios familiares, ranchinhos, trilhas que percorrera, arroios em que se banhara.

Faltava alguma coisa naquelles campos... Abria os olhos, punha-os a fito na paisagem, via-a fugir, perder-se. E o comboio avançava colleante.

Terreiro murado de fazenda, a casa ao fundo; a capella. Adiante o pasto coalhado de bois e, pequenino, devastado, em matto, o cemiterio com um mausoleu de marmore denegrido.

Quando a locomòtiva apitava o coração batia-lhe precípite e uma ansia opprimia-o como se se lhe sustasse o folego.

Á beira da estrada uma casinha de turma. Ipyranga!

Não tardava Vassouras, era a primeira estação. E o comboio diminuia a marcha. Boi na linha, de certo. Inclinava-se para olhar, mas a poeira era muita.

Numa volta viu a locomotiva — ia rapida, com o puxavante aos impulsos celeres. Passageiros levantavam-se reunindo a bagagem de mão, sacudindo a roupa. Por vezes, á margem da linha, atroava alegre vozerio. Thadeu olhava e via ainda mulheres e crianças que acenavam adeuses, logo desapparecendo na volta do caminho.

Outro cemiterio, em ruinas como o primeiro. Esse, entretanto, quando elle partira, era florido e lindo, ajardinado. Os tumulos, quasi todos de escravos, eram como canteiros. Outro silvo. Seria Vassouras? Ainda não. E espantava-se das mudanças que ia encontrando: aqui, ruinas; além construcções, lavouras novas.

Grande telheiro quasi á margem da estrada: ao fundo, a casa; gente a acenar. *As Cruzes,* fazenda antiga e riquissima. Estava perto... d'ali á estação era meia hora a cavallo, em caminhos revessos. Pela estrada era um instante. Pomar. A casa entre os laranjaes; no monte, além, os cafezaes a eito. Novo silvo. Agora sim: era Vassouras.

E o comboio foi diminuindo a marcha. Gente sahia para a platafórma dos carros, mulheres garrulas despediam-se, homens arrastavam latas, apressando-se, sacudindo-se. Finalmente a estação. Thadeu tinha os olhos humidos e o coração ia-se-lhe apertando, confrangido e medroso, como se presagiasse maguas. E o comboio ralentava.

Crianças corriam para os vagons offerecendo frutas, pedindo as malas; estendiam os braços. seguiam a marcha lenta dos carros agarradas ás janellas. Uma mulata velha, sentada no banco da estação ao lado de uma bandeja de café, olhava os passagiros com dscorçoada tristeza. Thadeu, reconhecendo-a, poz-se a chamal-a:

— Sá Emerenciana!... Sá Emerenciana!

A mulata mirou-o muito e voltou o rosto. Elle, porém, logo que desceu á platafórma, como o comboio começasse a caminhar, dirigiu-se á velha tomando uma das chicaras na bandeja:

— Então, já não me conhece?

— Quem é o senhor? indagou a mulata mírando-o muito.

— Ah! não me conhece mais!... Thadeu, filho de Manuel Fogaça, do Madruga.

— Seu Manuul!? Ah! exclamou a velha de repente, pousando a bandeja no banco. Seu Manucl. É verdade! O que morreu debaixo do carro? Mas o senhor... É você mesmo...? Como é? Como é seu nome...?

— Thadeu.

— Isso mesmo! exclamou espalmando as mãos nos quadris. Mas como você mudou, homem de Deus! e, sem transição: Você não era soldado?

— Era.

E de repente: Como vai mamãi?

— Sua mãi? Nhá Maria Augusta? Anda lá...

— E minha irman...?

— Que é que tem?

— Onde está? Como vai?

— Está em Vassouras, mas fóra da cidade.

— Não está com mamãi?

A velha mirou-o muito tempo e, ingenua, sem notar a angustia que se reflectia nos olhos de Thadeu, sorriu:

— Então não sabe...?

— Não, não sei.

Encararam-se. Nesse instante, porém, a pequena locomotiva da *Vassourense* solavancou e Thadeu teve apenas tempo de precipitar-se no vagon, mas agarrado ao balaustre ainda inquiria, interrogava ansioso:

— Mas que é? que é? Diga...

— Não, você vai para lá. Não sei, não... Adeus!

O trem seguia aos trancos, bufando. Thadeu, encolhido, nem sequer voltava os olhos para vêr as casas conhecidas da estação. Ia preoccupado com as palavras da velha: «Então não sabe...?» e o seu malicioso sorriso, e os escrupulos em dizer a verdade. Luiza, longe da mãi... a expressão «anda lá!» com que se referia á Maria Augusta... Que teria acontecido?

Ao pagar a passagem olhou o conductor, a vêr se era o antigo, o Gomes. Não, era um rapazola moreno, vesgo. Não conhecia um só dos passageiros, tudo gente estranha, como de outra terra. Concentrou-se indifferente á paisagem, com o pensamento num turbilhão em que se misturavam venturas e desgraças imaginarias.

Que teria acontecido? Como explicar o apartamento de Maria Augusta e Luiza? Porque? Talvez a irman se houvesse casado, tinha tantos pretendentes, tantos que a namoravam... e a mãi, com aquelle genio exquisito... Mas então porque não lh'o dissera a velha, refolhando-se em tantas reservas?

Uma curva, o apito da locomotiva annunciando a chegada, muros de quintaes, a torre da matriz, o casario... Emfim...!

## II

Ao descer na estação, onde amorrinhavam vadios em calaçaria perrengue, um menino abordou-o esbaforido indagando — se «queria hotel?» e inculcou-lhe um ali perto, apontando, a coisa de vinte passos, um macisso de verdura quasi de todo encobrindo uma casa achaparrada no fundo de viçoso jardim, de onde subia um mastro com uma bandeirola que girava á laia de catavento.

Lésto, sem esperar resposta, o menino arrastou o bahú, pedindo a Thadeu que o ajudasse a pôl-o á cabeça e partiu logo, meio curvado, a trote curto, arquejando ao peso.

O hotel, á sombra de espessa latada, era uma alegre locanda italiana, cheia de gaiolas chilreantes. Deram a Thadeu um quarto amplo com ja-

nella sobre o jardim. Elle pediu café, tomou-o ás pressas e sahiu.

A cidade pareceu-lhe mais branca, como renovada. Ao fundo, no alto da collina alcatifada de relva, solitario como um castello antigo, impunha-se, soberbo, o palacio do barão do Amparo. As ruas estiravam-se muito limpas, em declive, quasi ermas.

Um pequenóte passou por elle assobiando, com uma samburá de legumes á cabeça. Parecia-se tanto com Damião... Não! Não podia ser, o outro devia estar quasi homem.

Andava com os olhos de um para outro lado, nas casas, nos raros transeuntes, detendo-os nos animaes que passavam, como se os reconhecesse. Voltou-se ouvindo o cocoricó de um gallo.

Sorvia a haustos o cheiro da terra. Tinha impetos de entrar nos negocios para rever conhecidos, camaradas do antigo tempo, mas a saudade da familia recrudecia-lhe no coração como se aggrava a sêde na proximidade d'agua.

Não! Primeiro a mãi! Queria causar-lhe surpreza, surgir-lhe em casa, atirar-se-lhe aos braços, beijal-a, e se alguem o reconhecesse espalharia logo a noticia da sua chegada. Não! Primeiro ella e Luiza...

Mas caminhando não se continha que não parasse aqui, ali: diante de um cercado, em frente de uma casa, á esquina de uma rua, olhando enlevadamente, triste. Era por ali que costumava

descer, morosamente, chiando, o carro do pai atochado de lenha. Além, a picada tantas vezes percorrida de manhan e á tarde, no tempo da meninice. Viviam ainda as boas arvores antigas e os espinheiros cobertos de flôres nevadas orlavam a estrada secca e risonha. Cães passavam em corridas amotinadas, ladrando, rebolavam na herva, espojavam-se. Lembrou-se do *Turco*...

Que seria feito d'elle? Tropas desciam tilintando e a cantilena dos tropeiros despertava-lhe recordações. Noites ao luar nos terreiros das fazendas, ouvindo o burundun dos caxambús, o jongo monotono dos escravos, os descantes amorosos, ao som das violas, nos frios mezes das festas, emquanto a garôa pulverisava as arvores, os caborés piavam agourentos nos topes dos velhos troncos e os sapos nos açudes tintangalhavam.

Iam, pouco a poucó, reapparecendo as scenas do passado.

Além era o caminho da Lagôa, onde vivera dias alegres, emquanto o pai, contratado, abatia as mattas da visinhança. Revia toda a fazenda com a sua entrada florída de allamandas — as senzalas em baixo; a casa num alto, ao fundo do jardim, sempre franca, e, na varanda, dois terriveis cães, *Atrevido* e *Montezuma,* guardando a entrada.

Revia maravilhosamente. Era a volta á mocidade, viagem rapida, fantastica, atravez do

passado. E tão abstrahido caminhava que foi preciso que um carreiro, que vinha trepado entre os fueiros do carro, lhe bradasse de longe: — Eh! moço! Desviou-se, e os bois passaram a trote pesado e sacudido, arrastando o carro com a coberta de esteira, debaixo da qual viajava uma familia negra.

Deteve-se devassando o interior do vehiculo onde aquella gente accomodava-se como em tenda. Uma das mulheres ia amamentando o filho; ao lado, encolhida, com a cabeça coberta por um lenço enrolado á maneira de turbante, uma negra engelhada chupava o cachimbo de taquara.

A vida errante...

Sahindo de um centro tumultuoso, sentia-se bem na tranquillidade da sua terra. Era a mesma, guardando os mesmos costumes, simples, patriarchal, modesta, bem com as suas arvores, enfeitando-se apenas com suas flôres e satisfazendo-se com o lento rumor das aguas e com o canto lyrico dos passaros. Reconhecia-a: não se havia modificado, recebia-o com a mesma feição immutavel e serena. A gente apenas parecia outra.

Esses velhinhos que o saudavam seriam os homens do seu tempo...? Oh! como os annos lhes haviam pisado as faces...! E esses robustos moços alegres, ageis, afanosos, seriam as crianças que elle havia deixado galgando montes, devastando ninhos? Nem uma só physionomia das antigas. Ah! sim, aquelle velho negro vagaroso,

com uma bandeja pousada na palma da mão, o doceiro, esse vira-o pequeno. E não conteve um sorriso lembrando-se de certa partida que lhe pregara, furtando-lhe duas tigellinhas de geléa. E parecia estar a vêl-o, indignado, praguejando, a ameaçar a garotada com um bambú.

Uma badalada vibrou — o sino da terra. Era uma saudação, como se a igreja o tivesse reconhecido, apezar de mudado como estava, e o abençoasse do alto.

Parou commovido em meio da estrada, e, descobrindo-se, fez o signal da cruz.

Andorinhas cruzavam-se no ar trissando e um balido de ovelha, gemente e saudoso, sahia, de espaço a espaço, dentre as moitas, por traz de uma cerca de horta. O sol aquecia e o sino continuava a dobrar a espaços.

A casa de Nazario era ali perto. Parecia-lhe já distinguir, por entre as ramas, o telhado da ferraria, negro, como de ferrugem, sempre rumurosamente rodeado de pombos.

Áquella hora estava o velho, de certo, a malhar á bigorna e Damião ao folle da forja fazendo rugir assanhadamente a chamma rubra. E sorria antegozando a estupefacção dos dois quando o vissem.

Occorreu-lhe, então, fazer como nas historias que ouvira na infancia: Entrar acabrunhado, dizendo-se peregrino, pedir agua e comida, um canto para descançar a cabeça, até que um d'elles, re-

conhecendo-o, lhe cahisse nos braços, com alvoroço commovido.

Passara a amendoeira; mais alguns passos e veria, com o mesmo olhar, a casa paterna e a tenda querida do ferrador amigo.

Encheu-se de animo, açodando os passos. Tanto, porém, que entrou na estrada larga estacou subito, relanceando aturdidamente o olhar em volta, como duvidoso do que via. Estaria enganado? Não! Era aquella a estrada do Madruga... E a ferraria? Ali só havia ruinas, muros esburacados, pedras soltas, matto. Mas lá estava, sobre uma ferradura mal pintada, em letras quasi extinctas, o annuncio:

«*Ferreiro e serralheiro. Ferram-se animaes.*»

Esteve algum tempo olhando a velha casa, cuja porta, como se houvesse sido arrombada, mettida dentro, tombara, mantida apenas por um dos gonzos, desconjuntado.

Despegado da parede um dos alisares pendia abrindo vão que as folhas damninhas atufavam. A soleira, coberta de beldroegas, com tortulhos nas fendas, esfarellava-se, podre. Telhas inclinavam-se sobre a calha desbeiçada e tudo, em volta, denunciava abandono.

E era aquillo a ferraria de outr'ora, o seu refugio nas horas tristes, o lar de consolo e de amizade.

E Nazario? Que seria feito d'elle? Lembrou-lhe, então, que o ferrador, em horas de desanimo,

queixando-se do pouco que ali fazia, mais de uma vez manifestara-lhe intenção de mudar-se para a Barra. Sempre era outra coisa — centro mais activo, mais rico, cercado de fazendas. Talvez tivesse realisado o seu desejo.

Afastou-se com pena, ainda voltando-se, entristecidamente, para olhar as ruinas.

Ao chegar diante da casa paterna a sua surpreza subiu de ponto. Era outra, toda reformada, com a varanda mais larga, cheia de parasitas, o jardim saibrado, canteiros, alegretes, vasos de plantas e dois cães de porcelana de guarda á principal alameda.

Mas o que mais o deslumbrou foi um pombal, em forma de kiosque, junto á sebe de acalyphas. Pombos arrulhavam no beiral, outros voavam em volta ou abalavam, com estalos d'azas, desapparecendo no bambual.

Ia empurrar o portão de ferro, novo, mas deteve-se com receio de algum cão que por ali estivesse e investisse. Bateu e logo se lhe alvoroçou o coração, aguçaram-se-lhe mais os olhos fitos na varanda á espera de uma das criaturas que viviam, em imagem, na sua enorme saudade: Maria Augusta e Luiza.

Mas foi uma negrinha que appareceu á varanda, olhando-o de longe, buscando reconhecel-o. Por fim desceu, atravessou lentamente o jardim, até o portão, encarando-o interrogativamente.

— D. Maria Augusta Fogaça...?

— Quem? Elle repetiu o nome. E a negrinha, acenando de cabeça, disse:

— Não é aqui, não.

— Como?! A dona da casa...?

A negrinha hesitou, mirando-o; por fim, resolutamente:

— Olhe, o senhor espere. Eu vou falar lá dentro. E foi-se a correr.

No breve tempo que elle ali esteve, ao sol, deu-se uma maravilhosa transfiguração sob o prestigio evocador da saudade — a casa volveu ao que era dantes; no jardim reviçaram as plantas do outro tempo, tornando tudo ao primitivo aspecto e figuras surgiram aqui, ali em attitudes que a memoria fixara. E elle reconheceu-as commovido — tristes espectros! — o velho pai, em mangas de camisa e tamancos, detorando galhos seccos com o podão, a mãi, lá ao fundo, perto do tamarindeiro, onde havia uma tina com bicame, com o avental concavo de milho, entre as gallinhas que a cercavam ávidas; Luiza debruçada á varanda; e, lá em baixo, perto das pitangueiras, o seu canto favorito, elle proprio, a brincar com o *Turco* que rebolava na herva. Dias felizes!

Mas a visão saudosa dissipou-se instantanea, a realidade retomou o seu dominio e elle viu á varanda uma senhora gorda, com uma criança que se lhe agarrava á saia.

— Entre! disse em tom imperativo. Elle atravessou o jardim, direito á escada da varanda, de

chapeu na mão. A senhora olhava-o com severidade.

— D. Maria Augusta Fogaça...?

— Quem?! Maria Fogaça...?

— Sim, senhora. A proprietaria...

— A proprietaria sou eu! declarou a senhora com soberbo entono. Thadeu encarou-a espantado e, timidamente, perguntou:

— Mas esta casa não pertence a...?

— Esta casa é minha! atalhou a senhora. O senhor procura, talvez, a mulher que a vendeu, a viuva...?

— Sim, senhora...

— Ah! essa, segundo ouço dizer, vive lá para os lados do *Fura-olho*. E considerava-o altivamente, examinando-o dos pés á cabeça. Thadeu ainda hesitou. Por fim, tartamudeando desculpas, agradeceu e retirou-se.

Fóra, não conteve as lagrimas. Seria possivel que sua mãi tivesse tido coragem de desfazer-se d'aquella casa, cheia de tradições, testemunha das venturas e dos soffrimentos da familia, unico legado do morto?! Seria possivel...? E pensava caminhando.

Restavam-lhe apenas as saudades — o ninho domestico invadido por estranhos, a ferraria arruinada, nem um amigo; todo o passado extincto. E como achar os seus, se nem ao menos o endereço conhecia? Elle, com certeza, conservava-se no mesmo lugar em que o haviam deixado — o

morto. Esse devia lá estar no cemiterio, no seu tumulo, alimentando as rosas e os bogaris silvestres, esse não se arredara como os outros. Iria vêl-o.

Em caminho, porém, attentou em certa velha que vinha, estrada fóra, com uma trouxa á cabeça. Reconheceu-a promptamente: era a Euphrasia, que fôra cosinheira em casa, no tempo do pai. Chamou-a. A velha negra voltou-se e, vendo-o parado, estacou hesitante.

— Então, Euphrasia?...

A negra aproximou-se e, de repente, agachando-se, começou a balbuciar monosyllabos, espantada, meio risonha, olhando-o:

— É vosmecê, nhô Thadeu?

— Eu mesmo, Euphrasia.

— Vosmecê! Pôz-se a rir alvarmente: Ah! nhô Thadeu. Vejam só...! De onde vosmecê vem?

— Do Rio, Euphrasia. E tu, como vais?

— Como velha, nhô. Vosmecê vem de vez?

— Póde ser. E de improviso:

— Onde está mamãi, Euphrasia?

— Ah! nhô. Sinhá anda ahi... Tá morando no *Fura-olho*, mais Ludovina.

— Que Ludovina?

A negra fez um gesto rapido e sorriu maliciosamente:

— Uma que veiu do Desengano.

— E Luiza...?

— Essa anda lá para as bandas da *Lagôa*. E suspirou tristemente: Ah! nhô... mundo... mundo...!

## III

Thadeu, que desconfiara das palavras da velha, vagas, mysteriosas, como que dissimulando verdades tristes, quiz logo verifical-as e, ainda que se sentisse fatigado, poz-se a caminho, dirigindo-se pela indicação direito á rua Bonita, áquella hora deserta, ardendo ao sol. Ao alto rinchava morosamente um carro de bois empilhado de lenha e dois homens, conversando muito juntos, á sombra rala d'uma arvore, davam vida áquelle ermo de casas fechadas, que alvejavam ao soalheiro, quietas.

Uma voz apregoava ao longe em lamento e a espaços, como em rythmo, tiniam pancadas em ferro como gritos metallicos de araponga.

Passando diante da botica lançou para den-

tro o olhar curioso. Quantas vezes, no tempo do Serafim, entrara ali com receitas ou para comprar assucar-candi!

Um velho escarrapachado, braços descahidos. a cabeça pendida sobre o peito, cochilava no banco, com um jornal sobre as coxas gordas, a ponta do cigarro pendurada dos beiços e, de costas á grade, voltada para a rua, uma mulher pallida, de grandes olhos tristes, com uma criança rachitica nos braços, esperava paciente.

Olhou-a bem e teve um sobresalto. O coração bateu-lhe forte, sofrego. Passou. A alguns passos, porém, deteve-se em duvida, pensando. Tirou um cigarro do bolso, accendeu-o, com o olhar no ceu, que reverberava, cálido.

Teve um gesto vivo de resolução e voltou atraz parando diante do mostrador accumulado de frascos, caixas, bocaes sortidos, apparelhos de hygiene, rolos de tubos de borracha. Olhava sem vêr, preoccupado com a mulher. Adiantou-se até á porta.

Ella lá estava, immovel, á espera.

De moreno pallido, magra, com os ossos estalando a pelle, os olhos cavados, agasalhada num chale de ramagens, que mais lhe definhava o busto, apezar da devastação precoce, conservava restos de belleza e viço de mocidade. E como lembrava Luiza! Olhava-a a fito, examinando-a.

A' mulher attendia á criança que esperneava frenetica agatanhando-lhe o collo. De repente,

levantou a cabeça e deu com os olhos no homem que a contemplava. Franziu a fronte contrariada e, vivamente, em rabanada de amúo, deu-lhe as costas. Thadeu, para experimentar, disse-lhe baixinho o nome: «Luiza!»

A mulher voltou-se de sopetão, encarou-o a fito, e, caminhando até a porta, d'olhos muito abertos, com o rosto em sorriso, exclamou expansiva:

— Gente! É você...! Elle sorriu, olhando-a em exame piedoso, desde a cabeça, mal penteada, até os pés calçados em botinas rotas, cambadas e cobertas de pó. Não ousou palavra. A criança choramingava agitada, debatendo-se.

— Quem podia imaginar! Você... E notava-lhe a magreza livida, o acabrunhamento. Você tem estado doente? Elle affirmou de cabeça e, baixinho, para não vexal-a, exclamou:

— Mas que é isto, Luiza? Você assim... Ella encolheu os hombros. O velho aprumou-se no banco, passou a mão pelos olhos, pigarreou atirando uma cusparada á rua e dirigiu-se a Luiza, perguntando: «Se já a haviam despachado?»

— Ainda não, seu Chico. Demora um bocado. O velho passou a grade e ficou ao balcão remexendo receitas, sempre a pigarrear, a tossir grosso.

— Vamos sahir, segredou Luiza. E encaminharam-se para a travessa, quasi em frente, por traz da Cadeia.

Seguiam lado a lado quando Luiza perguntou de olhos no chão:

— Você ainda é soldado, Thadeu?

— Não. Dei baixa por doente. Tenho passado mal.

— Você esteve fóra muito tempo...

— Estive... E você, Luiza? E mamãi? Baixando ainda mais a voz, apezar de não haver viv'alma na rua, insistiu na pergunta: Mas como foi isso, Luiza?

— Ora!

— Você está casada? Ella não respondeu. Estás vivendo com mamãi? A irman encarou-o, como se houvesse sido insultada:

— Com mamãi!? Eu! Deus me livre! Pararam. Mamãi...! Se eu cheguei ao que cheguei foi por causa della. Deus não me castigue, mas mamãi...! Eu não quero falar. Você ha-de saber. Se me perdi, Thadeu, foi por não poder mais. Vivia num inferno. Comi brasas! Nem sei! Emfim... Estou no meu canto. Se tenho, tenho, senão... Vivo perto da *Lagôa*, com um moço.

— Conhecido?

— Não, você não conhece. Não é do teu tempo. Veiu do Paty.

— Que é elle?

— Pintor, mas não trabalha mais porque as tintas estavam-lhe fazendo mal. É fraco, tem uma tosse de peito. Vivemos num ranchinho.

— E é bom?

— Coitado! faz o que póde. Não tenho razão de queixa.

— E mamãi, Luiza?

— Não sei, nem quero saber. Atirou a cabeça em gesto de desprezo: Vive por ahi, com um, com outro...

— Como! exclamou o ex-soldado, de mãos postas. Mamãi!?

— Mamãi, sim! Que é que você pensa? Foi logo que você foi-se embora, uns dias depois. Uma vergonha! O primeiro foi seu Carrilho, depois...

— Seu Carrilho correeiro?

— Sim. E, naturalmente: Agora, com elle ella já andava em vida de papai. Quanta vez...!

— Quê! Em vida de papai!?

— Sim, senhor. Eu sabia de muita coisa! Quantas vezes fui achar os dois conversando... Quantas...! Papai é porque era bom de mais. Thadeu baixou a cabeça, esteve um momento immovel. Por fim perguntou num fio de voz:

— E Nazario?

— Anda por ahi, coitado. E ajuntou friamente: Damião é que morreu!

— Damião!? de que?

— Morreu em Mendes, questão de mulher. Mataram-no. Foi castigo... Uma semana depois de ter fugido d'aqui levando quasi tudo que o pai possuia. Teve uma rixa com um italiano que o coseu a facadas nas obras em que trabalhavam.

— E Nazario? Que faz?

— Anda por ahi, trabalha nas fazendas, hoje numa, amanhan noutra. Não é o mesmo. Está bebendo que faz pena. Traçou o chale que lhe escorria dos hombros magros: Você já viu mamãi?

— Ainda não. Vou vêl-a agora. Está no *Fura-olho,* não é?

— É. Mas eu duvido que ella te receba. Você não imagina o que ella está! E accrescentou baixinho e rancorosamente: Volta e meia é presa. Bebe, e quando está assim é a boca mais suja deste mundo. Se eu te contasse tudo! Eu deixo, muita vez, de vir á cidade só para não me encontrar com ella. Tenho vergonha. Quando está tomada, ainda bem, passa, não me conhece, mas se está boa abre a cancella em cima de mim que é um horror!

— E você não tem pena, Luiza?

— Pena?! Pena de que? Pena de quem tira dos cachorros para botar em cima de mim? Pena eu tenho de mim, que ando aqui sabe Deus como!

— Que tristeza, meu Deus! exclamou Thadeu num suspiro. Quanta coisa! Papai... tão bom, coitado! Encostou-se á parede, inclinando a cabeça sobre o braço, a soluçar. A criança rezingava e Luiza, deitando-a no braço, desabotoou o corpinho fazendo saltar o peito branco, redondo, apojado.

Uma praça de policia appareceu na travessa em intimidade com uma mulata. Luiza chamou o irmão:

— Thadeu! Elle limpou os olhos, ás pressas, e virando as costas ao casal amoroso, repetiu no tremor de um soluço:

— Tão bom! Luiza, para disfarçar, perguntou:

— Você chegou hoje?

— Hoje.

— E vens de vez ou a passeio?

— Sei lá! Ficar aqui fazendo o que? Nem casa, nem familia... e toda essa gente que nos conheceu a rir de mim... Sei lá! Deu dois passos na calçada e, de repente: A tua casa é antes ou depois da *Jangada?*

— Muito p'ra cá. É logo depois da *Estiva,* uma casinha amarella, com uma mangueira no terreiro em frente.

— E eu posso ir lá?

— Ora essa! Porque não? A casa é pequena, casa de pobre, mas... você póde ir.

— Elle não se aborrecerá?

— Aborrecer, porque, gente? Você não é meu irmão? Só então elle attentou na criança que mamava a goles lentos, d'olhos cerrados, quasi a dormir.

— Menino ou menina?

— Menino. Anda doentinho, sempre com febre. Nasceu forte que fazia gosto. Creio que é dos dentes. Tossiu, uma tossesinha frusta, e disse, com sorriso pallido:

— Está vendo? Chegou a minha vez. Á noite,

tusso de rebentar. E já escarrei sangue, como você dantes. Encarou-o: E é verdade: Você ficou bom d'aquillo? Elle abotoou os beiços, em momo. E Luiza continuou: Trabalhos! Se eu não fizer pela vida não sei! Agora é que eu sinto a falta de papai! Aquelle sim, coitado! Calados, com os olhos no ceu, ficaram os dois no surto da mesma saudade, recordando o doce tempo em que viviam á sombra do homem forte e meigo que lhes achanava o caminho por onde seguiam brincando, sem tropeçar no mais pequeno seixo.

— Bem, declarou Luiza, em subita resolução: vou vêr o remedio e tocar por ahi que são horas. Adeus. E estendeu a mão por baixo do chale, com o braço encolhido para amparar o pequeno, que dormia.

Thadeu abraçou-a de leve.

— Então você já sabe. E olha, recommendou, se você estiver com mamãi não fale em meu nome. Não quero historias commigo. Viva cada um para seu lado. Ella fala de mim: que sou isto e aquillo, que faço e aconteço. Melhor! E adeus! Encarou-o:

— E você já tem casa?

— Ainda não. Com certeza fico com mamãi.

— Com quem!? exclamou Luiza, como escandalisada. Com mamãi!? Deu um muchôcho, estalando um risinho de escarneo. Pois sim! E bambaleou nos quadris: Você ha-de vêr. E, já caminhando, em andar amollentado: Deus per-

mitta que eu me engane... Mas qual! Emfim... Da esquina voltou-se risonha, acenando de leve ao irmão. E desappareceu.

Immovel, d'olhar fito, Thadeu pasmava da indifferença d'aquella criatura. Era a mesma. Nem o soffrimento conseguira dobral-a: era o mesmo coração empedernido, a mesma alma insensivel, mais amarga, talvez. Notara a reserva com que o acolhera, arisca, com medo, sem duvida, de que elle se lhe fosse metter em casa, comer do seu pão, tomar um pouco do sol, pedir-lhe uma sêde d'agua.

Arfou em hausto, como a encher-se de força para resistir, e caminhou vagaroso, de cabeça baixa, olhando a sua sombra alongada nas pedras que fulguravam.

Era um dia quente, caustico, de sol duro. Passavam cães esfalfados, correndo rente aos muros e o silencio, na claridade intensa e tórpida, impressionava como o das vigilias funéreas. Thadeu ardia em sêde. Pensou em entrar em uma d'aquellas vendas, pedir agua ou tomar um refresco, mas o receio de ser reconhecido pelos madraços, que passavam os dias na calaçaria de conversa e *pinga*, sentados nas saccas, escarranchados nos caixotes ou encostados ao balcão, commentando a vida da cidade, fêl-o desistir. Seguiu.

Os seus passos soavam na calçada como martelladas. Aqui, além vulto ligeiro atravessava a rua; de longe em longe appareciam cabeças á ja-

nella, logo recolhendo-se afogueadas. A luz vivida offuscava e acima dos telhados o ar vibrava em faiscações de pó de vidro.

Á porta de um funileiro as amostras irradiavam fulgores e, lá dentro, de pernas abertas num tambo, um homem, em mangas de camisa, pintava a tampa de um bahú de folha, a pincelladas molles que desabrochavam em rosas. Era o Justino, velho amigo do pai, parceiro de sólo, cujas gargalhadas atroavam, aos domingos, a casa do Madruga. Depois o barbeiro, seu Prates. Lá estava elle, repoltreado na cadeira de rodizio, a lêr o jornal, informando-se dos casos politicos para discutil-os com os freguezes. Logo adiante, a loja de Madama Thereza, com as novidades em exposição.

Na vitrina um manequim vestido de noiva espalhava a cauda sobre quinquilherias e caixas de essencia, vidros de oleos e sabonetes. Brinquedos oscillavam em cordeis por cima do balcão accumulado de peças de chita, pilhas de chapeus, caixas e cartões com fazendas bordadas, ennastradas de fitas.

Era ali que o pai costumava leval-o a compras, escolhendo vestidos para a mãi e a irman, enfeites; e, uma vez por outra, brinquedos para engambelal-o. Madama Thereza, de touca e oculos, sempre com presentinhos de nada: chromos de caixas de camisa, papeis de historias.

Pensou na Luciana, a filha da Madama, alta

e fina, loura, de um louro fosco como palha secca, olhos muito grandes, muito azues e serios, por vezes tão tristes que faziam pena. Lembrou-se do dia em que a viu na igreja quando, com toda a familia, acompanhou Luiza á primeira communhão, com as alumnas do collegio Patrocinio.

Tantas meninas, todas de branco, como um côro de anjos. Ella era a mais linda de todas e tão alva que o veu manchava-lhe o rosto, e tão meiga que, para ella sómente Nossa Senhora sorria. E quando o vigario offereceu-lhe a hostia os canticos vibraram mais alto, o som do orgão encheu de todo a igreja como em glorificação. Que bonito!

E elle viu-a surgir, pairar um instante e dissolver-se na luz... Teria morrido?! Madama sim, lá estava, sempre irrequieta, com a sua touca de linho, a abrir peças de fazendas, a remexer na caixa de bordados, trefega, borboleteando, rezingando com um moço de bigodes louros. E ella?

Parou á porta a pretexto de vêr um chapeu de palha, mas os olhos andavam-lhe lá por dentro afuroantes, procurando a cabecinha dos lindos cabellos de ouro.

Madama falou ao moço que deu volta ao balcão e Thadeu, receioso de que elle o viesse interrogar, seguiu. Vozes grazinavam alegres. Era na escola publica. Que alarido! Ali andara elle. Conhecia toda a casa, toda! Revia os mappas, os

quadros que ornavam as paredes, o armario dos livros, a talha no corredor. Bom tempo!

Sahia de casa cêdo, com a sacola dos livros e a merenda, ia encontrando collegas pelo caminho e brincavam. Quantas vezes, sacudido pelo Manduca, que morrera de febre, gazeara nos mattos, com a funda e pedras, atirando aos ninhos ou galgando muros de chacaras no tempo das jaboticabas!

E as correrias asustadas quando boliam com um velho italiano, vendedor de vidros, que se arreliava com certa alcunha, injuriando-os ou arriando o taboleiro em alguma porta para perseguil-os a pedradas tendo, certa vez, deixado por morto a um delles attingido na fronte por um caco de telha... Bom tempo!

Uma badalada vibrou cheia e grave no silencio. Meio dia!

Quantas recordações acordaram com aquelle dobre! Toda a sua vida de outr'ora affluiu á tona da memoria, fluctuou um momento, remergulhando mais triste. Ficou, porém, como ultimos destroços de naufragio, a lembrança do dia do desastre, com o doloroso alvoroço em casa, a entrada do ferido, os cuidados, a morte, a vigilia, o enterro... E o sino dobrava a espaços, lentamente.

Aquelle, ao menos, estava em repouso, era o unico que não soffria, adormecido, para o sempre, no seio da terra.

Ia passando pela venda onde servira como

caixeiro. Lembrou-se do patrão, o velho Seixas, rabujento e avaro, sempre a arrumar as garrafas, a mudar as caixas, a experimentar os tornos das pipas acanteiradas.

Vivia com uma negra que lhe fazia a cosinha e lavava a roupa. Não dava esmolas e, lá pelas tantas da noite, com uma candeia e um pau, sahia pé ante pé a correr a casa, a espionar os cantos do negocio, experimentando as gavetas, a vêr se estavam bem fechadas, examinando os ferrolhos das portas, bradando, ás vezes, a illusões: «Quem está ahi!?» Pobre velho! morrera dias antes da sua partida. A venda passara a outro. Quem seria?

Viu um baixote, de bigodeira, pendurando á porta um penca de abanos. Seria aquelle o novo dono? Não o conhecia.

Seguiu, mas a alguns passos deteve-se, como apresado, e occorreram-lhe as palavras de Luiza sobre a mãi. Não! Não era possivel!... Tudo aquillo era mentira, vingança. Luiza era assim: quando tinha queixa de alguem, mentia, inventava, calumniava. Quanto soffrera elle...! Não era possivel!

Chegara ao fim da rua Bonita. Tomou pela rua Formosa, a caminho do *Fura-olho*.

No largo, ao alto, ficava o cemiterio com os seus grandes cyprestes e casuarinas. Voltou-se e esteve a contemplal-o de longe, com melancolia. Mulheres subiam vagarosamente a rua ingreme

com grandes trouxas de roupa á cabeça e um cavalleiro, desembocando do caminho do *Morro da Vacca,* atirava o animal a trote pelas pedras com garbo, teso e airoso na sella, o chapéu desabado sobre os olhos para protegel-os contra o sol. Thadeu pôz-se a descer cauteloso, picando os passos, na herva secca, sobre a qual os pés escorregavam como em estendal de limo e alcançou o caminho, estreito como picada em floresta, entre mattos e barrocaes, seguindo até chegar ás primeiras casas: cinco ou seis casebres a eito, esboroados, entre moitas, num vallo fundo.

Diante de um dos mocambos, deitado de bruços na relva, um mulato bexigoso fumava, de cotovellos no chão, o queixo nas mãos. Saudou-o indagando: «Se sabia onde morava uma senhora chamada Maria Augusta?»

O mulato levantou a cabeça e, adernando de flanco, disse preguiçosamente:

— É aïi. A segunda casinha contando de lá. A que está com a porta aberta. Elle agradeceu, encaminhando-se pela indicação.

Ia apprehensivo, com o coração opprimido, respirando a custo, em canceira, com as palavras de Luiza martellando-lhe os ouvidos. A' porta estava effectivamente aberta e, lá dentro, uma cabrocha, em mangas de camisa, alta, escanifrada, giro-girava cantando em dengoso falsete, a arranjar quinquilherias em uma mesa.

Era, de certo, a Ludovina, a tal do Desenga-

no, companheira de sua mãi. Sentia-se-lhe nos modos livres, desmanchados, o traquejo dos contubernios, o habito inveterado de zangurriana e crápula. Typo sordido, repugnante de zabaneira surrada de vicios, putrida, d'olhos miudos, muito requebrados, como dois bebedos aos cambaleios. O peito bronzeo, ripado pelas costellas, á feição de persiana, tinha estygmas de sevicias e restos de escaras de ulceras. O carão escaveirado era largo, chato, com resaltos de prognathismo. Fronte curta, vincada, boca rasgada, de labios finos, seccos, crestados, com um talho cicatrisado, cabello refoufinhado, hispido como piassava.

Thadeu parou á porta descobrindo-se cerimonioso. A cabrocha voltou-se com ar de enfado, medindo-o d'alto, escarninha, e descahindo mollemente de ancas, sacudiu a cabeça em aceno interrogativo, cuspilhando d'esguelha:

— Que é?

— Dona Maria Augusta...? Não é aqui?

— É aqui, sim. Mas ella não está. O senhor quer alguma coisa?

— Desejava falar com ella.

— Ella sahiu. Acho que foi na venda. Se o senhor quizer esperar, entre, não faça cerimonia. E, num lance d'olhos, examinou-o da cabeça aos pés. Tem cadeira ahi, sente-se, fique á vontade. Ella não pode demorar. Mas accrescentou: É verdade que, ás vezes, quando acha prosa e góle péga de galho e fica o dia inteiro por ahi. Em-

fim... Sorriu, desdentada e babosa e, desnalgando-se em bambaleios de lesma, disse revirando os olhos: Com licença... E voltou aos arranjos.

Thadeu poz-se a olhar o interior escuro do tugurio que tresandava a arruda e mofo.

Sala estreita, chan, com a terra muito batida, reluzindo como encerada, aqui, ali recavada em concavos. O tecto, de telha van, com as vigas fuliginosas, como carbonisadas, estava colgado de floccos negros de picuman. As paredes esborcinadas, abertas em fisgas e luras, mostravam o barro secco e as ripas. Um feixe de hervas pendia d'um prego ao lado d'uma folhinha em chromo. A luz entrava por uma janella. Velha colcha de ramagens lufava encobrindo uma porta. Duas cadeiras de pau, caixotes e a mesa das bugigangas forrada por um panno de *crochet* encardido, com um despertador de nickel entre dois vasos de barro constituiam, por junto, toda a ornamentação. Um gato maltez, esgrouviado, foveiro ia e vinha, corcoveado miando, a esfregar-se pelos moveis voluptuosamente.

A cabrocha esgaravatou na parede tirando uma ponta de cigarro. Accendeu-a e, baforando, pozse a andar pela casa aos reboleios, cantarolando em resmungo. Debruçou-se á janella, a olhar, falou a alguem com muchôchos e risinhos e tornou, arrastando relaxadamente as chinellas. Por fim, lançando a um canto a ponta do cigarro, deu um

sacalão á saia, repuxando-a á cinta, e disse á Thadeu:

— Ella não pode demorar. Eu vou. Fique á sua vontade. Com licença. E foi-se, direita á colcha que fazia de reposteiro á porta, levantando-a diante de si, e desappareceu, lançando uma exclamação:

— Gente! Que coisa! Você não tem vergonha, não, rapaz? Isto é hora de dormir?! Levanta da cama!

Uma voz estremunhada rouquejou, seguindo-se-lhe largo bocejo, longamente guaiado e estalejos de cama. Riso de troça casquinou, em guincho, cessando subito e, depois de breve silencio, a cabrocha cantou no falsete dengoso:

Quando eu morrer não chores minha morte...

E a voz roufenha grunhiu enfesada, respondendo-lhe a cabrocha com rinchavelhada cynica.

Tiniu louça e logo estrugiu o espouco de garrafa desarrolhada.

Thadeu levantou-se vagarosamente e foi ficar á porta, encostado ao umbral, assobiando baixinho um dobrado do batalhão. Sentia a sêde mais árdega. Voltou-se para a porta do quarto com arrependimento de não haver pedido um cópo d'agua. Relanceou os olhos pela sala. Riam alegremente fóra: eram dois pequenos, em fraldas de camisa, brincando ás corridinhas, galgando a

barranca, descendo pelas rampas, rolando aos trambolhões na herva engalfinhados.

Mas um vulto appareceu na ladeira attrahindo-lhe logo o olhar. Era uma mulher magra, maltrapilha, com falripas grisalhas esfiapando-se-lhe pela testa, esvoaçando ao vento. Trazia um embrulho muito agarrado ao peito. Vinha em andar incerto, ás vezes lento, tacteando o piso, ou lançando-se d'arremesso como empurrada. Cambaleava, estendendo instinctivamente o braço, embrulhando na barra da saia os pés calçados em sapatorras de homem e detinha-se arvoada, com risinho idiota, oscillando em equilibrio para arremetter de novo.

Thadeu olhava a fito, attrahido por aquella figura esmolambada, desgrenhada que caramunhava e dançarilhava ao sol.

Os pequenos fugiram para o alto da barranca e, lá de cima, como entrincheirados, riam-se d'aquella miseria repugnante. Por fim bradaram uma injuria e correram desapparecendo no vassoural.

A bebeda estacou resmungando, ás murraçadas ao ar; descahiu á frente, em desequilibrio, e precipitou-se num declive indo d'encontro a uma arvore. Poz-se a mastigar, arrepanhando a saia rota e as pernas appareceram-lhe em gambitos amarellentos, como de marfim.

Thadeu espremia o olhar. Seria ella?! Arquejava sem ar, com o coração a martelar-lhe o pei-

to. Quiz sahir-lhe ao encontro, examinal-a bem de perto, rosto a rosto. Não! Era mais baixa que sua mãi... E aquelles cabellos brancos...! Hesitava quando ouviu a cabrocha, que chegara á janella, dizer revoltada:

— Está ahi ella. E commentou: Vejam só como aquillo vem... Diabo da gambá! Atirou uma cusparada á rua e, colleando com asco, reentrou no quarto.

## IV

Era ella!

Ao defrontar com a casa tropeçou e teria cahido se Thadeu não corresse prompto a ampara-la.

A misera debateu-se-lhe nos braços, aos arrancos, regougando e, em repellão mais vivo, safou-se, cahindo sentada na borda do caminho. Lentamente passou, repassou a mão esqueletica pela boca limpando a baba e quedou cabisbaixa, a tossir, cuspinhando lerda. Poz-se a coçar a cabeça ás gadanhadas, com o rosto engelhado em rictus de enfesamento e, agarrando-se ás hervas, levantou-se oscillante. Só então atinou com o homem que se conservava diante d'ella, de braços estendidos, acompanhando-lhe os movimentos.

E elle notava-lhe a devastação do rosto envé-

lhecido, sulcado de rugas, mascarrado de manchas como ecchymoses. Os perigalhos do pescoço badalhocavam em badanas, as faces eram muxibas flacidas, a boca, em chanfra, esmoía visguenta, os olhos fechavam-se-lhe entorpecidos. Thadeu falava-lhe baixinho, com piedosa meiguice, commiserado d'aquella decadencia e penuria. Pobresinha!

A desgraçada estropeava os passos, aos arrancos, descahindo-lhe pesadamente nos braços, sempre a resmungar frenetica, bufando, por vezes, por entre as gengivas roxas, espetadas de arnellas negras, golfos de riso idiota. Chegando ao limiar da casa deixou-se tombar amollecida, com a cabeça enterrada no peito amarello e ossudo, mal coberto de frangalhos, por entre os quaes appareciam restos esfiapados do crivo da camisa. A cabeça ia e vinha, em rythmo de pendulo e a baba, escorrendo-lhe dos cantos da boca, estirava-se-lhe em fio pendendo do queixo agudo. Thadeu contemplava-a commovido. Não se atrevia a dizer-lhe quem era, e para que? se a desgraçada mal abria os olhos.

Agachou-se e, tomando-lhe as mãos, poz-se a chamal-a, e, para despertar-lhe o coração, murmurou, por fim: Mamãi!

Ella engrolou enjoadamente, cuspiu, alheiada a tudo, gesticulando a esmo.

— Então a senhora não me conhece, mamãi? Thadeu...

A velha repelliu-o amuada e, fincando os cotovellos nos joelhos, encravou o queixo nas mãos, parando o olhar em fixidez idiota. Mas um dos braços resvalou subitamente e, desequilibrada, a misera pendeu sobre o filho, que a susteve:

— Espere, mamãi... Ella encarou-o aboquilhando os beiços, mediu-o d'alto, com desprezo e cuspiu, investindo com elle, desaforada:

— Mãi! mãi de quem, seu diabo? Sahe pr'a fóra. Mãe... E arrepanhando os molambos para compor o collo: Eu não gósto de lambanças commigo, sabe? Você pensa qu'eu bebi, não é? Pensa? Mãi... Vai perguntar á outra. Que é d'ella? está lá no seu bem bom, comendo, bebendo e botando barriga. Eu é que sei de mim! Não faltava mais nada... Mãi! Riu escarninho, cuspilhando. O outro foi-se embora. Quem sabe d'elle? morreu... Mãi de quem? E em frenesi que a fez tremer, que a sacudiu em vibração de raiva: Mãi de quem?! Vocês todos são bons. Porcaria! Vá s'embora, homem; vá seu caminho. Não bula com quem está quieto. Ora... muito bôa...!

Tentou levantar-se e abateu de novo, sentada.

— Bebida... É só o que vocês dizem. E se eu bebesse, que é que você tem com isso? É com o seu dinheiro? Vá-se embora. Elle estendeu-lhe os braços.

— Sahe d'ahi, homem! Eu não gosto de historias commigo, depois, depois... E monologando, a acenar de cabeça: Mas já viram...! Um diabo

que ninguem sabe quem é querendo tomar conta da gente. Ora não me faltava mais nada! Eu já fui bater na sua porta? Já lhe pedi alguma coisa? Que é que você tem commigo? Vá-s'embora!

E arrastou-se de gatinhas, até a soleira da porta, sempre resmungando. Sentou-se desenrolando o pirotó para torcel-o de novo... Mãi... E com ferocidade, encarando o filho, atirou-lhe, com affronta á sua propria maternidade, uma injuria vil.

Thadeu recuou diante da brutalidade como se um jorro de lama lhe houvesse golfado ao rosto, logo, porém, investindo, agarrou violentamente os pulsos de Maria Augusta sacudindo-a em assomo de indignação:

— Que é isto, mamãi! A senhora está doida?! Então isto se diz a mim, seu filho?! A senhora está doida!?

A bebeda rebatia-se, colleava indo com a boca de uma a outra das mãos que a prendiam, tentando mordel-as. Elle deixou-a, com respeito religioso, arrependido da rebentina sacrilega.

Foi então uma surriada torpe de obscenidades, e cuspalhadas de affronta, e ameaças.

Ao palavrorio desbragado com que Maria Augusta invectivava o filho acudiu de dentro a cabrocha escandalisada e, apparecendo á porta, ameaçadora, berrou, de mãos nos quadris, pimpona:

— Que é isto! Que *banzé* é este aqui? Você

não tem vergonha, seu diabo?! e, agarrando a bebeda por um braço, com o que lhe esfrangalhou a manga do casaco, levou-a de rasto para dentro, como uma trouxa, tornando á porta, atrevida, para dizer a Thadeu, que ficara estatelado, em hebetismo:

— E o senhor? Que é que quer? Pois o senhor não está vendo o estado da mulher? Ora já se viu! Uma agua suja assim na minha casa... Eu não quero isto aqui, sabe? Se o senhor quer falar volte quando ella estiver bôa. E, com visagem de nojo, dando de ancas, murmurou: Um homem moço, atraz d'uma corumba d'essas e, de mais a mais, fedendo a cachaça que não se póde...! E deu-lhe com a porta na cara.

Thadeu ainda ali esteve como arraigado ao sólo, ouvindo as descomposturas da cabrocha, que ameaçava Maria Augusta de a pôr na rua. «Fosse coser a mona onde quizesse. Se tinha homem, que se arranjasse. Bebedas não as queria ali!»

Thadeu atravessou lentamente o caminho, subiu á barranca. Lá de cima ainda voltou-se para olhar a casa; e seguiu. Ia indo, em atordoamento que lhe obscurecia a vista, quando ouviu falar: «Então? Não era lá?» E deu com o mulato que lhe indicara a casa, ainda refestelado na herva, fumando. Respondeu:

— Sim, senhor. Era lá mesmo. Obrigado.

Enveredou em trilha erma, cavada entre barrocaes entulhados de lixo, com raizes enormes es-

pigando da terra. Sentou-se num talude e, cabisbaixo, fumando, ficou a pensar.

A seus pés duas filas de formigas iam e vinham aforçuradas, carreando achegas; cigarras, nos ramos altos, chiavam em rangido perenne como de serras finas. Um cão passou desconfiado, olhou-o e deteve-se adiante num monturo. De repente, levantando a cabeça, latiu e foi-se como espantado, desapparecendo, sempre a ladrar.

Elle sacudiu penosamente a cabeça e lagrimas rolaram-lhe dos olhos na terra secca e poenta onde brincavam sombras leves. Poz-se a arrancar hervagens: tirava-as do chão duro, sacudia-lhes a terra das raizes e atirava-as longe. «Mamãi...! É verdade!» De repente, cruzando impetuosamente os braços, de cabeça a prumo, perguntou como se interpellasse as arvores: «Pois então mamãi...!?» Olhou em volta, no receio de que alguem o ouvisse, e continuou:

— Em tres annos acontecer tudo isso! Antes eu não tivesse sahido! Tão acabada! Deu d'hombros. Não podia comprehender tamanha catastrophe. Coitada! suspirou levantando-se. E foi-se devagarinho.

Todos os aspectos, que a esperança fazia risonhos, modificaram-se aos olhos de Thadeu: — o ceu, com o seu azul deslumbrante, tornou-se-lhe como de chumbo e severo; a terra, virente, pontilhada de boninas, fez-se, de improviso, lugubre; as arvores, até então airosas, todas lhe pareceram

languidas e definhadas, murchando como em morte lenta. A luz do sol era doentia, as sombras muito negras, como luctuosas. E o coração batia-lhe presago, adivinhando maiores desgraças. Sentia medo, como se fosse em noite erma por sitio mal assombrado.

Ao avistar vulto á janella, ainda que nem as feições lhe distinguisse, sentia-lhe o escarneo em disfarçado sorriso, o commentario irrisorio da degradação da sua casa, da miseria em que decahira a sua gente, dantes bemquista na cidade, com relações até nas principaes familias, visitando-as, recebendo-as, indo-lhes ás festas.

Quantas vezes acompanhara Luiza a bailes aqui, ali, até ao Collegio Alberto Brandão, e vira-a em grupos de moças, suas condiscipulas, do collegio Patrocinio, ou dançando com rapazes de nome, como o Alvarim Costa, filho do deputado. E agora?!

Homens que appareciam á porta de negocios se, por acaso, o olhavam indifferentes, logo lhe parecia que o estavam ridiculisando e disfarçava vexado, baixando a cabeça, puxando o chapeu á frente, atravessando a rua.

Ás vezes só para evitar encontrar-se frente a frente com alguem, que vinha na sua direcção, dobrava esquinas. E lá ia, torturado pela ignominia.

Pairava silencio cálido de sésta: uma ou outra voz no interior das casas, choro de crianças, sons amortecidos de piano ou, ao longe, dolente,

algum pregão de negocio. De quando em quando estalos d'azas, de pombos que inflectiam em vôo atravez da claridade ardente.

De subito uma gargalhada estrondou como affrontando-o. Levantou de golpe a cabeça e viu á porta de uma loja amostras de sellaria, pellegos, carneiras e meios de sóla, maletas, bolsas e, expostos em envidraçados armarios de mesa, jaezes que reluziam, chicotes de punho de prata, facas, carteiras, logo reconhecendo a casa onde fôra tanta vez a mandados do pai. Era a do Carrilho, que Luiza denunciara como o causador de toda a sua desventura, o primeiro que, ainda em vida do pai, introduzira a infamia no seu lar.

E lá estava elle, nada mudado, sempre de branco, com os grandes bigodes arrebitados, a rinchavelhar, saboreando anedoctas picarescas ou a contar façanhas com arremessos dos gadanhos cabelludos, impando o ventre boleado.

Lá estava elle, num grupo de typos aboleimados, dos taes que passam os dias em cavaqueiras salafrarias tisnando honras, cada qual mais viperino e torpe na diffamação, apostados em gabolices, denegrindo, ultrajando calumniosamente por vaidade canalha.

E a gargalhada que o surprendera, ainda que os homens, entretidos no fundo da loja, não o pudessem ter visto, logo lhe pareceu allusiva ao seu caso, á deshonra dos que arrastavam na lama o nome do que lá estava debaixo da terra.

Tudo, instantaneamente, esqueceu com a lembrança enternecida do morto. Pobre d'elle! Posto que o não pudesse vêr, sentia-o. Ainda era elle que o amparava, que o consolava. Toda a cidade estava cheia delle: as pedras guardavam-lhe os vestigios dos passos, havia ainda no ar o cheiro do seu suor, o rumor da sua voz, por vezes a sua sombra tingia nas pedras a claridade quente.

Voltou-se parecendo-lhe ouvir lento chiar de carro e estalejar moroso de patas de bois nas pedras.

Aquelle sim! Era só para a casa, para a sua gente que vivia, mourejando desde o escuro da madrugada até á noite, ao sol e á chuva, sempre alegre, querido de todos por seu genio franco e jovial; detendo-se á porta dos negocios, de prosa com um, com outro, beberricando aqui, contando um caso acolá, esmolèr, paternal com todas as crianças, até piedoso com os animaes. E todos o acolhiam com amizade.

Quanta vez vira o Dr. Lucindo estacar a bestinha para conversar com elle; o Dr. Zamith tratal-o de igual para igual, estendendo-lhe a mão, batendo-lhe no hombro; o vigario chamal-o, entrar com elle na sacristia...

E os que o procuravam em casa, muito intimos, principalmente em vesperas de eleições, porque elle dispunha de grupo seu, fiel e decidido, gente que votaria á bala se preciso fosse. Nesse tempo a casa do Madruga era feliz, havia far-

tura e honra, alegria e virtude. E, á noite, principalmente no inverno, com todas as janellas fechadas, os leitos promptos, altos de cobertores, era agradavel o serão na sala de jantar, antes do café com leite e biscoutos. Toda a familia reunida em volta da mesa, á luz da lampada belga, o *Turco* estirado junto do sofá, com o focinho entre as patas, a conversa sussurrada, ás vezes uma historia de principes e fadas contada pela Andreza. E lá fóra o vento a gemer nas arvores, a chuva a jorrar estrondosa ou cantos aviolados embalando docemente o silencio em noites de luar. Esses episodios rastilhavam-lhe em relampagos na mente, logo, porém, a realidade reapparecia negra, acabrunhadora, tragica como a escuridão da tormenta depois do afuzilar ephemero.

Quando deu por si estava na estrada do Madruga, onde já estivera de manhan.

Como seguira até ali? attracção da querencia: levara-o a saudade, instincto conservador, raiz da alma que, quanto mais o pensamento anseia pelo futuro mais se arreiga e aprofunda no passado.

Parou aturdido, ao sol; olhou em volta, orientando-se e reconheceu, á distancia, a velha mangueira da sua casa, frondosa, dominando todas as outras arvores com a sua copa immensa, verde escura, quasi negra. E ali, aquella ruina fuliginosa, como restos de um predio incendiado? Era o que restava da ferraria de Nazario.

O matto crescera livremente em volta, com

impeto de assalto, entaipando o pardieiro. Das paredes encarvoadas, fendidas d'alto abaixo, abertas em frestas e buraqueiras, expluiam hervagens, pendiam nastros e filamentos. O telhado era mattagal. Vendo uma vereda batida, entrou por ella indo ter ao fundo.

Tudo era ali maninho — o carrapateiro fechava em verde o terreno, a parietaria cobria densamente os muros. Trechos de terra negra ennodoavam o agreste. Farfalhando rispidos nas folhas lagartos esgueiravam-se ou entaliscavam-se nas paredes e, triste, lugubre, de espaço a espaço, uma rôla gemia na espessura brava.

Thadeu decidiu-se a entrar.

O sol, descendo pelas abertas do telhado, palhetava de ouro o chão lobrego. Lá estava a forja esboroada; a bigorna no cepo parecia ensanguentada de ferrugem. Uma esteira enrolada e trapos; a um canto uma lata de manteiga com restos de comida, uma garrafa com um côto de vela e velho paletó num prego, á parede, eram indicios de habitante. Esteve a olhar. De repente como que aquillo animou-se: o fogo brilhou, o malho tiniu, mas foi illusão instantanea, ficando apenas no silencio persistente zinir, como de insecto que se debatesse preso. Encostou-se ao cepo da bigorna e a zoeira insistia, cada vez mais rispida, irritante. Olhava aquelle chão de officina, aquellas paredes ennegrecidas de fumo, esfuracadas em gretas, abertas em rombo, com os tijollos deslocados,

bambos, descobrindo o embrechado das ripas quando, subito, se lhe afigurou introvertidamente a scena torpe do *Fura-olho*.

Sentiu o coração inchar-lhe no peito, faltou-lhe o ar, as arterias das temporas latejavam-lhe entumecidas, e sempre o zinir enfezante dentro dos seus ouvidos como canto de grillo em lura.

Sahiu para a estrada fugindo áquelle silencio de assombramento, pondo-se logo a caminho em passo de fuga. Passava indifferente a tudo, em automatismo airado, até que parou, olhando a fito, olhar vidrado, extático, de cego, estatelado á cancella da locanda em que se hospedára, quando lhe bradaram de dentro, sem duvida por lhe haverem tomado a immobilidade attonita por hesitação de duvida:

— É aqui mesmo. Entre!

Estremeceu á voz que o chamava e entrou timido e, vendo gente na sala, foi-se de cabeça baixa, direito ao quarto. Trancou-se por dentro e, ao vêr uma moringa á mesa da cabeceira, a sêde, que se lhe remittira, reaccendeu-se mais viva, a estalar-lhe a garganta. Encheu o copo, bebeu-o d'um trago, sofrego; encheu outro, mas, ao leval-o á boca, as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos.

Sentindo-se como estrangulado, deixou apressadamente o copo, levando em ansia a mão ao peito e, com os ouvidos zoando em estridulo, atirou-se de bruços sobre os travesseiros.

Vencido pela fadiga assim mal descahiu na cama adormeceu pesadamente. Acordou tarde, já com o escuro e, logo que abriu os olhos, o zinido recomeçou a rumorejar-lhe aos ouvidos como se houvesse trazido das ruinas que visitara o ruido das vozes crebras dos insectos. Levantou-se guiando-se por uma claridade ennevoada que entrava pela janella.

A noite era fria, limpida, estrellada. Uma voz cantava docemente na sombra do jardim balsamico.

Naquelle recolhimento beato da natureza a alma sentia-se mais livre, via mais claro que os nictalopes e, debruçado sobre o socego, o espirito do misero recapitulou todo o passado com a celeridade com que a luz percorre o espaço immenso.

Sentia a indifferença da vida, vendo-se ali sósinho, hospede na terra em que nascéra, respirando o mesmo ar que a sua gente respirava, sob as mesmos estrellas de outr'ora, tão impassiveis na desventura como o haviam sido na fortuna. Ouvia vozes estranhas, em lingua que não era a sua e risos e tartareios infantis.

Estava ali, não em um lar, mas em um pouso onde nem sequer o conheciam. E Nazario? Ficou a olhar o ceu enternecidamente. Por fim recolheu-se, accendeu a vela, lavou o rosto e, com um cigarro entre os dedos, encostou-se á cama, inerte. Mas bateram á porta, abriu-a timidamente e viu o menino que o trouxera da estação.

— O senhor não quer jantar? Sem responder acompanhou-o á sala, sentou-se á mesa. Como não havia outro hospede atreveu-se a conversar com o menino, que o servia, informando-se das novidades da terra, de pessoas e o rapazelho respondia muito gárrulo, fanfarreando: «Conhecia tudo desde a Barra até o Paty. Batia aquillo a pé, de olhos fechados.» Quando Thadeu lhe falou em Nazario o pequeno sorriu, exclamando:

— Ahn! o Peleguêto... Quem não conhece! Móra no Madruga, na casa velha, com os bichos. O senhor passando por lá de noite dá com elle, ás vezes cahido na estrada. Já escapou de morrer debaixo de um carro de bois. Está gyra, coitado! e, ainda por cima, bebe. É cada tiorga... Mas não faz mal a ninguem. É um pobre!

— Mas está lá todas as noites? perguntou Thadeu mexendo lentamente o café.

— Pois então! se é ali que elle móra. De vez em quando desapparece por ahi, trabalhando, mas assim que arranja uns cobres é aquella certeza: volta e cahe na cachaça. O senhor conhecê elle?

— Conheci noutro tempo... O menino encostou-se á mesa e encarou-o perguntando, por fim, admirado:

— Conhece mesmo?

Thadeu acenou de cabeça, accendeu o cigarro, tomou o chapeu e sahiu.

## V

Noite linda! O luar abria-se amplo e sereno caleando as casas, estendendo-se nevadamente pelas ruas, forrando as collinas como de gaze tenue. As folhas das arvores scintillavam, e, longe, tudo era alvor de marmore como se toda a cidade com o seu casario, os seus campos e outeirinhos fosse um só monumento.

Grupos garrulos de moças passavam a caminho da Matriz, para o Mez de Maria. As casas respiravam pelas janellas abertas ao encantamento da noite e sentia-se em tudo o prestigio suave d'aquelle filtro celestial pulverisado em nevoa luminosa.

Thadeu seguia vagaroso, cabisbaixo, olhando a propria sombra, muito negra na claridade nivea.

Ao chegar á estrada do Madruga estremeceu em subito arripio. O peito ardia-lhe. Rapido levou a mão á garganta sentindo-a exsiccada, aspera, pruente. Tossiu de leve e estacou de golpe, sustando a respiração ao pungir de instantanea agulhada varando-o do peito ás costas. E logo receiou o sangue, attribuindo a crise que o ameaçava á imprudencia que commettera deitando-se suado, de costas para a janella aberta.

A noite esfriava. Levantou a gola do casaco e foi indo, apprehensivo.

A estrada do Madruga parecia lageada. Os grillos faziam um concerto estridulo, bacuraus voejavam mansos, em alores frouxos, piando. Uivos de cães entristeciam lamentosamente a noite alva.

Vozes grasinavam no silencio. Surgiu um grupo na claridade — roceiros que vinham ao Mez de Maria. Thadeu cruzou com elles, houve um murmurio de saudações e as vozes foram abrandando, perderam-se e o silencio fechou-se de novo, com os pequeninos ruidos dos insectos e o palpitar suspiroso dos ramos meneando á aragem.

Tristonha saudade subiu-lhe do fundo d'alma. Aquella noite lembrava-lhe outras de igual belleza e doçura, lá longe! no terreiro do rancho pequenino, quando Maria Barbara, com a cabeça ao seu hombro, apertando-lhe, de leve, as mãos, que aconchegava ao collo, cantarolava baixinho,

d'olhos semi-cerrados. Em baixo o rio murmurava faiscando ao luar e os caborés nas arvores rolejavam agourentos. Que saudade!

Lentamente uma sombra atravessou a estrada desapparecendo nas ruinas da ferraria. Seria Nazario?! Apressou os passos, mas ao chegar ao pardieiro tudo era quietação deserta. Deteve-se á escuta, parecendo-lhe ouvir um canto triste, em regougo. Metteu-se pelo matto, atravez da folhagem fria. A voz continuava, lugubre. Tantos, porém, eram ali os grillos em concerto que parecia que todas as folhas guizalhavam. Estacou procurando divisar no escuro.

Pigarrearam. Logo em seguida a voz roufenha perguntou:

— Quem está ahi?

— Eu, Nazario.

— Eu, quem?

— Thadeu. Um vulto adiantou-se, destacando-se na claridade entre as folhas largas e prateadas dos carrapateiros. E insistiu:

— Quem é?

Os dois homens acharam-se frente a frente. O ferrador inclinou-se com a mão em pala diante dos olhos.

Estava em mangas de camisa, com um velho chapeu de palha enterrado na cabeça. A barba, crescida e intonsa, asselvajava-lhe o rosto. Descahia tremulamente sobre as pernas molles, curvado, olhando a finco.

— Sou eu, Nazario. Thadeu. O velho aprumou-se agil, d'arranque e, reconhecendo-o, abriu expansivamente os braços acolhendo-o ao peito, a apertal-o, em commoção que o abalava:

— Ó rapaz!... Podia lá imaginar!? Mas então... Que foi isto? Quando chegaste? Afastou-o de si, pelos hombros, para examinal-o á vontade. Estás magro, que diabo! E com esse cabello assim rente... Mas então chegaste hoje...?

— Hoje. E vim logo aqui, e fiquei espantado...

— Ah! sim. Isto está a cahir, como o dono.

— Disseram-me no hotel que eu te encontraria á noite. Jantei e vim logo.

— É... E olhava-o anediando lentamente a barba longa. Apertou-o, de novo, nos braços silenciosamente. Depois, voltando-se, a collear, de cabeça baixa, convidou-o a seguil-o.

— Entra. Ha ainda aqui um canto agasalhado, onde durmo. É a minha sala de visitas: além do sol e da lua és tu o primeiro que lá entras. Não ha luxo, commentou com risinho leve.

Agachou-se remexendo, raspando o chão, ás apalpadellas. Riscou um phosphoro, accendeu o côto de vela espetado na garrafa e, levantando a luz, contemplou o amigo.

Foi de espanto e piedade a impressão que reciprocamente tiveram os dois homens. Não disseram palavra e o ferrador, pousando a garrafa sobre um tijollo, sentou-se encolhido. A luz tremia fazendo bailar as sombras.

— Pois é verdade, rapaz, aqui estou eu. É o que vês... Quantos annos, hein! Tres, não? Tres annos...! Tirou o chapeu e os cabellos brancos espalharam-se enfuriados, rolaram-lhe pela testa chegando-lhe quasi aos olhos. Deixaste a farda ou vens licenciado?

— Não. Dei baixa por doente.

— Ah! sempre me pareceu que não tinhas lombo pr'a farda. E vens para cá? Thadeu fez um gesto de indifferença e, inclinando-se para o ferrador, perguntou baixinho, commiserado:

— Mas como foi isso, Nazario? Mamãi... Luiza...? O velho deu d'hombros, com abandono:

— Desgraças... Que se ha-de fazer? Tua mãi, mezes depois da tua partida, andou por ahi a dar cabeçadas de todo o tamanho. O veu de viuva serviu-lhe de capa para muita pouca vergonha. Vendeu a casa a um tal Venancio, um que foi barbeiro na Barra, metteu-se nos cobres e tocou-se para o Paty, mais a pequena, que nos sahiu uma bisca de marca. Por lá andou a fazer o diabo. Voltou um anno depois magra como um carapau e rosnou-se por aqui que ella entregara a pequena a um fazendeiro. Historias! Luiza deixou-a para metter-se com um tal Feliciano, sujeito de baralhos e jaburús, que até lhe batia. Hoje vive com um rapaz, bôa coisa, mas doente. O pobre de Christo anda por ahi a deitar os pulmões pela boca. Não vai longe. Já as viste?

— Luiza, disse Thadeu.

— E a velha? Elle baixou a cabeça calando a verdade. E o ferrador aconselhou:

— Homem, é melhor mesmo que a não vejas. Deixa-a lá! Se ainda lhe pudesses dar remedio... Emfim... Eu, é o que vês. Espero que chegue a minha hora, que vem devagarinho e parando em todas as desgraças. Damião morreu...

— Luiza contou-me.

— Pois é assim. Voltas do mundo, meu rapaz. Que se lhe ha-de fazer? A gente vai nellas como as folhas nos remoinhos do vento.

— E que faz você agora?

— Eu? trabalho por ahi, á enxada. A terra começa a comer-me em vida. E olha que é mais dura que o ferro, isso é, digo-t'o eu. Ando por essas fazendas capinando como um negro. Quando não posso mais, arrio. E isto vai indo assim até que, um dia, acabe. O que não quero é que me aconteça o que está acontecendo á casa; isso, não! Não imaginas como me dóe vêl-a desmanchar-se aos poucos: hoje um tijollo, ámanhan uma viga... Riem-se de mim, troçam-me porque bebo... Deu d'hombros. Soubessem elles...! O que eu quero é não pensar, sabes? não pensar. Emquanto trabalho, na canceira da enxada, vai tudo muito bem; mas quando me deito nestes trapos ou ahi por fóra... eu é que sei!

Calou-se alisando lentamente a barba.

— E tu? Que vens cá fazer? Isto está que é

uma miseria. Fizeste mal em vir. Vai-te embora! Eu é porque já não posso commigo, senão... Estou aqui como num carcere e as correntes que me prendem são mais fortes do que grilhões de ferro. Sei lá!

Thadeu ouvia-o calado, com pena e, como o velho inclinasse a cabeça, com os braços descahidos com desfallecimento, elle bateu-lhe no hombro carinhosamente:

— Pobre Nazario!

— É... Já agora tanto me faz isto como aquillo. Quando um homem está mettido nagua que lhe importa a chuva! A maior desgraça que me podia acontecer já aconteceu, o mais... não me faz mόssa: são como calhaus atirados a uma pedreira. A vida é isto, rapaz: uns lá em cima, outros em baixo. Que hei-de fazer? Emquanto tive forças nos braços e o filho vivo dei o que podia á forja, bem sabes. Muito ferro verguei com estas mãos, hoje...! É natural. Tu, não: deves voltar. Vai-te embora. Aposto que já te disseram por ahi que ando sempre a cahir...?

— Não...

— Ora, não! Aqui não se diz outra coisa; até os fedelhos fazem caçoada de mim. Já até me puzeram um nome. Atirou a cabeça em gesto de abandono. É assim, meu rapaz. Ruinas são ruinas. Bebo. Mas olha que não é por vicio, isso não é. Bebo, como se tomasse remedio para uma dôr muito forte. Não faço mal a ninguem, vou indo:

cahe aqui, cahe ali com o juizo fóra dos eixos... E é assim. Quando adoeço, sei o caminho da Misericordia. Ponho-me para lá, chego á porta, bato, atiro-me numa cama e lá fico. Ali, sim! Ali é que é...! Sósinho, dias e dias, a olhar o tecto, não imaginas como tudo me sóbe na saudade. É um desespero! Soffro mais com as lembranças do que com a doença. Lá a gente é bôa, quér-me bem. Até já me quizeram tomar para jardineiro. Eu é que não quiz. Preciso d'isto, desta tristeza. Estou aqui como a velar defunto.

— Pobre Nazario!

— Pois é assim... A gente, perto, não dá pelas mudanças, precisa sahir algum tempo para sentil-as á volta. Eu fui descendo aos poucos; tu rolaste d'alto. Deves estar com o coração doído. Imagino! Mas tem coragem, nada de desanimar. É preciso seguir para diante.

Levantou-se. Estava descalço.

— E onde comes, Nazario?

— Ah! isso de comida ha sempre. Nesta terra não se morre á fome. Cômo por ahi. Todos me dão. E, vendo Thadeu relanceando o olhar pela ferraria, disse:

— Estás a vêr a casa. Lembras-te? A forja ainda ahi está. Olha a bigorna. Ás vezes ponho-me aqui a malhar á tôa só para ouvir o som do ferro. Mas logo o pequeno apparece-me, vejo-o, ouço-lhe a voz, sinto-o perto de mim. E suspirou caminhando airadamente, a sacudir os braços,

como se repellisse visões. E dizèrem que élles não voltam... Só quem os não perde é que os não vê. Já me quizeram comprar este terreno. Não! Isto é sagrado. Ha neste chão muito suor e muitas lagrimas. Emquanto eu fôr vivo outro não chama seu a este buraco. Voltou-se de repente: Sabês quem está ali enterrado? o *Turco,* o teu cão. Morreu-me aqui em casa. Appareceu-me um dia cambaleando, babando como se estivesse damnado. Estive vai, não vai, a atirar-lhe com o malho em cima, mas o coitado deitou-se, a olhar-me tão triste, sacudindo a cauda que eu... Sei lá! Acabou ahi. Foi o pequeno que o enterrou. Lá está. Ah! meu rapaz, foi-se tudo... tudo! Só as arvores melhoram com os dias, os seus cabellos brancos são folhas verdes. Quanto mais envelhecem mais lindas ficam e mais viçosas. Onde estás?

— Num hotel, perto da estação.

— Ah! sei. É d'um italiano, que foi colono do barão de Massambará. Chama-se Giordano. Vamos lá para fóra. A noite está linda!

Apagou a vela e sahiram. Caminhando juntos, numa só sombra, Nazario disse de repente:

— Olha lá a tua casa. Está que é um gosto. Dá tudo.

— Eu não te dizia! exclamou Thadeu.

— Pois sim! Mas quantos homens imaginas que tem ali o barbeiro? seis latagões. E querias, sósinho, dar conta de tudo. Estás enganado. A terra não é o que se pensa. Se ha força para do-

mal a presta-se a tudo, senão... ai! de quem se mette com ella. Eu que o diga!

— Antes eu tivesse ficado! suspirou o rapaz. Quem sabe se mamãi... O ferrador resmungou:

— Ora... E voltou a falar da terra: Está uma belleza! Has-de vêl-a de dia ao sol. Eu, é porque já não tenho apêgo á vida, mas quando olho para isto e comparo commigo, com a minha miseria, tenho inveja.

Iam vagarosamente ao longo de uma sébe de espinheiros em flor. O luar abria-se mais alvo, tudo esplendia em clarão marmoreo e o silencio crepitava em soídos mysteriosos como se invisiveis seres andassem na propria luz, em pollen, cantando nupcialmente o epithalamio da natureza.

Os dois homens manchavam a serenidade lucida. Pararam e, como Nazario se achegasse da sébe attrahido, talvez, pelo doce perfume, um cão investiu ladrando.

— Vamos, que os cães já nos estão enxotando. E proseguiram devagar.

O ferrador continuou com expressão dolorosa:

— Quando me chegou a noticia da morte de Damião, não sei que se passou em mim. Fechei a porta da casa e sahi. Andei lá pela Barra, vi o rapaz, levei-o a enterrrar... Calou-se um momento, continuando, em voz entrecortada e surda, como se lhe subisse muito do fundo do coração, aos pedaços:

— O cemiterio, tudo aquillo... foi como se eu visse pela primeira vez a morte. Emfim... Tornei para cá outro homem. Então pesaram-me os annos, embranqueci da noite para o dia, o somno fugiu-me dos olhos, os dias esvasiaram-se, como se tudo tivesse acabado para mim. Uma manhan, ao acordar, dei com o sol á minha cabeceira, parecia uma chapa em brasa das que eu retirava nas tenazes da forja que elle afolleava, o pobresinho... Sabes tu? era a primeira telha partida. Nesse dia começou a ruina da casa. Tudo está na primeira brecha, no primeiro tijollo que cahe, na primeira telha que se parte, se a gente não entra com o reparo a tempo, vai-se tudo. Tal qual como na vida de um homem: um erro, ás vezes um descuido é quanto basta para desmantellar honra, fortuna... É assim. Aqui me tens como tronco secco...

— E eu, meu velho!

— Ah! tu... Tu és moço, tens a esperança que é força. É como a mesada de Nosso Senhor que a gente, quando é rapaz, vai gastando á tôa, mas quando chega a velhice e não se recebe mais esse soccorro do ceu, fica-se como me vês...

— Tu perdeste Damião, é verdade, mas eu...

— Tu... É... Mas por ahi andam, já é alguma coisa vêl-as. Doidas, coitadas! Tua mãi queixava-se de ti, que não lhe escrevias...

— Escrevia sempre! affirmou Thadeu.

— Acredito.

— E a ti tambem. Tu é que nunca me respondeste, nem ella. Ninguem!

— Responder! Responder para que? Para dar-te noticias tristes? para mentir? Não! a gente deve poupar ao coração as dores, ellas são tantas no ar, entrando-nos nalma com a respiração! Para que mais?! Esqueceram-te? Faze o mesmo.

E, subito, estacando, tirou do seio uma lata como as que os negros usavam como estojo da carta de alforria, abriu-a, sacudiu-a na palma da mão e, entregando a Thadeu uma photographia, disse:

— Vê se conheces. Riscou um phosphoro protegendo-o com a mão em concha.

— É Damião. O ferrador sorriu tristemente:

— Elle mesmo, coitado. Vinte annos, hein? Ainda os não tinha e por um diabo de mulher... É o que me resta. É tudo que tenho: o meu bem e o meu mal. Quando olho para isto, não sei — tudo me apparece o passado todo. É assim como uma lampada com que caminho no escuro. Sei lá... E atafulhou no peito o triste relicario. E ainda perguntam porque bebo. Bebo por isto... e só.

— Acreditas em Deus, Nazario?

— Eu?! Que pergunta! Caminharam alguns passos em silencio. De repente, parando, o ferrador exclamou encarado em Thadeu: Mas porque me perguntas isto? Thadeu encolheu negligentemente os hombros;

— Não sei... Tenho soffrido tanto! Que mal fiz eu? E tu, meu pobre Nazario? E ha por ahi tanta gente ruim que vive nadando em ventura.

— E sabes lá o que se passa nalma dessa gente? A felicidade não é o que se vê, rapaz, como o ceu não é isso que ahi está. Felicidade... Olha esta noite: mais alva que a neve e toda manchada de negro. Quanto mais clara é a luz mais se carregam as sombras. Quem sabe o que se passa no coração desses taes...!? Se houvesse na vida felicidade perfeita, Deus seria injusto e os infelizes teriam razão de revoltar-se contra Elle. Nós sempre nos imaginamos os maiores desgraçados do mundo, do mundo! d'esse bocadinho de terra em que vivemos... O mundo é tão grande!

Os dias deviam passar de vez levando tudo, tudo! Mas não, deixam ficar bocadinhos e esses bocadinhos crescem, como sementes cahidas das arvores, e dão flores tristes e venenosas, como a saudade. Que somos nós? passado. Queres saber? quanto mais peno mais creio; quanto mais soffro mais me achego á cruz.

Sabes qual é o teu mal? é isso de andares sempre imaginando. Põe-te num alto, bem alto, olha para baixo e tudo te parecerá sereno; desce, e verás as pedras que magôam, os espinhos que ferem, as ondas que afogam, as podridões que tresandam, as maldades da terra e do coração, a vida, emfim. Lá de longe, de onde estavas, vias tudo aqui côr de rosa. Chegaste, ahi tens. É assim,

meu rapaz. Um parente meu, que esteve em Africa, contou-me que naquelles sertões de arêa anda-se, anda-se dias e dias a fio sem vêr agua nem sombra. De repente lá surge um bosque de palmeiras. Os que vão morrer de sêde dão graças a Deus, aos brados, e galopam para a delicia. É correr, é correr que nem o vento os ganha... E o bosque a fugir diante delles e, quando os coitados chegam ao sitio da verdura, não acham mais que arêa e ossadas de outros que morreram da mesma mentira. Isso tem um nome, que me não lembra. Eu chamo-lhe illusão. Na vida é a mesma coisa: além, sempre o tal bosque, corre-se e que é que se encontra?... Tu ainda podes seguir, és moço... Eu... já não tenho olhos para ver ao longe, não me illudo mais: fico onde estou, no meu quiéte, até quando Deus quizer. Aqui estás e é o que vês. Tua mãi... tua irman... Já agora, rapaz, não sei. Salval-as...? duvido muito! Vai-te embora. Calou-se, d'olhos no ceu, murmurando como se rezasse baixinho.

Um casal de negros passou por elles, perdeu-se na sombra dos mattos, rindo. E Nazario continuou:

— Eu, no teu lugar, voltava, ia-me embora.

— E mamãi?

— Tua mãi... Tua mãi anda por ahi perdida. Nem eu sei! Metteu-se com uma tal Ludovina, que conheci escrava do major Moreira, e foi um descalabro. A principio falou-se

muito. Fecharam-se-lhe todas as portas e ella ficou p'r'ahi, escorraçada como animal leproso. Só apparecia á noite, mas depois, isto é assim mesmo, desandou de vez e era de dia e de noite por essas ruas, que fazia pena. Emfim... Deus sabe lá o que faz...

Caminharam em silencio. Por fim Thadeu perguntou timidamente:

— E a filha de Madama Thereza, Nazario?

— Que tem?

— Que fim levou?

— Está ahi. Casou-se com um primo, que veiu da Europa e está hoje na casa. Já tem dois filhos. Sempre bonita. Olha, se queres vêr tua mãi podemos ir lá agora.

— Agora? Tão tarde...!

— Tarde! Qual tarde! Para uma mãi a hora em que lhe volta o filho é sempre de festa. Thadeu hesitava, d'olhos no ceu, recordando a scena na casa da Ludovina.

— Se deixassemos para amanhan?

— Qual amanhan! Vamos agora mesmo. Com uma noite d'estas até dá gosto andar. Vai-se por ahi devagarinho... Mas olha lá: nada de mollezas. Não penses que vais encontrar tua mãi como a deixaste. Se começas com os teus castellos, a imaginar isto e aquillo, estás arranjado. É vêl-a, falar-lhe, mas sem choradeira... E nada de tocar no passado, entendes? Para mim — elles di-

zem que não, que é vicio — para mim a coitada não está lá muito certa da bóla. Não, que essas coisas... eu é que sei! Vamos! E puzeram-se a caminho.

A noite maravilhosa sustinha a cidade em extase. Apesar da hora adiantada havia ainda casas abertas, gente ás janellas, ás portas, refestelada em cadeiras, palestrando; grupos de moças passeiando nas calçadas. Sons de piano abemolavam o silencio mystico. E os dois seguiam calados e vagarosos. O luar operava o seu encantamento nostalgico na alma melancolica de Thadeu. A luz enchia-se de espectros, enxameava-se de visões, e elle caminhava absorto revendo o passado. E o ferrador, cabisbaixo, pensava, recordava. Juntos, hombro a hombro, apartados, cada qual na sua saudade, com os seus mortos, lá iam!

Uivos de cão agouravam o silencio. Uma coruja passou nos ares chirriando.

Na rua Bonita cruzaram com uma serenata: violão, cavaquinho e frauta. A melodia languida ao luar era como o aroma dos incensorios: uma essencia esparsa que subia, ondulava, espalhando-se, diluindo-se fina, docemente no espaço. Quantas lembranças naquellas notas languidas! E á medida que se distanciavam mais os sons commoviam, como endeixas maguadas.

— Bem, cá estamos, disse Nazario. Ficas aqui, eu vou até lá. Se ella ainda estiver acor-

dada, chamo-te, entendes? É um instante. Até já. E foi-se ladeira abaixo.

Thadeu sentou-se na borda do terreno, fumando. Crianças cantarolavam:

> Carneirinho, carneirão...
> Olhai p'ro ceu, olhai p'ro chão...

Aquellas vozes entravam-lhe pela alma, revolviam-lhe a memoria exhumando saudades, recordações dos dias menineiros, dos folguedos ingenuos do bom tempo — corridas, danças de roda, fogueiras de S. João, bailaricos no Natal. Que alegria em casa! que lufa-lufa: mesa farta, o oratorio acceso, danças e a criançada solta, a pular no jardim, impanzinando-se de doces.

> Carneirinho, carneirão...

Nazario reappareceu mazorro. Parou diante delle coçando a cabeça e disse: — Não está.

— E então?

— Então, que? Não está. Vamo-nos embora. Sentindo, porém, que o rapaz hesitava, adiantou-se enfesado: Vamos, homem. Queres ficar aqui plantado? A noite está fria.

— Mamãi está lá, Nazario. Tu é que não me queres dizer. O ferrador voltou-se arrebatadamente:

— Não te quero dizer... Encarou-o e, d'improviso, resoluto, affirmou: Pois está! E en-

tão? Está mesmo. Está lá. Mas é melhor que a não vejas, entendes? Amanhan. E em resmungo: É uma desgraça. Que se lhe ha de fazer? Demais a mais com aquella vagabunda da Ludovina... Vamo-nos embora.

Desceram vagarosamente, sorumbaticos, até que o ferrador, para distrahil-o, interrogou-o sobre a vida militar: como se dera no quartel, se gostara d'aquillo? E elle poz-se a recordar, por alto, o tempo de serviço e, quando se referiu a Matto Grosso, foi meigo descrevendo saudosamente os dias felizes que vivera no rancho de beira-rio, com Maria Barbara.

— E é para onde volto, Nazario. Vou vêr se arranjo algum dinheiro no Rio e tóco-me para lá. Ali, sim: Só ali conheci a felicidade. O ferrador resmungou:

— É... Mas de repente, mirando-o sisudo: Queres o meu conselho? Não voltes. Deixa lá a rapariga. Para que? Assim como assim o melhor é guardares a lembrança do tempo que lá viveste e o resto...

Isso de felicidade é como dinheiro de jogo. Vais ahi a uma barraca, entras, jogas, levantas a parada. Se sahes com o bolo, muito bem; mas se insistes, é prejuizo na certa. E vai-se tudo, não só o lucro como ainda o que tens no bolso e sahes a tinir, como me tem acontecido muitas vezes. Foste feliz? não voltes á banca. Olha para mim. Tenho o retrato do filho, ando com elle:

é como uma ficha que conservo. Pensas que vou ao cemiterio? Não! Para que? Contento-me com o que me ficou. Isto, ao menos, é alguma coisa, é elle... E o que lá está...? É assim, rapaz. Deixa-te estar onde estás. A gente ouve o coração, que é mau guia, e o resultado é andar-se por ahi aos trancos e barrancos. Deixa lá a rapariga. E aqui mesmo... não deves ficar. Vai-te embora. Queres viver como eu no meio de ruinas? Queres!? Não! Mesmo para tua mãi a tua ausencia será uma obra de misericordia. Não has-de querer envergonhal-a sempre. Faze por ella o que puderes, mas de longe, entendes? de longe! Calou-se, como arrependido, dizendo depois:

— Se ainda pudesses salval-a... mas qual! É tarde! Já viste alguem conservar em casa o corpo do morto? Não! Faz-se-lhe quarto, diz-se-lhe adeus e, chegada a hora, não ha remedio senão entregal-o á terra. De que nos serviria guardar o cadaver em casa, vendo-o apodrecer, sentindo-lhe o fétido...? Se ainda tivessemos poder para o resuscitar, vá, mas que somos nós?! Vai-te embora! Esquecer é impossivel, bem sei; essas coisas ficam-nos no coração como raizes, mas emfim... Olhos não vêm... Já cumpriste o teu dever: visitaste o teu cemiterio. Vai-te embora. Eu não vivo aqui? O filho não está lá? É assim...

Haviam chegado ás ruinas da ferraria.

— Está frio, hein? disse o ferrador esfregando as mãos. Sentaram-se na apodrecida soleira.

Thadeu olhava a paizagem pallida, defumada de nevoa e silente. Subito estremeceu aprumando-se. Poz-se de pé, com a mão ao peito.

— Que é? Estás sentindo alguma coisa? acudiu o ferreiro sollicito.

— É a pontada, de vez em quando.

— Está frio. Vê lá! Não vá a humidade fazer-te mal... Se queres entrar...? Isto não é casa que se offereça, mas emfim...

— Não. Sentou-se de novo, pigarreando uma tosse frouxa. E as terras, Nazario? Têm dado?

— As terras da tua casa? Ora! Até café! Lembras-te dos cafesaes? Estavam em matto. Agora parecem novos. Ah! meu amigo, sem trato não ha lavoura. Has-de vêl-os logo mais. Eu dou-me com o homem...

— Não! Não quero! Um accesso mais forte, arrancado, sacudiu-o violentamente, o peito resoava-lhe rouco, aos retrôos.

— Homem, vamos lá para dentro. Sempre é mais agasalhado. Ou se queres, eu acompanho-te ao hotel. Isto está frio. Eu mesmo estou sentindo.

— Não. Não vale a pena. Está amanhecendo.

— Amanhecendo?! Qual amanhecendo nada! Isto não passa de meia noite. Estás a vêr tudo branco e pensas que é madrugada? Cerração é que é... Vamos entrar.

— Não, Nazario. Só se estás com somno.

— Somno! Eu?! Quem m'o dera! Pois é isto. Está tudo acabado. Eu, se fosse mais moço e

tivesse saúde, atirava-me por esse mundo fóra. A gente não se deve prender á terra, é muito menos aos homens, como não se prende aos dias. É andar, andar para não crear raizes, porque o arrancar-se a gente de onde se arreiga, isso é que dóe. Estou velho, mal posso com as pernas e, já agora, onde quer que vá levarei commigo terra agarrada ás raizes que aqui criei. Thadeu poz-se a andar apertando o peito para conter os fluxos de tosse.

— Não! Vamos lá para dentro. Estás a resfriar-te aqui fóra. E o ferrador, tomando-lhe o braço, levou-o pela vereda, entre os carrapateiros orvalhados.

O luar abrumava-se em espuma fluida, como de leite, subtilisada sobre os campos quietos. Surdos mugidos rolavam ao longe. Os gallos amiúdavam.

## VI

A luz baça da manhan nevoenta desempastava á paizagem: as arvores appareciam acotonadas de nevoa, surgiam muros brancos, telhados, cercas. Aves percorriam enviezadamente o espaço ás tontas. A estrada acordava com a chiadeira lenta dos carros de bois.

Os dois homens, sentados frente a frente, á medida que clareava, viam-se melhor, analysando-se á socapa. Nazario, queimado das soalheiras, com a pelle coriacea, crestada em estrias, os cabellos brancos sujos, a barba amarellenta como palha secca, tinha os olhos torpidos, raiados de sangue como porcellana estalada, a boca, esmoendo sem descontinuar, fazia ondular a barba

longa. Thadeu livido, mirrado, com a cabeça enterrada nos hombros estreitos, o pescoço folheado a gelhas, respirava cançado, abrindo a boca em ansia.

O cheiro fresco da terra impregnava docemente o ar humido.

Olhando-se, os dois homens retrahiam-se, disfarçando a impressão de tristeza que, reciprocamente, recebiam.

Thadeu accendeu um cigarro, tragou a fumaça, bufando-a logo em suffocação afflicta, aos arquejos, engasgado, com a tosse a estrangulal-o. Levantou-se presto, angustiado, com o peito em fogo, papejando, d'olhos saltados, como em espanto. Engrulou e, subito, a jorro, o sangue expluiu-lhe da boca, negro e grosso, como se lhe houvesse estourado uma arteria, extravasando a jactos.

O ferrador poz-se de pé atarantado, agarrou-lhe a cabeça, attrahiu-o a si encostando-o carinhosamente ao peito, a chamal-o em tom meigo e compassivo:

— Ó filho... Que é isto? Que é isto? Eu não te dizia? Teimaste... Eu bem te dizia... Ora ahi tens. Valha-te Deus!

Quiz sental-o. Thadeu oppoz-se gemendo angustiado. E o ferrador sentia-o alquebrado, amollecido, dobrando-se nos joelhos, com a cabeça tombada ao peito, o sangue espichando-se-lhe do canto da boca em fio gluteo. Cuspilhava passando

o braço de raspão nos labios, aos vágados, rolando languidamente os olhos soffredores.

— Que te dizia eu? Encosta-te a mim. E o velho mirava-o consternado, sentindo-o acabar e, vendo-o fechar os olhos em deliquio, chamou-o afflicto, sacudindo-o aterrado:

— O'...! O'...! Eh! rapaz...! Que é isso? Uma voz cantava alegremente na estrada. Quiz bradar a soccorro, mas Thadeu reanimou-se aspirando um hausto largo. Passou, anh?! Senta-te. O sol brando rebrilhava nas folhas dos carrapateiros, onde as gottas de orvalho scintillavam diamantinas. Era a luz, a força que renascia.

— Vais melhorar, animou-o o ferrador. Vais melhorar. Está ahi o sol. Aquecendo, melhoras. Vá, deita-te um pouco; descança. Eu disse-te... Thadeu recostou-se de récovo, com o busto quasi a prumo, as pernas estendidas. Doe-te o peito? Elle fez um esgar respirando a curto folego. Descança. Precisas ter cuidado comtigo, rapaz. Abusas. De novo a tosse violentou-o; novo frouxo golfou em escôo. O ferrador inclinou-se, dizendo-lhe piedosamente, como em segredo:

— Olha, queres um conselho? Isto assim não está direito. Não ha aqui nada, nem isto é lugar para doente. O melhor é irmos por ahi devagarinho, até á Misericordia. Isto, em havendo cuidado, não tem perigo, é como um resfriado á tôa que se cura com sabugueiro e lan, mas, aqui assim, ao tempo, não! Ficas lá uns dias, curas-te e

está acabado. O que não podes é continuar assim. Olha, eu, quando sinto a machina desarranjada, não estou com uma nem com duas: vou-me por ahi acima, metto-me lá dentro uns dias e saio lampeiro que é um gosto. Vê lá se podes caminhar. Vamos devagarinho, pões o meu casacão para que se não veja o sangue que te cahiu no peito e está prompto. Vou ao Dr. Lucindo, peço-lhe a ordem e está feito. Então?

Sem responder, Thadeu levantou-se, apoiando-se ao ferrador, aceitou-lhe o casacão e lá se foram os dois, lentamente, pela estrada cheia de sol.

O céu desvendava-se do nevoeiro apparecendo todo azul e lustroso.

— Has-de ir buscar o meu bahu ao hotel, disse Thadeu a Nazario. Não sei quanto devo. Toma, tem paciencia, e deu-lhe uma nota. O ferrador sentiu-se humilhado e, esmagando a cedula, com vexame, desculpou-se atarantado:

— Olha, filho, se eu estivesse ganhando... emfim. Vou, podes ficar tranquillo. Se te aceito o dinheiro é... tu sabes... Não tenho, ando assim, e, atafulhando as mãos nos bolsos, sacou-lhes os forros rotos, mostrando-os. Se eu tivesse...

— Ora, Nazario...!

— Pois é... Descança. O bahú lá irá ter com o mais. O principal agora é a saúde.

Quando chegaram ao largo a locomotiva da *Vassourense* manobrava reboando soturna. O fo-

guista, um crioulo, reconhecendo Nazario, agachou-se entre a lenha, no tender, bradando: «Peleguêto!» O ferrador sorriu, dizendo a Thadeu:

— Estás ouvindo o moleque? É commigo. É como agora me chamam.

— Que quer dizer?

—Sei lá! Outros gritos partiram da estação: «Peleguêto! Pau d'agua!»

— É tudo, até as meninas, quando me vêm. Eu acho-lhes graça, coitadinhas. Sabem lá o que dizem! Não é por mal. Gritam-me o tal nome e acabam offerecendo-me comida e roupa. Sabem lá o que dizem!

Mas uma pedra cahiu entre os dois, levantando poeira e um pequenito, em fraldas de camisa, descalço, fugiu mettendo-se no corredor de uma casa, a gritar: «Peleguê...!»

— Olha o pirralho, nem falar sabe... Da porta de uma venda um typo gordalhufo acenou de cabeça ao ferrador.

— Bom dia! respondeu Nazario e, baixinho, a Thadeu: Lembras-te? É o Maximo. Dizem que está rico. Como foi isso, não sei. Milagre...

Iam chegando á rua Bonita quando Thadeu estacou de repente levando a mão á boca sem, todavia, conter a tosse, que espoucou violenta, rouca, engrolada. Nazario susteve-o, vendo-lhe, porém, os labios ensanguentados, meneou com a cabeça desanimado, os olhos rasos d'agua, e, em voz tremula, murmurou:

— Vamos. Falta pouco. Eu bem te disse... Teimaste. Anda, encosta-te a mim. E foram ladeira acima.

Abriam as janellas da Camara. No jardim fronteiro, chilreante de passarinhos, brincavam crianças. Por toda a parte estridulava a chiadeira das cigarras.

Um velho, em mangas de camisa, olhos empapuçados de somno, bocejava refestelado no banco, á entrada da Misericordia. Nazario tirou-o da preguiça:

— Bom dia, senhor Sylvestre. O Dr. Lucindo já está?

— O Dr. Lucindo a esta hora? Onde tens tu a cabeça? Já a deixaste por ahi em alguma venda?

O ferrador sorriu, explicando:

— Não, senhor. E baixinho: É que este rapaz está a deitar sangue pela boca. Peço-lhe que o deixe ficar aqui um instante emquanto vou ao Dr. Lucindo buscar a ordem. Elle mal se aguenta em pé.

Sylvestre lançou um olhar indifferente a Thadeu e, encolhendo os hombros:

—Pois que espere.

— Vou num pulo! disse Nazario e partiu, a largas pernadas, ladeira abaixo.

— Sente-se, homem, tem ahi banco, disse Sylvestre a Thadeu. O rapaz sentou-se na soleira da porta, arquejando.

— Você não é d'aqui, hein? Thadeu acenou de cabeça affirmativamente.

— De onde?

Não respondeu. Descahindo sobre a ombreira quedou immovel, d'olhos no ceu radioso. Nazario reappareceu pouco depois esbaforido, suado, com a ordem do medico, dando-a a Sylvestre, que a examinou, perguntando:

— Como se chama?

— Thadeu Fogaça, respondeu Nazario. É filho do Manuel do Madruga. Lembra-se? Aquelle que morreu do desastre.

Sylvestre arregalou os olhos espantado:

— Mas não era soldado?!

— Deu baixa.

— Ah! exclamou o velhote e, levantando-se, balordo, convidou:

— Vamos.

—O pai fez muito aqui pela casa, disse Nazario ajudando Thadeu a levantar-se; e animou-o: Agora estás bem. Isto é coisa para uns dias. E rindo, encarado em Sylvestre: Eu cá, já se sabe: quando as coisas, cá por dentro, me sahem dos eixos, metto-me aqui e engordo que é um gosto. Isto é a minha céva. Vai. Vou vêr o bahú. Vê lá se queres mais alguma coisa.

— Vem vêr-me...

— Hei de vir, como não? Vai com Deus. E fuma pouco, han! O cigarro é que te provoca a tosse. E dirigindo-se ao velho, já impaciente: Pas-

sou toda a noite ao relento e resfriou-se. Resfriado é que elle está. Vai.

Thadeu abraçou-o, dizendo-lhe em segredo:

— Se vires mamãi dize-lhe que estou aqui.

— Queres?

— Sim, para que me abençôe, ao menos, antes de morrer.

— Morrer! Qual morrer! Deixa-te d'isso. Se fosse a primeira vez... Foste sempre assim, desde pequeno. Isso em ti é como o rheumatismo em mim...

— Bem, vamos! disse Sylvestre. Abraçaram-se. E Thadeu seguiu, ainda voltou-se da porta e desappareceu. Nazario ouviu-lhe a tosse cavernosa e murmurou com pena:

— Pobre rapaz! Qual...! E, enrolando um cigarro, sahiu preoccupado, desceu lentamente a ladeira, ao sol, gesticulando á tôa.

«Peleguêto!» gritaram por traz da janella de um sobrado. E elle, sem levantar a cabeça, resmungou:

— Ah! Peleguêto...! Tivessem vocês o coração como eu tenho o meu e não estariam ahi a gritar baboseiras. Peleguêto...

O largo da Matriz rumorejava, á laia de feira, com taboleiros de doces illuminados a lanternas, cestos de frutas, bandejas de calices de geléas, tigellinhas e pires de arroz doce é cangiquinha.

Quitandeiras conhecidas não se fatigavam em apregoar aguardando a freguezia certa, sentadas em tamboretes, cavaqueando tranquillamente; outras, de quando em quando, lançavam guinchos de chamariz nomeando familias celebres nisto ou naquillo: umas pelos bons bocados e queijadinhas, outras pelo manjar ou pelas balas de ovo. Negrinhas, de cabellos refoufinhos, pichosas no trajo, de avental e chinellas de bico, rondavam o adro com bandejas enfeitadas de rendas, mais preoccupadas com a pacholice do que com a mérca que levavam. E um negralhão, curvado sobre um tambor entalado entre as pernas, batucava-o d'espalmo, cantarolando em vozes barbaras, a attrahir gente para o seu taboleiro.

Affluiam levas: familias galeando á moda, faiscando em joias; grupos de roceiros ás cascalhadas ou em falario alegre, muito novelleiros e indagadores da vida uns dos outros. Abraços aqui, apertos de mão acolá, chacotas, pimponices.

Homens, em mangas de camisa, paletó ao hombro, cajado em punho, velhas de bioco, pobres esmolando. Crianças corriam com alarido, ás negaças no *tempo será* ou pasmando diante das guloseimas, de dedo na boca, em adoração basbaque.

O sino começou a dobrar festivo. A multidão correu tumultuosamente para a igreja quando appareceram, todas de branco, duas a duas, as meninas do Collegio Patrocinio, que cantavam no côro e, logo em seguida, os alumnos do Colle-

gio Alberto Brandão, marchando aos chaque-chaques, com os inspectores ao lado, rigidos.

O luar abria-se devagarinho prateando as figueiras que se estendiam em alameda até o cemiterio. Docemente soaram os primeiros accordes do harmonium e vozes frescas timbraram o cantico hyperdulico. Cessou instantaneamente o rumor no largo.

Ladeira acima, vagaroso, macambusio, Nazario caminhava vergando-se sobre os joelhos, indifferente á molecada que o perseguia: «Pélé-guêto! Pau d'agua!» Ao defrontar a Matriz tirou o chapeu, detendo-se um instante, a olhar devotamente a portaria juncada de folhagem. Persignou-se dobrando-se em mesura e proseguiu a passo lento.

Á medida que se aproximava da Misericordia o coração apertava-se-lhe, enchia-se-lhe de presagios. Em um dos bancos do vestibulo, escassamente alumiado, dois convalescentes, de lenço á cabeça, conversavam baixinho. Nazario passou por elles como se os não visse, foi direito á porta e bateu.

Pigarrearam dentro e o velho Sylvestre appareceu de gorro, abotoando a gola do casacão de saragoça, perguntando de mau humor:

— Quem é?

— Sou eu, senhor Sylvestre. Nazario.

— Ahn! Que ha?

— Vinha saber do rapaz...

— Ah! o rapaz... Já o trouxeste morto e ainda perguntas...

— Como morto! exclamou o ferrador aturdido.

— Como! Ora essa... Aquillo estava que nem pipa sem torno, a vasar sangue que não havia ter-lhe mão. Veiu uma golfada maior... Nem teve tempo de esquentar a cama. Thysico. O Doutor mal o viu, disse logo que elle não chegava á noite. A farda comeu-lhe os pulmões, a farda ou lá o que foi.

Nazario olhava emparvecido. De repente, lembrando-se:

— E o bahú que eu cá trouxe, e o mais...?

— O bahú?! O bahú e um dinheiro...? Não os viu. Já tinha acabado quando cá chegaram. Está tudo ahi...

— E elle não disse nada, senhor Sylvestre?

— A mim? Não. E elle podia lá falar com aquella sangueira...! Nazario baixou a cabeça, ficou um momento calado, a anediar a barba; por fim disse em voz tremula, baixinho:

— Se o senhor desse licença... Era um instantinho... só vêl-o, coitado!

— Agora? Agora não é possivel. Amanhan. Vêl-o para que? Nunca viste um defunto? Tudo é um... E, com olhar malicioso, em tom gaiato, commentou risoho: Uhm! Querem vêr, maganão,

que já andavas lá pela casa antes do Carrilho?! Que diabo de interesse tens tu por esse rapaz? Isso só de pai p'ra filho, só apêgo de carne e sangue...

— Não, senhor, contraveiu gravemente o ferrador. Vi-o pequeno, criou-se com o meu. Eu era muito do pai. Eramos da mesma gándara, senhor Sylvestre. Rapazitos, comemos juntos a brôa e o queijo, levavamos o gado ao mesmo monte, recolhiamol-o á mesma curriça. Amigos, mas amigos! senhor Sylvestre... amigos como já os não ha, entende o senhor? Como já os não ha...

O velhote commoveu-se com as palavras simples do ferrador e, batendo-lhe no hombro, disse-lhe:

— Pois sim... Mas eu não posso ir contra as ordens. Tu conheces a casa. Amanhan.

— Sim, senhor. Cá estarei. E obrigado, senhor Sylvestre. Deus lhe dê bôa noite.

Sahiu acabrunhado. Pesavam-lhe os pés e todo o corpo como que se desfazia fundido em angustia. Por vezes, tremulamente, os joelhos se lhe vergavam, flacidos. Aprumou o busto, respirou largo, olhando o ceu luminoso. Ao chegar diante da Matriz o cantico attrahiu-o. As vozes pareciam vir brandamente do ceu, como o luar: eram o som beato da luz, o hymno da noite candida consagrada a Maria Virgem.

Subiu timido os degraus e penetrou na harmonia mystica. Chegou-se á pia, molhou, de

leve, os dedos negros, aspergiu-se, mas os joelhos dobraram-se-lhe de repente e teve de amparar-se para não cahir.

O cantico crescia em triumpho enchendo a igreja, rompendo gloriosamente para a noite clara. Os sinos repicaram.

Elle passou o paravento achando-se em plena nave, vendo o altar-mór ao fundo, florido e cravejado de luzes e todos os outros resplandecendo na exaltação da Virgem.

Vivo clarão de raio passou-lhe fúlguro nos olhos; o coração cresceu-lhe enorme no peito, sentiu-o desraigar-se, subir-lhe á boca... Faltou-lhe de todo o ar. Cahiu de joelhos, pasmado, d'olhos muito abertos, fitos no altar que deslumbrava. Queria rezar e airava oppresso, em angustia. Subito abriu-se-lhe larga a respiração ansiosa e tudo, instantaneamente, lhe pareceu mais amplo e illuminado, refulgindo em esplendor alvo, como o luar e, dentro da luz, radiosamente, a imagem da Virgem sorria-lhe, viva, entre nuvens que lhe ondulavam aos pés, cercada de pequeninos anjos esvoaçantes. E eram elles que enchiam a igreja d'aquella musica e d'aquelle perfume celestial.

Olhava absorto e pareceu-lhe vêr, pairando no ar, os dois mortos: Damião e Thadeu. Poz-se a tremer, esgazeado, a balbuciar. De repente atirou-se de joelhos, mãos postas com fervor devoto, lagrimas rolando-lhe em fios pelo rosto.

Uma velha beata, ao vêl-o naquella attitude, a resmungar por entre soluços, revoltou-se contra a impiedade, afastando-se escrupulosamente, com asco, do immundo que profanava, com tamanha bebedeira, a Casa do Senhor.

---

**Eduardo Schwalbach**

*Poema de Amor*, peça em 4 actos.
*Auto da Barriga*, farça.
*Os Postiços*, comédia, no prélo.
*A Mulher Portuguesa.*

**Antonio Schwalbach**

*Noivado*, versos.

**Euclides da Cunha**

*A' margem da história.*

**Fialho de Almeida**

*Lisboa Galante.*
*Pasquinadas.*

**Filinto de Almeida**

*Cantos e cantigas*, versos.

**Lopes de Almeida (Afonso)**

*Terra e ceo*, versos.

**Faustino Xavier de Novais**

*Poesias.*
*Novas poesias.*
*Poesias Póstumas.*

**Garcia Redondo**

*Salada de Frutas.*
*Através da Europa.*
*Cara alegre*—Crónicas
*Conferências.*

---

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.